



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Comunicação Social - Jornalismo

Projeto Experimental em Jornalismo

Orientadora: Dione Oliveira Moura

## **A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)**

**Vinícius Pedreira Barbosa da Silva**

Brasília – DF, dezembro de 2011



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Comunicação Social - Jornalismo

Projeto Experimental em Jornalismo

Orientadora: Dione Oliveira Moura

## **A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)**

**Vinícius Pedreira Barbosa da Silva**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do professora Dione Oliveira Moura.

Brasília – DF, dezembro de 2011

SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa da

A transformação dos quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: O Jornalismo em quadrinhos. Orientação: Dione Oliveira Moura.

98 páginas.

Projeto Final em Jornalismo - Departamento de Jornalismo - Faculdade de Comunicação - Universidade de Brasília.

Brasília, 2011.

1. Gênero 2. Jornalismo 3. História em quadrinhos 4. Hibridismo



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Comunicação Social - Jornalismo  
Projeto Experimental em Jornalismo  
Orientadora: Dione de Oliveira Moura

### Membros da banca examinadora

Membros da banca	Assinatura
1. Professora Dione Oliveira Moura (Orientadora)	
2. Professor Paulo Paniago	
3. Professor Luciano Mendes	
Menção Final	

Brasília – DF, dezembro de 2011

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família,

Em especial ao meu pai e minha mãe por sempre apoiarem e incentivarem

A minha companheira pela compreensão e apoio,

Meus amigos,

A minha orientadora pela paciência,

A todos meus professores que tornaram o caminho mais fácil e prazeroso,

Aos entrevistados que contribuíram para mais essa pequena contribuição acadêmica ao Jornalismo em quadrinhos

*“Jornalista é como se fosse um médico. Só que o médico vai no paciente e remove os órgãos, eu, histórias.”*

Joe Sacco, 2007.

## RESUMO

Este trabalho busca contribuir para a discussão sobre o fortalecimento de uma nova experiência na produção jornalística, principalmente desde meados da década de 1990: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ) – também conhecido como Jornalismo Gráfico. A monografia propõe fazer uma contextualização histórica da convergência entre comunicação e arte e, essencialmente, dos quadrinhos e do jornalismo, tanto do ponto de vista dos laços estruturais – o diagrama espaço-temporal – quanto do desenvolvimento de uma nova narrativa jornalística e de um gênero híbrido, – que engloba características do jornalismo literário – o *new journalism* – e das grandes reportagens. Dessa forma, entender se e de que forma o JHQ contribui para abrir novos caminhos na prática jornalística.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero jornalístico, jornalismo em quadrinhos, jornalismo, comunicação, hibridismo, narrativas gráficas

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE IMAGENS</b> .....	Xi
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	3
<b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....	5
<b>3. OBJETO E OBJETIVO</b> .....	6
<b>4. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	6
<b>5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	11
<b>6. QUADRINHOS E JORNALISMO</b> .....	22
<b>7. A CONVERGENCIA DE LINGUAGEM DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DA LINGUAGEM DAS ARTES</b> .....	28
7.1. QUADRINHOS.....	29
7.2. O FAZER JORNALÍSTICO.....	46
7.3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA.....	49
<b>8. A INTERFACE DO JHQ COM O NOVO JORNALISMO</b> .....	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
<b>ANEXOS I: ENTREVISTAS</b> .....	65
<b>ANEXOS II (vide CD entregue)</b> .....	93
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	94
<b>WEBGRAFIA</b> .....	98



## INTRODUÇÃO

O tema central desta monografia é entender se e de que forma o JHQ contribui para abrir novos caminhos na prática jornalística. Pretendemos contribuir para o processo de maior compreensão de como tem transcorrido algumas experiências com JHQ no Brasil, e, assim, colaborar para delimitar o seu campo de estudo. Em todo o trabalho as entrevistas realizadas – com nove pessoas que tem atuado na produção de matérias em formato de JHQ ou realizado pesquisas sobre o tema – servirão de base. As entrevistas foram realizadas no intuito de dar visibilidade para a crescente produção nacional de JHQ. Com isso, pretendemos compreender como o JHQ pode estar presente nos jornais, internet, entre outros meios. Assim, repensaremos as oportunidades e tendências que o JHQ traz, bem como a reestruturação e aprofundamento de apuração do fazer jornalístico.

No primeiro capítulo – quadrinhos e jornalismo – será apresentado um histórico sobre a relação antiga entre essas duas mídias. Não pretendemos realizar uma apresentação aprofundada desse encontro por já existirem trabalhos de qualidade na área<sup>1</sup>, que cobrem muito bem o tema. Estamos contemplando aqui as histórias em quadrinho como *nona arte*, como passou a ser designada (GOMES, 2009) principalmente após o surgimento das *graphic novels*, iniciadas com o mestre das HQs, Will Eisner, especialmente com a obra *Um Contrato com Deus* (1978). Apresentaremos as características próprias de cada linguagem, de forma a identificar as nuances narrativas e gráficas do jornalismo e dos quadrinhos para, depois, compreender a mescla de ambos no JHQ.

No segundo capítulo, a partir dessa ambientação histórica, daremos ênfase à apresentação do hibridismo entre as comunicações e as artes. Abordaremos o processo de produção de notícias. Quais as técnicas em que jornalistas se baseiam para buscar as informações que serão passadas para o público? Os processos de apuração podem ser utilizados para a produção do JHQ ou são reformuladas, adaptando-se ao novo meio – os quadrinhos? Também distinguiremos os termos jornalismo de quadrinhos, em quadrinhos e com quadrinhos.

No terceiro capítulo do trabalho apresentaremos o debate sobre o JHQ poder ser considerado um gênero jornalístico ou não, procurando demonstrar uma tendência de ‘embaralhamento’

---

<sup>1</sup> DUTRA, Antonio Aristides Correia. *Jornalismo em quadrinhos: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003; DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. *Quadrinhos e Jornal – uma correspondência biunívoca*. Mídia Brasileira: São Paulo. 2000; SILVA, Fabiano Messias da, GUIMARÃES, Rafael Baldo. *Jornalismo em quadrinhos: uma análise do uso da nona arte como suporte para a narrativa jornalística*. Brasília: UnB, 2003.

(UTARD, 2003) de gêneros e linguagens desse novo meio comunicacional – que apresenta, por exemplo, características do *New Journalism* (Novo Jornalismo), fotojornalismo e cinema-documentário. Dentro desse contexto, entenderemos as dificuldades de estudos e conceituação de gêneros diante de uma prática comunicacional em constante mutação. Quais as fronteiras do que é fazer jornalismo e quadrinhos? Como se dá essa nova forma de narratividade? Como trabalhar as potencialidades desse meio? O trabalho pretende, assim, contribuir para esse crescente debate, analisando o JHQ como gênero híbrido, abarcando suas possíveis limitações e transcendências na produção de notícias e grandes reportagens.

## 2. JUSTIFICATIVA

A escolha para falar sobre Jornalismo em quadrinhos surgiu por acaso. Eu já havia tido contato com a obra de Joe Sacco em meados de 2007, mas ainda não havia relacionado ou descoberto uma possibilidade de pesquisa desse novo fazer jornalístico, afinal, ainda era calouro. No início eu havia pensado em fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre cinema – mas como não achava nada que me satisfizesse, comecei a procurar outras temáticas.

Pensando em temas por afinidades cheguei, então, aos quadrinhos e a certeza de uma análise do discurso sobre as tirinhas da Mafalda ou do Henfil. Mas, diversos estudos sobre os dois já existem e eu queria algo mais novo. Foi aí que, olhando para minha estante, à espera de uma ideia, Joe Sacco reapareceu. Comecei a pesquisar sobre JHQ e percebi que é uma área de estudo ainda em expansão e relativamente nova, pois a maioria dos *papers* e estudos que travei contato, no Brasil, começam nos anos 2000. Logo me animei e decidi fechar o tema da minha monografia. Só faltava saber o foco do trabalho. A questão dos gêneros jornalísticos foi algo que na maioria das abordagens aparecia e decidi falar mais sobre esse fazer jornalístico baseando-me em ser um novo gênero híbrido do jornalismo. Pois bem, somente a discussão sobre gêneros daria uma tese de mestrado ou doutorado e em apenas seis meses seria impossível discutir minimamente o assunto, por isso eu e minha orientadora decidimos não entrar tanto na discussão dos gêneros – tomando o JHQ já como algo híbrido – e focando um pouco mais nos processos do fazer JHQ.

Por quê? Bem, acredito que a cada nova possibilidade de linguagem, elaborar processos e procedimentos é um ótimo início para delimitar a área – seja de estudos como de práticas. Como nunca havia produzido nada no estilo JHQ, decidi, então, realizar entrevistas com pessoas engajadas com JHQ ou que alguma vez tiveram experiências no estilo para dar atualidade às discussões e, espero, poder contribuir para o crescimento da área.

### 3. OBJETO E OBJETIVO

O objetivo da pesquisa é verificar se e de que forma o JHQ contribui para abrir novos caminhos na prática jornalística.

### 4. REFERENCIAL TEÓRICO:

Muitos autores defendem que a abrangência dos quadrinhos (HQs) – entendidos aqui como arte sequencial<sup>1</sup> – podem abarcar até mesmo pinturas da pré-história. Se levarmos em conta que as histórias em quadrinhos fazem parte da necessidade que o ser humano tem de narrar situações do cotidiano e experiências de vida de forma continuada, por meio de desenhos sucessivos, podemos dizer, portanto, que as HQs tiveram sua origem há milênios, com as inscrições nas paredes das cavernas. Ao longo dos séculos, a tentativa de expressar uma espécie de progressão temporal e de movimentação pode ser vista em diversas manifestações similares – como, por exemplo, imagens pictóricas pré-colombianas, mosaicos, afrescos, tapeçarias e diversos outros suportes.

Segundo o pesquisador Antônio Aristides Corrêa Dutra (2003), a preocupação com o retrato de fatos verídicos por meio da arte sequencial teria aparecido com o espanhol Fernando Goya que, em 1806, produziu uma série de seis pequenos quadros reconstituindo um fato policial, intitulados *Fray Pedro de Zaldivia y El bandido Maragato*. Dutra também cita o caso do pintor Constantin Guys, que fez os desenhos da cobertura da Guerra da Criméia (1853 a 1856) para o jornal *The Illustrated London News*, sendo considerado pelo autor como uma das origens do jornalismo ilustrado e Guys sendo um dos primeiros repórteres-desenhistas. (DUTRA, 2003: 156)

As HQs sempre tiveram uma relação muito forte com os jornais, especialmente logo após a Revolução Industrial, quando as novas técnicas de produção em massa – pelo aparato da “reprodutibilidade técnica” (BENJAMIM, 1994) - contribuíram para uma guinada na indústria cultural e impressão de ambos. Apesar da popularidade tardia, logo após o surgimento das tecnologias para impressões, as HQs começam a ter lugar cativo nos jornais ainda no século XVIII. Desde essa época,

os jornais têm charges, cartuns e até mesmo quadrinhos. A charge inglesa desse período, inclusive, já tinha até balão. (...) Ângelo Agostini, italiano que trouxe os

---

<sup>1</sup> Principalmente nas seguintes obras: *Desvendando os quadrinhos*, de Scott McCloud (nesse livro McCloud amplia esse conceito conforme veremos mais adiante; MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993; EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

quadrinhos para o Brasil, publicava suas HQs em jornais em plena metade do século XIX. Na mesma época, o jornal americano *The National Police gazette* era fartamente ilustrado com reportagens gráfico-sequenciais. (...). Além disso, os ilustradores das matérias jornalísticas frequentemente constroem narrativas em quadrinhos para fazer a reconstituição de crimes e outros acontecimentos (DUTRA, 2003:9).

As HQs, como as conhecemos hoje, se tornaram populares apenas no final do século XIX e início do XX, período no qual explodiram como linguagem, apesar de tratar de temas restritos – baseados no humor, aventura e ficção. Foi com a criação do *The Yellow Kid* (O Menino Amarelo) no jornal americano *World*, entretanto, que as histórias em quadrinhos atingiram maior visibilidade. Nas décadas de 1920 e 1930 a indústria de revista em quadrinhos alcança certa independência dos jornais e surgem os chamados *comics* norte-americanos, que são as revistas em quadrinhos em publicações próprias.

Segundo Dutra, a convivência entre as duas linguagens também proporcionou trocas em nível estrutural. Isso porque as HQs são divididas em partes que são dispostas justapostas e juntadas lado a lado nas páginas, enquanto os jornalistas dividem os acontecimentos cotidianos em partes, junto com imagens para, depois, também serem justapostos na página.

Em ambos os casos, a página constitui uma espécie de diagrama espaço-temporal (o espaço-tempo gráfico de Cirne). Tanto a página dos quadrinhos quanto a do jornal é uma configuração espacial (bidimensional) que se articula com o tempo do objeto dessa representação. No caso dos quadrinhos, se articula com a fluidez temporal da história narrada. No caso do jornal, se articula com o ‘agora’ do mundo. (DUTRA, 2003: 12)

Ao longo do trabalho essas semelhanças e também as diferenças das narrativas e linguagens serão destacadas e analisadas para o melhor entendimento do surgimento da possibilidade de um novo gênero híbrido com o nome de JHQ, com características específicas – que não devem ser incluídas e analisadas, por exemplo, junto às aplicações (muito comuns) de técnicas quadrinísticas para a produção de infográficos, dramatizações, entre outros recursos, nos meios impressos.

Para fins desta monografia, fomos em busca de experiências de JHQ no Brasil, elencadas a seguir:

- Em abril de 1999, a repórter Patrícia Villalba e os irmãos quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá realizaram entrevista em quadrinhos, no jornal *O Estado de S. Paulo* (*Caderno 2 – Zap!*). A matéria era um encontro entre gerações de músicos: o baiano Tom Zé e o pernambucano Otto.
- Em 2007, o jornal baiano *A Tarde* publicou uma reportagem em quadrinhos fruto do

trabalho de conclusão de curso de três alunos da UFBA (Leandro Silveira, Caio Coutinho e Fábio Franco). A obra inicial apresenta aproximadamente 30 páginas sobre a história do movimento estudantil no estado<sup>2</sup>;

- A *Folha de São Paulo* publicou, em 2007, reportagem em quadrinhos de Joe Sacco com o título *Iraque: uma história em quadrinhos*

- em 2009, o jornal *Correio Braziliense* veiculou a reportagem em quadrinhos *Crack* sobre o tráfico e o consumo da droga em uma favela de Porto Alegre; Os responsáveis foram a jornalista Samanta Sallum e o ilustrador Kleber Sales;

- em 2009, a *Continuum*, revista de cultura e arte do Itaú Cultural, fez uma edição sobre futebol que continha, entre outras matérias, uma reportagem em quadrinhos sobre o Esporte Clube Juventude, de Caxias do Sul, RS. O repórter foi o jornalista Augusto Paim;

- em 2010, a *Folha de S. Paulo* enviou o jornalista Diogo Bercito para cobrir o festival de quadrinhos de Angoulême, na França, e a reportagem foi feita em quadrinhos.

- além das publicações em grandes jornais, é comum o surgimento de reportagens em quadrinhos em ambientes experimentais, como a revista online *Catorze*, do Rio Grande do Norte, que completou recentemente dois anos de existência; a reportagem *Marcha da Maconha*, na revista *Fraude*, trouxe a experiência de jovens jornalistas (Marcelo Lima, Hortência Nepomuceno, Marcel Ayres e José Benjamin Picado) cobrindo o movimento, em 2008, em Salvador. Ainda em 2008, a revista virtual *Muito*, da Bahia, publicou obra em quadrinhos sobre os Novos Baianos (vide CD anexo);

Segundo o jornalista José Arbex, essa tendência no jornalismo permite uma diluição das fronteiras entre os gêneros e as suas linguagens.

A notícia se nunca foi um ‘relato objetivo’(...)hoje funciona apenas como uma peça de legitimação de determinada ordem ou percepção de mundo. Ela é um ingrediente do “grande show” transmitido diariamente pelos oligopólios da comunicação. Ao diluir as fronteiras entre os gêneros, ao tratar o mundo como show e o show como notícia, a mídia permitiu, em contrapartida, que outras linguagens, como a dos quadrinhos, reivindicasse para si o estatuto do jornalismo. E aí se resolve o impasse aparente (ARBEX, 2011: xiv)

---

<sup>2</sup> Material completo disponível no site <http://www.portcom.intercom.org.br/expocom/expocomnordeste/index.php/JOR-2008/article/view/338>

Apesar do pioneirismo em nomear essa nova linguagem híbrida, o jornalista e quadrinista maltês Joe Sacco não é o único, tampouco o primeiro a experimentar a forma narrativa do JHQ.

Em 1988, a editora e roteirista de quadrinhos Joyce Brabner produziu um livro–reportagem em quadrinhos chamado *Brought to Light*. Como não havia ainda um nome para esse conceito, o livro foi apresentado como um *graphic docudrama* (DUTRA, 2003: 14)

Antes disso, em 1986, O fotógrafo francês Didier Lefèvre passou dois meses no Afeganistão, acompanhando uma expedição da organização Médicos Sem Fronteiras. As fotos feitas por ele e os desenhos de Emmanuel Guibert originaram mais tarde a obra *O fotógrafo*, considerada por muitos uma experiência de reportagem em quadrinhos. A principal divergência em definir a obra como matéria em quadrinhos encontra-se no fato de que a reportagem parece mais fotonovela ou fotojornalismo. Também são utilizadas ilustrações com legendas, mas sem preocupação com a linguagem e ritmo específicos dos quadrinhos. Dessa forma, pode-se dizer ser uma ilustração legendada e não quadrinho ou reportagem em quadrinhos.

Em vários países diversas experimentações também não param de surgir. Na Itália, o site *Becco Giallo*<sup>3</sup> é totalmente voltado para essas produções em quadrinhos, trabalhando apenas com HQs de investigação de grandes casos, como a catástrofe de Chernobyl. Nos EUA, o site *cartoonmovement*<sup>4</sup> também traz o JHQ, com colaboradores de diversos países, tais como Dan Archer<sup>5</sup>, Augusto Paim<sup>6</sup>, Matt Bors<sup>7</sup>, entre outros. No Japão, nota-se a primeira tentativa de fazer JHQ diariamente (site *newsmanga*<sup>8</sup>, da empresa KaBa Net), enquanto na França (revista online *XXI*<sup>9</sup>) e na Alemanha, temos, também, exemplos exemplos de jornalistas que produzem no formato JHQ – tais como Ulli Lust<sup>10</sup>.

Esse formato surge não pensado teoricamente, mas já na prática, nos traços e na apuração (...) O jornalismo em quadrinhos traz um quê de novidade, e percebe-se nele uma espécie de adaptação. Não uma mera adaptação, é bom frisar, mas sim um hibridismo comunicacional que converge diferentes linguagens a favor da informação (GOMES, 2009: 2)

Ao estudar algumas das características desse tipo de jornalismo, percebe-se a necessidade de uma conceituação do JHQ. Afinal, “(...) o estilo de reportagem realizado por Sacco não engloba a totalidade da manifestação.” (JÚNIOR, 2009: p.3) Talvez seja por isso que grande parte dos

<sup>3</sup> <http://main.beccogiallo.net/> Acesso em 10/10/2011.

<sup>4</sup> <http://www.cartoonmovement.com/> Acesso em 9/11/2011

<sup>5</sup> <http://www.archcomix.com/> Acesso em 2/11/2011

<sup>6</sup> reportagem *Inside the favelas (Part I); Inside the Maré (Parte 2)* in <http://www.cartoonmovement.com/comic/18> Acesso em 16/11/2011

<sup>7</sup> reportagem *Afghan life* in <http://www.cartoonmovement.com/comic/1> Acesso em 10/11/2011

<sup>8</sup> <http://newsmanga.com/> Acesso em 12/11/2011

<sup>9</sup> <http://www.revue21.fr/> Acesso em 3/11/2011

trabalhos teóricos divirja entre ser ou não um novo gênero jornalístico. Para alguns pesquisadores,

A falta de clareza teórica acerca da linguagem dos quadrinhos permite que, em análises superficiais e descontextualizadas, denomine-se a reportagem em quadrinhos de Sacco como um novo gênero ou ainda com esse conceito amplo de 'jornalismo em quadrinhos'. (idem)

Enquanto para outros, já podemos dizer que existe um novo gênero jornalístico bem solidificado (OLIVEIRA & PASSOS, 2006, p.5). Por isso, buscaremos diminuir essa lacuna teórica, analisando se já é possível falarmos em um gênero híbrido comunicacional, com características que podemos dizer ser gerais ou não, sempre sabendo da dificuldade, pois “na literatura da área da comunicação, a noção de gênero não aparece de forma muito clara” (BONINI *apud* COSTA, 2008: 4). Dessa forma, faz-se necessária a ponderação de Utard:

Se a tônica é incidente sobre o processo (embaralhamento), é a noção de gênero que se deve questionar. Este é o risco de ser pensado como simples tipologia de enunciados, um reservatório de formas disponíveis que se pode manipular a seu modo e não como um dispositivo sócio-discursivo que ultrapassa as intenções de quem o utiliza. (UTARD, 2003: 68)

Assim, os conceitos da hibridização de linguagem dos meios de comunicação e da linguagem das artes são essenciais nessa tentativa de delimitar o que é o JHQ e suas particularidades, já que tem-se a dificuldade de adequar a “enorme quantidade de variantes que aparecem continuamente como resultados da evolução da profissão jornalística em decorrência da proliferação de gêneros mistos e da influência dos meios audiovisuais.”(COSTA, 2008: 5)

---

<sup>10</sup> <http://www.electrocomics.com/> Acesso em 18/11/2011



## 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O primeiro passo em nossa aproximação com o JHQ foi entender como ocorre o desenvolvimento da linguagem das HQs - também conhecidas como *comics*, gibis, entre outras nomenclaturas <sup>11</sup>- dentro do jornalismo. A evolução dos gibis como linguagem e sua forma narrativa – com suas singularidades como comunicação e arte<sup>12</sup>- deu base para compreendermos como esse meio vem adquirindo uma nova forma de fazer jornalismo: o Jornalismo em quadrinhos. Para tanto, também buscamos analisar as características específicas do jornalismo – processos de produção da notícia, métodos de apuração, sua linguagem, entre outros até a o surgimento do JHQ, em uma mescla de arte sequencial e jornalismo.

Para realizar uma pesquisa de campo sobre o tema, realizamos entrevistas com nove pessoas que trabalham diretamente na área, produzindo e pensando o JHQ na prática. Pretendíamos ver como eles enxergam as produções brasileiras, a expansão pelo mundo, quais as dificuldades, soluções e tendências, em visões de dentro do mercado de trabalho. As questões que colocamos para os entrevistados giravam em torno de saber - Como trabalhar o JHQ dentro da cadeia produtiva – é possível? O que ele pode mudar na concepção do fazer jornalismo e o porquê da preferência por uma linguagem e não outra? É possível fazer JHQ como *hard news*? Quais as tendências e possibilidades mercadológicas? Existe um nível de realidade que deve ser empregado para se ter credibilidade nas informações passadas pelos quadrinhos? É um gênero jornalístico?

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas, que descrevemos a seguir:

### Primeira etapa

A primeira etapa da pesquisa consistiu na leitura de livros sobre quadrinhos, gêneros jornalísticos, artigos e teses sobre JHQ. Durante esse processo pudemos perceber que há um aumento considerável de estudos que abordam o assunto – no Brasil, especialmente, desde o ano 2000.

### Segunda etapa

---

<sup>11</sup> Suas diferenciações serão realizadas ao longo do estudo.

<sup>12</sup> Além da consequente convergência dessas formas de expressão, – mídias e artes - de acordo com Santaella em seu livro *Por que as artes e as comunicações estão convergindo?*(ver bibliografia)

A segunda parte da pesquisa constitui na realização de nove entrevistas com produtores ou pesquisadores de JHQ. O objetivo desta etapa foi entender como pode ser feita essa forma de narração jornalística e estudar as potencialidades e ressignificações dessa nova linguagem. Com isso, buscamos comparar opiniões sobre o Jornalismo em quadrinhos por quem produz na área e aqueles que pensam suas tendências, limitações e potencialidades. Para tanto, foram feitas perguntas a teóricos acadêmicos, ilustradores e estudantes que tiveram contato com essa área. Procuramos saber como eles enxergam o mercado de quadrinhos e como o Jornalismo pode se valer dessa linguagem para refazer sua prática jornalística.

Entre outras abordagens pontuadas pelos entrevistados e após uma análise inicial do trabalho do que são os quadrinhos e como é feita a prática jornalística, as entrevistas contribuem para dar mais base ao que será discutido adiante e que a monografia se propôs desde o início de sua concepção: saber como o JHQ pode ser considerado como um novo gênero híbrido jornalístico. Dessa forma, espera-se contribuir para o avanço do debate sobre essa nova linguagem, esperamos contribuir para o avanço do pensamento dessa nova linguagem e retomada de um fazer jornalístico calcado na investigação e interpretação, explicitando que o jornalismo é uma construção social e cultural da realidade e que o JHQ é mais uma forma de tratar os fatos cotidianos, sem precisar da pretensão de ser objetivo e imparcial, mas sim ser mais “sincero” sobre si mesmo, conforme Beto Leite<sup>13</sup> afirma.

As entrevistas foram realizadas, basicamente, por três meios:

- via Skype,
- presencialmente e
- via correio eletrônico.

A escolha de cada pessoa a ser entrevistada deu-se a partir de um levantamento bibliográfico de base, na medida em que os textos citavam os autores e pensadores da área e seus respectivos trabalhos. Ao ser aceito no grupo de discussão brasileiro sobre JHQ<sup>14</sup> – que possui 78 membros espalhados pelo Brasil –, criado pelo jornalista Augusto Paim, também conseguimos algumas novas informações. Os entrevistados foram:

– **Augusto Paim** é jornalista e HQ-repórter. Estudou o assunto, pela primeira vez, em sua conclusão de curso na Universidade Federal de Santa Maria (RS), com o trabalho *Análise de estratégias discursivas na narrativa de jornalismo em quadrinhos “Palestina: na Faixa de Gaza, de Joe Sacco (2007)*. Tem em seu currículo um blog só sobre quadrinhos (CABRUUM<sup>15</sup>) e duas

---

<sup>13</sup> Veja Anexo I.

<sup>14</sup> <http://br.groups.yahoo.com/group/jornalismoemquadrinhos/> Acesso em 18/11/2011

<sup>15</sup> <http://augustopaim.com.br/> e <http://cabruum.blogspot.com/> Acessos em 10/09/2011 e 11/11/2011;

reportagens em quadrinho<sup>16</sup>. Foi um dos organizadores do I Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos realizado no Brasil em outubro de 2010. É membro fundador de fórum de discussão sobre o tema; Entrevista foi feita via Skype;



Figura 1 – Primeira página do *Inside the favelas*. Íntegra no CD anexo do presente trabalho. Fonte: <http://www.cartoonmovement.com/comic/18> Acesso em 19/11/2011

– **Beto Leite** é jornalista e responsável pela reportagem sobre a história do estádio Machadão, em Natal, e as implicações das reformas para a Copa do Mundo de 2014 (o produto foi fruto do seu Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte). É um dos membros da revista cultural eletrônica potiguar *Catorze*<sup>17</sup>, onde produz e roteiriza reportagens em quadrinhos com a ajuda do desenhista Marcos Guerra; Entrevista feita por Skype.

<sup>16</sup> vide Anexos II, disponíveis no CD entregue à banca.

<sup>17</sup> <http://revistacatorze.com.br/> Acesso em 20/09/2011



Figura 2 – trecho da reportagem sobre o estádio Machado. Íntegra disponível em Anexos II, no CD do presente trabalho. Fonte: <http://revistacatorze.com.br/2009/tentativa-de-entrevista-com-beto-brant> Acesso em 8/11/2011.

– **Marcelo Oliveira Lima** é formando pela UFBA e foi um dos autores da reportagem em quadrinhos sobre a Marcha da Maconha na Bahia, em 2008<sup>18</sup>. Atualmente, está em fase de apuração da sua segunda matéria em quadrinhos – sobre o São João da Paraíba – e de elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema; A entrevista foi realizada por Skype.

<sup>18</sup> Disponível em <http://www.slideshare.net/ayres86/jornalismo-em-quadrinhos> Acesso em 28/10/2011.

– **Kleber Sales** é ilustrador do jornal *Correio Braziliense* e da premiada reportagem *Crack*<sup>19</sup>, sendo o responsável por dar vida à apuração da jornalista Samantha Sallum sobre o tráfico e consumo da droga em favela do Rio Grande do Sul. Entrevista realizada pessoalmente.

– **Anderson Araújo** é o subeditor de arte do *Correio Braziliense* e da matéria *Crack*. Entrevista feita presencialmente;

---

<sup>19</sup> Anexos II, disponível no CD da presente monografia.

PORTO ALEGRE  
Centro  
Morro Santa Tereza

CIDADE: PORTO ALEGRE, MORRO SANTA TEREZA, É LA ONDE ESTÁ FIXADA A MAIOR RESISTÊNCIA AO CRACK, TAMBÉM ONDE O TRÁFICO DOMINA OS TERRITÓRIOS QUE ABASTECEM O "CHAPAQUEIADO", A TERRA DOS "NOVA, NOTADOS", OS CHAPADOS EM CRACK.

REPORTAGEM: SAMANTA SALLUM  
ARTE: KLEBER SALES

E NÉSSA REGIÃO QUE MORA A LIDERANÇA COMUNITÁRIA QUE VIROU SÍMBOLO EM TODA A CAPITAL, GAUCHA DE LUTA CONTRA A DROGA, MANOEL SOARES, 29 ANOS, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E CONSELHEIRO NACIONAL DA CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS (CUFA)

UM DOS POUCOS A CONSEGUIR TRANSITAR POR TODA A REGIÃO E A OUSAR INFILTRAR SEUS ADESDADOS DA CAMINHADA "CRACK NEM PENSAR" PRÓXIMO ÀS BOCAS DE FUMO.

SÃO 22H QUANDO MANOEL, DEPOIS DE UM DIA DANDO PALESTRAS EM ESCOLAS E EMPRESAS, CHAMA PARA "A ENTREVISTA", ATÉ ENTÃO NUNCA LEISTA DE ESPERA A SER ENCAIXADA NA AGENDA.

MANOEL ESTÁ NO MORRO, MANDA UM TAXISTA DE SUA CONFIANÇA ME LEVAR A SEU ENCONTRO E GARANTE A SEGURANÇA.

SUA PEQUENA CASA, DE DOTS ANDRÉS, JÁ FOI ABRIGO DO TRÁFICO ANTES DE ELE SE INSTALAR NO LOCAL. HOJE É O QG DO COMBATE AO CRACK NO MORRO.

O QUARTO DA MÃE, DOMA INONETE, FOI TRANSFORMADO NUM PEQUENO TELECENTRO PARA QUE OS MENINOS DA COMUNIDADE TENHAM ACESSO ÀS MÍDIAS E AFASTA-LOS DA "MALDITA PEDRA", DIZ ELA.

CUFA

MANOEL É DESCONFIADO, ME RECEBE PORQUE SUA MÃE, A QUEM EU JÁ TINHA CONHECIDO, INTERCEDEU. "ISSO AQUI NÃO É O OLVIDADO, COMEÇAMOS O PERCURSO. "VAMOS DAR UM GIRO", DIZ ELE.

NADA DE BOLSA, GRAVADOR, CANETA. NÃO POSSO CHAMAR A ATENÇÃO, TIPO QUE PRECISO SÃO OS OLHOS E OS OUVIDOS, COMEÇAMOS O PERCURSO. "VAMOS DAR UM GIRO", DIZ ELE.

MANOEL É DESCONFIADO, ME RECEBE PORQUE SUA MÃE, A QUEM EU JÁ TINHA CONHECIDO, INTERCEDEU. "ISSO AQUI NÃO É O OLVIDADO, COMEÇAMOS O PERCURSO. "VAMOS DAR UM GIRO", DIZ ELE.

AS RUAS DO MORRO NÃO FICANDO SEM LUZ E O SILÊNCIO, AMBACADOR, SO CONSSO PASSAR POR ALI PORQUE ESTOU COM MANOEL, A PRESENÇA DELE É O SALVO-CONDUTO.

PASSAMOS A "FAZÇA DE BAZA" ENTRE A RESISTÊNCIA E O CHAPAQUEIADO

AQUI, NINGUÉM PASSA SEM SER INCONDOMADO, SEM RISCO DE BALA, MAS SÓ UMA VÍTIMA MUITO INCONVENIENTE PARA ELAS.

DE REPENTE, APARECEM OS "CHECADORES". MANOEL FECHA AINDA MAIS A CARA, E CUMPRIMENTADA, TODOS SE COMEÇAM A CONTOIDA E DOS DOTS LADOS, MANOEL NÃO GOSTA DE ENCONTRAR UM CONHECIDO QUE ELE TENTA TIRAR DO VÍCIO DO CRACK.

VOCE NÃO DEVERIA ESTAR AQUI, NÃO!

O TRAFICANTE CHEGA. ELI NÃO POSSO SER APRESENTADA, ELE ESTENDE A MÃO PARA MIM, É PRECISO RETRIBUIR, RISO DESFAZADO, TENHA SER SIMPÁTICO A MANOEL.

MANOEL NÃO ESTENDE A CONVERSA, ELÉS FICAM E NOS SEGUINOS.

JÁ É QUASE MEIA-NOITE QUANDO CHEGAMOS A UM PONTO DE TRÁFICO QUE REALIZA COM O DO TRAFICANTE DO ENCONTRO ANTERIOR.

E, AÉ, MANOEL, TÁ DE BOCA?

TÁ SABENDO QUE MATARAM GAZDINO, NÉ? TÁ SABENDO? POR ISSO, ELI É QUE TO NO COMANDO. ASORA, TO TOCANDO A MÁQUINA SÓ NO ÓLEO, SÓ NO ÓLEO... TIVE QUE AMARRAR DOTS HOJE...

COM UM FRIO NA BARRIGA, ME FAÇO DE DESINTERESSADA.

SEGUINOS A CAMINHADA, OS CACHORROS DE SUA VEM ALORÇADOS, MAS ATÉ ELÉS SE CALAM NA PRESENÇA DE MANOEL. ELE ME EXPLICA A CONVERSA DE ANTES, O GRUPO FEVIL DE TRAFICANTES MATOU O LÍDER DO OUTRO.

E "TOCANDO A MÁQUINA NO ÓLEO" É PRINTEI QUEM ROUBA E ASSALA NA PRÓPRIA COMUNITADE PARA COMPRAR CRACK. A POLÍCIA SÓ ENTRA NÉSSAS ÁREAS PARA EX-TORQUER OU CAINDO DE PAU, CONTA.

PRÓXIMA PARADA: O POSTO DE SAÚDE QUE FICA ENTRE O CHAPAQUEIADO E A RESISTÊNCIA.

NUMA ESCUINA ESPERAM PARA FAZER PROGRAMA COM O ÚNICO OBJETIVO: CONSEGUIR DINHEIRO PARA COMPRAR A PEDRA.

CHEGAMOS AO POSTO DE SAÚDE, AONDE DROGADOS VÃO PARAR, HÁ UMA PEQUENA UNIDADE PARA ATENDÊ-LOS, JÁ QUE FAZEM PARTE DO MAIOR PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA DA ÁREA.

MANOEL TAMBÉM É MUITO RESPEITADO POR LÁ, SABE DAS DIFICULDADES DOS POUCOS MÉDICOS.

O TRATAMENTO NÃO PASSA DE ALGUMAS HORAS DE SEDACÃO, ALGUNS DIAS, PARA OS QUE ESTÃO EM PIOR ESTADO. TOMAM O "SOSSEGA-LEÃO".

MANOEL PIDE PARA ENTRARMOS NA UNIDADE E VERMOS OS PACIENTES, O ESTADO EM QUE CHEGAM OS USUÁRIOS DE CRACK.

ALGO QUE A BUROCRACIA DA SECRETARIA DE SAÚDE PROVAVELMENTE ME IMPEDIRIA DE VER, MAS PARA MANOEL AS PORTAS SE ABREM.

VOLAMOS EM DIREÇÃO À CASA DE MANOEL, PARAMOS NUMA PRACA, OS BRINQUEDO ESTÃO QUEBRADOS, ALI, ENTRE A TENSÃO DO CHAPAQUEIADO E A RESISTÊNCIA, UMA FRONTEIRA QUE CHEGA A SER POÉTICA.

DÁ PARA PERCEBER QUE O DE MAIS INOCENTE CONVIVE COM O DE MAIS PERVERSO. ALI, FAMILIAS, TRAFICANTES, TRABALHADORES, VICIADOS, MANOEL ENTRA E SAÍ DE TODOS ESSES UNIVERSOS, INCOMODANDO OU AJUDANDO, O FATO É QUE ELE É RESPEITADO POR TODOS.

"DEU PARA TER UMA IDÉIA?" PERGUNTA ELE, EM TOM PROVOCATIVO. "MELHOR QUE UMA ENTREVISTA, NÉ?" IRONIZA. NÃO PRECISO NEM RESPONDER, NOS PRECISAMOS, ELE GARANTE O MEU SEGURO RETORNO ATÉ O "ASFALTO".

Figura 3 – matéria *Crack*. Fonte: acervo pessoal de Kleber Sales.

– **Juliana Reis** é formanda em Jornalismo pela Universidade de Brasília e foi responsável pela diagramação do perfil sobre Aldo Paviani, da revista *Campus Repórter*<sup>20</sup>, da Faculdade de Comunicação da mesma universidade. Na ocasião foram usados elementos gráficos típicos de quadrinhos como alternativa a ausência de fotos. A produção não pode ser considerada Jornalismo em quadrinhos, mas serve como exemplo para entendermos o Jornalismo com quadrinhos, muito frequente.

---

<sup>20</sup> SANTOS, Camila; VIANNA, Rafaella. *Planejamento da exclusão*. In *Campus Repórter* n° 7, Brasília: Faculdade de Comunicação da UnB, 2010. Disponível no endereço eletrônico <http://issuu.com/rfs.juliana/docs/campus7> Acesso em 19/11/2011

**O planejamento no Brasil acabou ou, na verdade, nunca existiu?**

Na década de 70 se tentou em algumas cidades brasileiras que as metrópoles fossem bem pensadas, grandes. Então, para o Brasil inteiro essas metrópoles foram a salvação, só que os governos metropolitanos começaram a falhar porque em locais como Porto Alegre, com 17 cidades, São Paulo, com mais de 40, ninguém queria abrir mão da gestão municipal para a gestão metropolitana, que iria gerir todos os serviços comuns: água, esgoto, eletricidade, hospitais, escolas. Você teria toda uma rede comandada por um gestor metropolitano. Não deu certo porque ninguém queria abrir mão de ter sua escola, a sua demagogia com casa própria.



**A questão da urbanização não atrai tantos votos? Por que os políticos não investem nisso?**

Todo o Brasil está organizado em termos compartimentados. Tem o Ministério da Educação, do Transporte e não tem um agregado que junte tudo para se ter uma ideia coletivizada. Chamamos isso de planejamento compreensivo, totalizante, não vendo a parte, mas o todo. Então, na questão do transporte o essencial não é quem vai te transportar de um ponto ao outro, e sim como toda a cidade se transporta. Dentro desse projeto, poderia haver um escalonamento do horário de funcionamento do comércio. Todo mundo indo às 18h para casa entope qualquer via.

**MORADORES DAS GRANDES CIDADES TÊM QUE ENFRENTAR TODOS OS DIAS ENGARRAFAMENTOS EM HORÁRIOS DE GRANDE MOVIMENTO**



**Se continuarmos nesse ritmo, o que vai acontecer com as cidades brasileiras?**

Elas seriam insuficientes. Milton Santos (geógrafo brasileiro) fala sobre a dissolução da metrópole. Tem muita gente que em vez de vir para a capital se estabelece longe, porque a capital está se fechando. As metrópoles brasileiras vão se tornar ingovernáveis. Eu diria que em 30 anos, Brasília, nesse modelo, vai se tornar ingovernável. O mesmo vai acontecer com São Paulo daqui a 10, 15 anos, porque ninguém pensou em descentralizar qualquer metrópole brasileira. Todas elas são centralizadas em termos de oferta de trabalho e serviço. Os políticos terão de governar colocando esparadrapos em uma ferida em metástase.

Figura 4 – página da entrevista com Aldo Paviani para a *Campus Repórter* nº 7. Fonte: <http://issuu.com/rfs.juliana/docs/campus7/search?q=aldo> Acesso em 20/11/2011



– **Gil Maciel** é designer, ilustrador e editor de infografia da Editoria de Arte do jornal baiano *A Tarde*, tendo ajudado na produção da reportagem em quadrinhos sobre os Novos Baianos<sup>21</sup>, produto finalista do prêmio Esso na categoria design gráfico de 2009; ele foi o responsável pela equipe de design da reportagem e pela adaptação do roteiro jornalístico da jornalista Katherine Funke; A entrevista foi realizada via Skype.



Figura 5 – página da reportagem dos Novos Baianos.. Íntegra no CD anexo do presente trabalho. Fonte: acervo pessoa de Gil Maciel

– **Rafael Baldo Guimarães** é autor, junto com Fabiano Messias, do Trabalho de Conclusão de Curso sob o título: *Jornalismo em quadrinhos: uma análise do uso da nona arte como suporte para a narrativa jornalística*, em 2003, defendida na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. A entrevista foi realizada via Skype. Resumo do trabalho:

O trabalho trata da análise do uso das histórias em quadrinhos como suporte midiático na produção de reportagens. A pesquisa é importante por mostrar novas perspectivas em se fazer jornalismo, com o objetivo de mostrar quais as principais características dessa nova linguagem que surgiu no início da década de 1990 nos Estados Unidos. As principais referências para a nossa pesquisa são os autores norte-americanos Will Eisner e Scott McCloud no campo das histórias em quadrinhos, e o jornalista e escritor Tom Wolfe, idealizador do movimento que ficou conhecido como o *new journalism*. Embora o Jornalismo em quadrinhos pareça algo fora de contexto, a pesquisa aponte que não só é possível escrever

<sup>21</sup> Anexos II, disponível no CD da presente monografia.

reportagens na forma de quadrinhos como esta é uma linguagem nova e cheia de possibilidades a serem desenvolvidas no futuro. (2003)

– **Antônio Aristides Corrêa Dutra** foi o primeiro a pesquisar o tema em nível de mestrado no Brasil, na ECO-Universidade Federal do Rio de Janeiro; foi consultor da reportagem em quadrinhos publicada pelo jornal *Extra*, do Rio de Janeiro, em 24/11/2011 (*O fim: o dia em que a bandidagem do Rio perdeu a fama de valente*), que ganhou um caderno de 16 páginas, além da capa da edição do jornal ter sido em formato de quadrinhos<sup>22</sup>; Entrevista feita via Skype. Resumo do trabalho de mestrado:

Este trabalho aborda o jornalismo em quadrinhos ou, mais precisamente, o comportamento da história em quadrinhos e suas ferramentas gráfico-narrativas quando aplicadas a finalidades jornalísticas. Desde o Século XIX já se faziam histórias em quadrinhos jornalísticas, mas o campo teórico só se definiu a partir de sua denominação, impulsionada pelos livros-reportagem em quadrinhos de Joe Sacco a partir de 1992. A análise da obra de Sacco é feita a partir do estudo de algumas passagens de *Palestina*, seu livro mais divulgado e também mais polêmico. Para situar o jornalismo em quadrinhos em uma perspectiva histórica, são analisados o surgimento do jornalismo ilustrado em meados do Século XIX (sobretudo na obra de *Constantin Guys*) e reportagens em quadrinhos anteriores à fotografia impressa, como as de Angelo Agostini. Algumas obras de outros autores imediatamente anteriores e posteriores a Sacco também são estudadas, mostrando que o jornalismo em quadrinhos é um gênero em expansão e em desenvolvimento. Também proponho que a fotorreportagem clássica seja entendida como uma narrativa gráfico-sequencial, isto é, de natureza quadrinística. Como exemplo, analiso, entre outras, uma fotorreportagem da revista *O Cruzeiro*. A fotonovela – por ser uma história em quadrinhos com fotografias no lugar dos desenhos – também é considerada aqui como mais uma possibilidade de utilização jornalística dos quadrinhos e alguns exemplos recentes mostram que esse caminho também vem sendo experimentado. Este estudo conclui-se com algumas considerações sobre as conseqüências do jornalismo em quadrinhos tanto no campo do quadrinho quanto no do jornalismo. (DUTRA, 2003: 3)

## **Roteiro das entrevistas da segunda etapa**

Perguntas gerais:

- 1) Como surgiu a ideia de trabalhar com JHQ
- 2) A escolha do suporte quadrinhos é feita de acordo com o tema da matéria?
- 3) Na sua opinião, JHQ já pode ser considerado um gênero jornalístico?
- 4) Alguns acham que o desenho deve ser realista para ser jornalismo. Como vê a questão?
- 5) A produção de JHQ ainda é feita basicamente em meios experimentais, mas já foram abertos espaços nos grandes jornais. Você acha que há espaço para uma produção constante de JHQ nos grandes jornais?
- 6) Contar um pouco mais sobre sua experiência como HQ-repórter/sobre a decisão de fazer reportagem em quadrinhos.

---

<sup>22</sup> Capa do jornal disponível no link <http://extra.globo.com/capas-jornal-extra/24-11-2011->

7) Quais os limites e potencialidades do JHQ?

8) Qual a sua relação com o JHQ e atividades posteriores?

Tais perguntas para as entrevistas não impediram a variação da forma de perguntá-las, acrescentando outras questões, de forma a explorar da melhor forma possível o perfil de cada um. Para ler a íntegra desse contato, as entrevistas encontram-se disponibilizadas nos Anexo I.

### **Terceira etapa da pesquisa**

Consiste em analisar as entrevistas em suas diferentes visões do tema, entendendo como estão acontecendo as experiências em JHQ no Brasil, as dificuldades e possibilidades. Quais as diferenças entre as práticas jornalísticas já consagradas e o JHQ, procurando trazer o que a linguagem agrega de novo ao fazer jornalístico.

## 6. QUADRINHOS E JORNALISMO

Embora os quadrinhos estejam presentes nas páginas dos jornais, configuram-se como uma manifestação artística que não possui vínculo com a prática jornalística. Esse paradigma é modificado com o surgimento da construção imagética discursiva que se convencionou chamar de ‘jornalismo em quadrinhos’. (JÚNIOR, 2009: p. 2)

Como já demonstrado, a ligação quadrinho-jornalismo é antiga, especialmente com as chamadas tiras cômicas e as charges – ambas consideradas como gêneros dos quadrinhos (RAMOS, 2009). A distinção entre as duas pode ser caracterizada da seguinte maneira: “a charge aborda temas do noticiário e trabalha em geral com figuras reais representadas de forma caricata, como os políticos; a tira mostra personagens fictícios, em situações igualmente fictícias” (RAMOS; 2009: 16). Nessa relação, as charges buscaram seu espaço e passaram a ser consideradas um gênero opinativo do jornalismo (MELO, 2003).

As primeiras publicações de quadrinhos foram realizadas principalmente nos suplementos dominicais. A partir de 1907 as tiras se tornam diárias (BIBE-LUYTEN, 1993). No entanto, até os quadrinhos se desligarem do estereótipo de ser algo para crianças e adolescentes e, em certa parte, devido suas narrativas predominantemente de aventuras, fantasias e humor, demorou. Apenas com o surgimento dos *syndicates* –, ou seja, espécie de agências distribuidoras norte-americanas, que passaram a vender suas histórias para veículos de comunicação de todo o mundo – é que isso acontece. O primeiro deles foi criado por Hearst em 1912, que depois se tornaria o *King Features Syndicate*. Um dos primeiros personagens internacionais foi Pafúncio (*Bringing up Father*), de George MacManus.



Figura 6 – capa de edição de Pafúncio. Fonte: <http://www.universohq.com/> Acesso em 2/11/2011.

Para garantir suas vendas, os *syndicates* possuem estrutura de desenhistas contratados para produzir as séries. Além disso, conservam censura interna para que o conteúdo das histórias possam ser aprovadas em qualquer sociedade, sempre a preços muito baixos.

O lucro do *syndicate* está na grande quantidade de tiras que são vendidas de uma só vez sem que se tenha que redesenhá-las. O esquema funciona até hoje, e fica fácil de imaginar como se sentem os desenhistas locais (BIBE-LUYTEN; 1993: 23)

O crescimento da aventura como tema quadrinístico aparece no período pré 2ª Guerra Mundial, quando, por exemplo, o *Super-Homem* é criado, em um projeto de propaganda ideológica. Além dos EUA, revistinhas comunistas (muito comuns no governo de Mao Tse-Tung) e nazi-fascistas também procuravam expor as medidas políticas e arregimentar apoio em suas populações. No nosso país não foi diferente, especialmente por estarmos em pleno regime Vargas, que simpatizava com o fascismo italiano de Mussolini e seu nacionalismo ufanista. Esse é o contexto no qual os quadrinhos saem do jornal para virar os conhecidos *comics books* americanos. No Brasil – cujo início do mercado editorial dos quadrinhos estava em constante disputa entre os empresários Adolfo Aizen e Roberto Marinho<sup>23</sup> – surge o Gibi<sup>24</sup> (em tupi significa “moleque”, “garoto”, “negrinho”) para concorrer com o recém-lançado Mirim (na mesma língua indígena, “pequeno”),

<sup>23</sup> JUNIOR, Gonçalo. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>24</sup> A palavra vingou até hoje, no Brasil, onde tal nomenclatura é feita quando nos referirmos a histórias em quadrinhos (no caso, geralmente às HQs com temáticas fantasiosas e de aventuras para crianças e adolescentes).

ambos trazendo aventuras essencialmente importadas.

Os *comic books* traziam (...) aventuras completas em quadrinhos, em vez dos episódios seriados semanais dos jornais, uma tradição de décadas. Como aconteceria nos Estados Unidos, esse tipo de revista iria, a médio prazo, dominar o mercado brasileiro de quadrinhos (JUNIOR; 2004: 66)

Antes dos quadrinhos serem reinventados no pós-Guerra (meados da década de 60), com preocupações críticas e reflexões sobre o mundo, como *Peanuts*, de Charles Schulz e *Mafalda*, de Quino, as HQs ainda sofreriam com a depreciação gerada pelo livro *A sedução dos inocentes*, de Frederic Wertham. Na obra, todas as mazelas e delinquências do mundo juvenil são colocadas como provenientes dos quadrinhos, sendo estes os deformadores dos bons costumes e educação das crianças. Até mesmo um selo de qualidade – indicando conteúdo inofensivo – foi criado nos EUA: os *Comics Code Authority*. Houve, então, uma “infantilização das HQs norte-americanas, reduzidas a super-heróis, personagens Disney e histórias infanto-juvenis (...)” (OLIVEIRA & PASSOS, 2006)



Figura 7 – Fonte: QUINO. *Toda Mafalda: da primeira à última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Tal processo de temas infantis e preconceito começou a ser questionado, como já visto, em meados dos anos 1960, com o aparecimento de quadrinhos mais pensantes. Nesse mesmo período, surgem os quadrinhos *underground*<sup>25</sup>.

Os quadrinhos *underground* desempenharam, então, um duplo papel: de um lado, permitiram ampliar o leque de ferramentas a serviço dos processos revolucionários [época do aparecimentos de diversas ditaduras]; de outro, operaram uma inversão maliciosa de valores ao trazer histórias sujas, cruéis e realistas para uma linguagem onde reinavam alegres bichinhos falantes e exemplares e corajosos heróis. No final das contas, esse fenômeno não se restringiu somente aos quadrinhos *underground*, projetando seus reflexos até mesmo sobre o conservador mercado de super-heróis, como o Arqueiro

<sup>25</sup> também conhecido como *comix*, em referência a corruptela dos quadrinhos de consumo norte-americanos: os *comics*. Seu principal expoente nos EUA foi o desenhista Robert Crumb, clara influência para o trabalho posterior de Joe Sacco, cujas principais características veremos adiante.

Verde, que nas mãos da dupla Denny O’Neil (roteiro) e Neal Adams (desenhos) passou por apuros mais sintonizados com a realidade (DUTRA, 2002: 8)

Nos anos 1980, surge *Brought to Light* (1989), de Alan Moore, , Joyce Brabner e Tomas Yeates, e *Maus – a história de um sobrevivente* (1986-1992), de Art Spiegelman. Segundo Dutra (2002), a primeira obra seria uma espécie de precursora do jornalismo em quadrinhos no formato das posteriores *Palestinas e Gorazde*, de Joe Sacco. Apesar de seu lançamento ter sido feito sob a alcunha de *graphic docudrama*, a obra, em especial a primeira história – *Flashpoint (the La Penca bombing)* – relata “o envolvimento da CIA no atentado para matar Eden Pastora, líder dos Contra, em 1984, na Nicarágua e em outras ações da América Latina (...) e se baseiam em investigação/testemunho dos jornalistas Martha Honey e Tony Avirgan.” (DUTRA, 2002: 9).



Figura 8 – Página de *Flashpoint – graphic docudrama* de 32 páginas. Fonte: MOORE, Alan e BILL, Sienkiewicz. *Brought to light*. Califórnia, EUA: Eclipse Books, 1989. Íntegra no CD anexo do presente trabalho.

Entra, então, a fase das biografias e autobiografias em quadrinhos, como as aclamadas *Persépolis*, de Majane Satrapi, *Gen – pés descalços*, de Keiji Nakazawa e a obra de Spiegelman: *Maus*. Este último traz uma narrativa autobiográfica baseada em entrevista do autor com seu pai judeu Vladek. A história desenvolve-se mostrando a luta de Vladek para sobreviver ao holocausto. Utilizando personagens com cabeças de animais (ratos são os judeus, alemães os gatos, americanos cães e poloneses porcos), Spiegelman conquista o *Pulitzer* e transforma de vez a imagem sobre as HQs. Aliado com o grau de sofisticação narrativa preconizado por Will Eisner, o pai da *graphic novel*, em seu *Contrato com Deus* (1978), os quadrinhos entram em um novo patamar.

A aceitação social da obra de Sacco é fruto do trabalho de precursores como Eisner e Spiegelman. Eisner conseguiu dar respeitabilidade à mídia quadrinhos por tratar temas realistas, como a vida nos cortiços ou suas experiências pessoais na guerra do Vietnã, e construir um estilo narrativo que almejava a sutileza literária e a sofisticação da narrativa sequencial entre os quadros. A influência de Spiegelman é ainda mais intensa já que Sacco utiliza-se do estilo frio e documental adotado em *Maus*. (JÚNIOR; 2009: 3)



Figura 9 – capa de *Maus – a história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman. Fonte: <http://www.universohq.com/> Acesso em 2/11/2011.



## Confusão de termos

Para evitar problemas de nomenclaturas, faremos uma breve explicação sobre as diferenças de termos entre Jornalismo em quadrinhos, de quadrinhos e com quadrinhos para que não ocorram equívocos. O primeiro termo evoca, essencialmente, a prática híbrida das linguagens jornalística e quadrinística. É obra baseada em processos de investigação jornalísticos, narrativas e técnicas dos quadrinhos para a apresentação de informações. Dessa forma, adaptações de reportagens que não foram especificamente pensadas para esse meio, como o uso de quadrinhos em infográficos, as charges, cartuns e tiras publicadas nos jornais não são JHQ. Os infográficos entrariam no que se chama jornalismo com quadrinhos – isto é, quando utiliza-se alguns dos recursos quadrinísticos para dinamizar as produções<sup>26</sup> –, enquanto charges, cartoons e tiras estão colocados dentro do gênero opinativo jornalístico (MELO, 2003) e nada tem a ver com o fazer JHQ, por não existir preocupação de produção de matéria jornalística. Em relação ao jornalismo de quadrinhos, pode-se dizer que é aquele especializado em falar sobre a linguagem e as produções da atualidade na área.

Para Rafael Baldo (2003), existem três características para diferenciar uma história em quadrinhos comum e o JHQ: ter personagens reais em situações reais; ambientação histórica fiel; e poder seguir preceitos do Novo Jornalismo. Este último foi adotado pelo fato do principal expoente, ainda hoje, do JHQ, ser Joe Sacco, que se relaciona com diversos desses conceitos e é influência para o que está sendo experimentado e testado na área. “Esses três pontos não caracterizam o JHQ, mas uma obra sem esses três pontos...na nossa visão não pode ser considerada JHQ”, diz, em entrevista para o presente trabalho, em Anexo I.

## 7. A CONVERGÊNCIA DE LINGUAGEM DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DA LINGUAGEM DAS ARTES

Na Idade Média, as artes visuais eram consideradas apenas uma espécie de artesanato prático – colocada no mesmo patamar da fabricação de móveis e sapatos. No século XVIII, as artes foram divididas em cinco “belas artes” (pintura, escultura, arquitetura, poesia e música), acabando-se com a característica utilitária e, principalmente, promovendo-as para contemplação estética, de

---

<sup>26</sup> Exemplo foi a entrevista *Planejamento da exclusão*, na revista *Campus Repórter*, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, na qual recursos quadrinísticos foram empregados como forma de suprir a ausência de fotos, como relata a diagramadora da página, a formanda Juliana Reis: “As meninas [Camila Santos e Rafaella Vianna] disseram que iam entrevistar o Aldo Paviani, que ele ia falar sobre caos urbano (...) Então a gente pensou em uma diagramação que fosse bem caótica (...) uma estética de quadrinhos. A princípio não seria o formato de quadrinhos, mas aquela coisa bem caótica (...) ilustração (...). Acho que ficou legal porque ele mudou a estética, comparado às outras entrevistas da *Campus Repórter* (...) se associa o quadrinho ao que está sendo dito na legenda ao lado” (opiniões concedidas ao autor. Vide entrevista em Anexo I).

modo a prestigiar a habilidade artística do autor e beleza da obra. Desde então, segundo Santaella<sup>27</sup>, cada vez mais “nossa cultura foi perdendo a proeminência das ‘belas artes’ e ‘belas letras’ para ser dominada pelos meios de comunicação de massa.” (SANTAELLA, 2005: 6).

A produção de produtos simbólicos começou a ser fortemente controlada, especialmente, pela proliferação de imagens para grandes quantidades de consumidores. Entre elas pode-se incluir a fotografia, o cinema, CDs, jornais, quadrinhos, entre outros, o que influenciou, também, o jornalismo, definido por Beltrão como:

Uma linguagem que, numa inversão do desenvolvimento histórico da comunicação humana, primeiro é idiomática escrita (**grafojornalismo**); em seguida, retoma, imprimindo-lhes cinesia e nova sintaxe, os signos icônicos das cavernas, dos vitrais e dos retábulos (**cinējornalismo**); logo depois, com um dardo, alveja a distância com a oralidade (**radiojornalismo**) e enfim, como um temporal, cobre as lonjuras do mundo com a imagem luminosa, o som e as vozes do acontecimento, no exato momento em que ocorre (**telejornalismo**). (...) O surgimento de um novo **medium** impõe aos demais uma reformulação qualitativa de métodos de elaboração, codificação e morfologia, a fim de que mantenha sua popularidade (...) Impõe, igualmente, uma reformulação no campo da educação do receptor que deverá ser alfabetizado na linguagem dos novos **media**, pois só assim o jornalismo alcançará sua finalidade primordial (...) informar e orientar as populações de uma região determinada e de todo o mundo.” (BELTRÃO; 1976: 14, grifos no original)

Vale lembrar que quando fala-se em quadrinhos, atualmente, não se apega apenas ao fato de ser uma forma de expressão dos meios massivos.

Considera-se quadrinhos como nona arte. Quem mais contribuiu para essa forma de expressão – encarada como algo tipicamente adolescente e ficcional – ganhasse status de arte foi Will Eisner, criador das *graphic novels*, que são histórias ricamente ilustradas e conteúdo para além de capas e super-poderes (GOMES, 2009: p.9)

Santaella (2005) divide essa evolução em três paradigmas imagéticos: o pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico. O primeiro diz respeito às imagens produzidas artesanalmente – à mão –, englobando, dessa forma, desde as pinturas nas cavernas até a escultura. O segundo refere-se a processos de captação mecânica, formas de registro do mundo visível, enquadramentos, englobando, aqui, a fotografia, vídeo, cinema, TV e holografia. O último paradigma traz as imagens “sintéticas, numéricas ou infográficas, inteiramente calculadas pela computação” (SANTAELLA, 2005: 27), influenciando diretamente numa proliferação sem precedentes de arquivamentos, transmissão e exibição de imagens – cada vez mais manipuláveis pelos programas de computadores. O jornalismo não ficou isento dessa tendência, pois: “A imagem se transformou na palavra-chave do jornalismo contemporâneo. O texto, cada vez mais, serve como mero suporte para a imagem. Isso

---

<sup>27</sup> SANTAELLA, Lucia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

vale mesmo para os jornais sérios. (...) (ARBEX, 2011: Xiii)

A hibridização e desterritorialização da cultura, que já se insinuara no dadaísmo e foi retomada na arte *pop*, atingiu seu limite máximo na pós-modernidade, muito provavelmente devido à consciência que então emergia, da globalização e das misturas que, a partir de então, tornar-se-iam constantes entre o global e o local, o passado, o futuro e o presente, o bom gosto e o *kitsch* mais deslavado (SANTAELLA, 2005: 48)

O surgimento da cultura digital ou cibercultura é outro fator importantíssimo que traz uma simbiose maior entre comunicações e artes, introduzindo a interatividade de vários produtos, desde vídeo-games a exposições.

No caso do hibridismo comunicacional entre jornalismo e quadrinhos, o resultado é uma forma diferenciada de informar, produzindo um “produto jornalístico *lento*, com *ritmo* próprio” (GOMES; 2009: 2). Tal fato ocorre observando-se que as características de cada meio ocupam territórios comuns sem perder seus contornos próprios.

Trata-se de um fluxo semiótico no qual há uma junção de diferentes linguagens que se entrelaçam e que apontam para diferentes possibilidades de abordagem jornalística e de produção de sentido. O JHQ é um devir jornalismo-HQ (...) e (...) assegura a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro (GOMES; 2008: 13)

Portanto, como visto, com a Revolução Industrial, a comunicação massiva proporcionou o início do imbricamento dessas duas áreas – artes e comunicações – à medida que as primeiras foram incorporando dispositivos tecnológicos para sua própria produção de bens culturais simbólicos. A cada nova tecnologia, o artista tem em suas mãos um meio de produção de linguagem pronto para ser explorado e experimentado, podendo ser disseminado para um número cada vez maior de pessoas. “Em síntese, a comunicação massiva deu início a um processo que estava destinado a se tornar cada vez mais absorvente: a hibridização das formas de comunicação e cultura” (SANTAELLA, 2005: 11). É o caso do jornalismo, ao se apropriar dos quadrinhos.

## 7.1 QUADRINHOS

*Pouco importa saber se HQ é ou não arte (...) O que importa é o seu poder de comunicação e a sua capacidade de revitalizar formas expressionais (CIRNE; 1971: 24)*

Apesar de já datar de três décadas, o trecho acima exemplifica o potencial que os quadrinhos possuem para renovar várias formas de expressão, inclusive a prática jornalística. Para além da discussão de realmente ser ou não arte, é importante saber como os quadrinhos funcionam

como linguagem autônoma para poder analisar melhor as narrativas, o espaço-tempo com suas respectivas decisões de enquadramentos, uso de balões, linhas, sombra, entre outros, sempre aliadas a capacidade de informar, inerente a essa mídia. Afinal, ainda segundo Cirne, “só a exploração planejada de todas as virtualidades gráficas dará aos quadrinhos uma verdadeira estética informacional” (CIRNE; 1971: 30).

Citando Tom Wolf, Will Eisner (1995) coloca os quadrinhos como mais uma forma de leitura – assim como as notas musicais, mapas, diagramas e figuras – lembrando a existência de toda uma gama de processos psicológicos para a compreensão tanto de palavras como imagens<sup>28</sup>. A hibridização natural dos quadrinhos causada pela sobreposição das letras e desenhos – de forma sequenciada e interdependente – torna possível o entendimento da obra pela interpretação visual dos leitores e percepção simultânea de elementos como perspectiva, simetria, variação de traços e o uso de regências da literatura – a gramática textual.

‘Quadrinhos’ é um termo que merece ser definido, porque se refere ao meio em si, não a um objeto específico como ‘revista’ ou ‘gibi’ (McLOUD; 2005: p.4)

Para tanto, Scott McCloud vale-se da nomenclatura usada por Eisner para descrever as histórias em quadrinhos: arte sequencial. Partindo desse ponto inicial, afirma ser necessário, pelo menos, duas imagens colocadas em sequência para serem chamadas de história em quadrinho. Expandindo esse conceito para uma “definição estilo dicionário” McCloud chega ao seguinte pressuposto: “histórias em quadrinhos são imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador” (McLOUD; 2005: 9). Tal definição engloba figuras (as imagens pictóricas) e palavras (formadas por imagens estáticas – as letras) colocadas lado a lado, em sequência determinada. A principal diferença, aqui, dos quadrinhos para seu irmão mais próximo – o cinema – seria, essencialmente, o espaço, pois

cada quadro de um filme é projetado no mesmo espaço – a tela –, enquanto, nos quadrinhos, eles ocupam espaços diferentes. O espaço é para os quadrinhos o que o tempo é para o filme. Só que você pode dizer que, antes de ser projetado, o filme é só um gibi muito, muito, muito lento! (McLOUD; 2005: 7)

De acordo com o pesquisador Álvaro de Moya<sup>29</sup> (1993) e Scott McCloud (2005), pode-se

---

<sup>28</sup> McCloud (2005) acrescenta uma característica interessante dos desenhos: o fenômeno da identificação. As figuras em forma de cartum – com poucos detalhes – estão para a fotografia assim como a universalização está para a particularização. Ou seja, o desenho é universal e qualquer humano pode se identificar com ele. Já com a fotografia isso não acontece. Tal fato dinamiza o enredo e os fatos, trazendo o leitor para dentro da história, se identificando com os personagens, o que vira mais um valor dentro do JHQ.

<sup>29</sup> Professor da Universidade de São Paulo (USP), é autor de *História das histórias em quadrinhos*, de 1987. Ele

considerar que o início da sofisticação de uma história com imagens em sequência data de 1731, com o inglês William Hogarth. A série de seis pinturas chamada *Harlot's Progress* – sobre a vida de uma prostituta – foram expostas para serem vistas somente lado a lado, como arte sequencial.

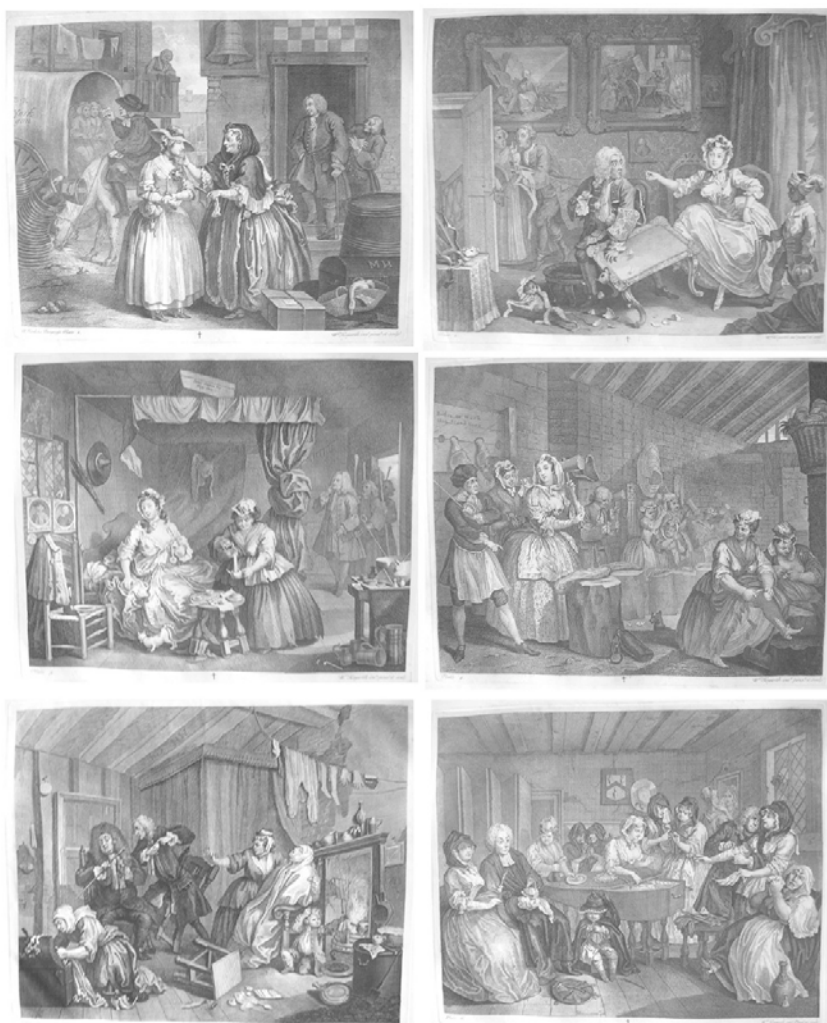


Figura 10 - *Harlot's Progress*, 1731. Fonte: [http://www.michaelfinney.co.uk/index.cfm?asset\\_id=1376](http://www.michaelfinney.co.uk/index.cfm?asset_id=1376). Acesso em 8/11/2011

Junto com Wilhelm Busch – criador de *Max and Moritz* – e o ilustrador Colomb, o suíço Rodolphe Töpffer é considerado como um dos precursores dos quadrinhos. Töpffer empregou, provavelmente pela primeira vez, caricaturas e requadros<sup>30</sup> – nome dado aos quadrados que contornam os quadrinhos – aliados com uma combinação de palavras e figuras. (MOYA; 1993: 11)

---

também foi um dos responsáveis pela 1ª Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, realizada em São Paulo, em 1951.

<sup>30</sup> Outros autores chamam esse recurso de vinheta.

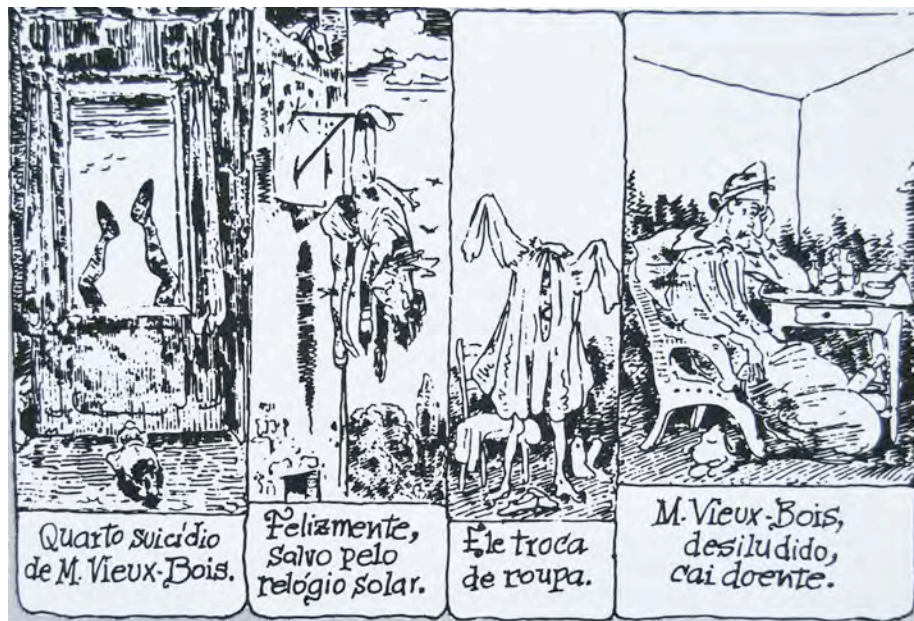


Figura 11 - *M. Vieux-Bois*, de Töpffer, 1827. Fonte: MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

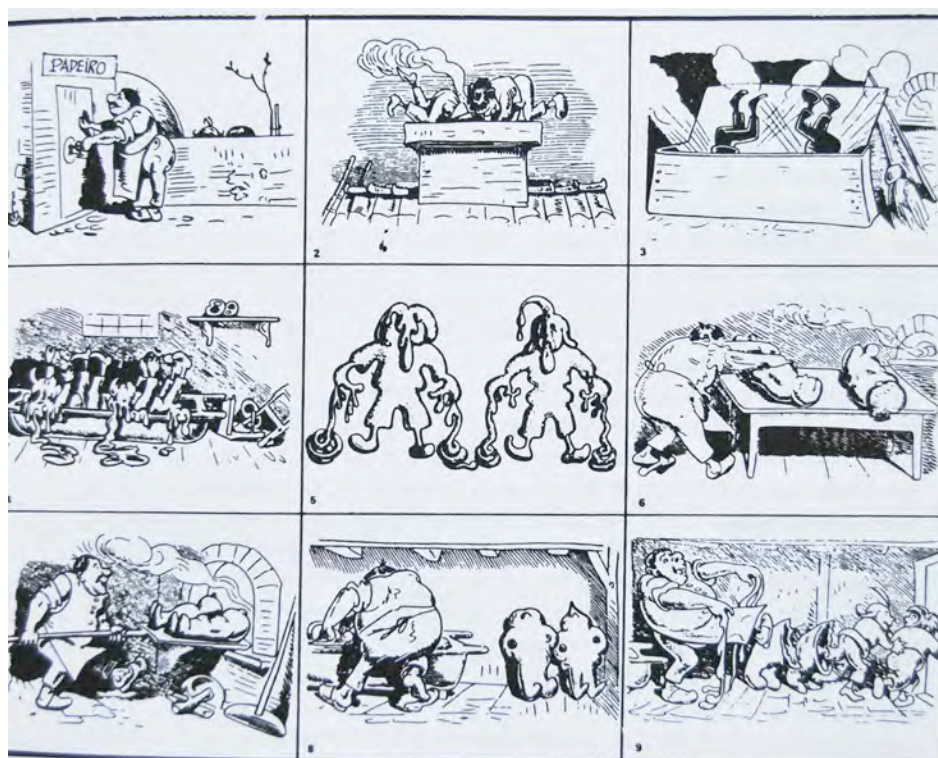


Figura 12 - *Max und Moritz*, 1865. Fonte: MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

No Brasil, Angelo Agostini é considerado o precursor das HQs (MOYA; 1993: 16). Em 1867, junto com o desenvolvimento das formas de impressões, Agostini criou a sequência *As cobranças*. Depois, em 1869, desenvolveu *As aventuras de Nhô Quim* e *As aventuras de Zé Caipora*, publicados na *Revista Ilustrada*. Agostini ainda produziu para a primeira revista voltadas

às crianças do Brasil: o *Tico-Tico*.

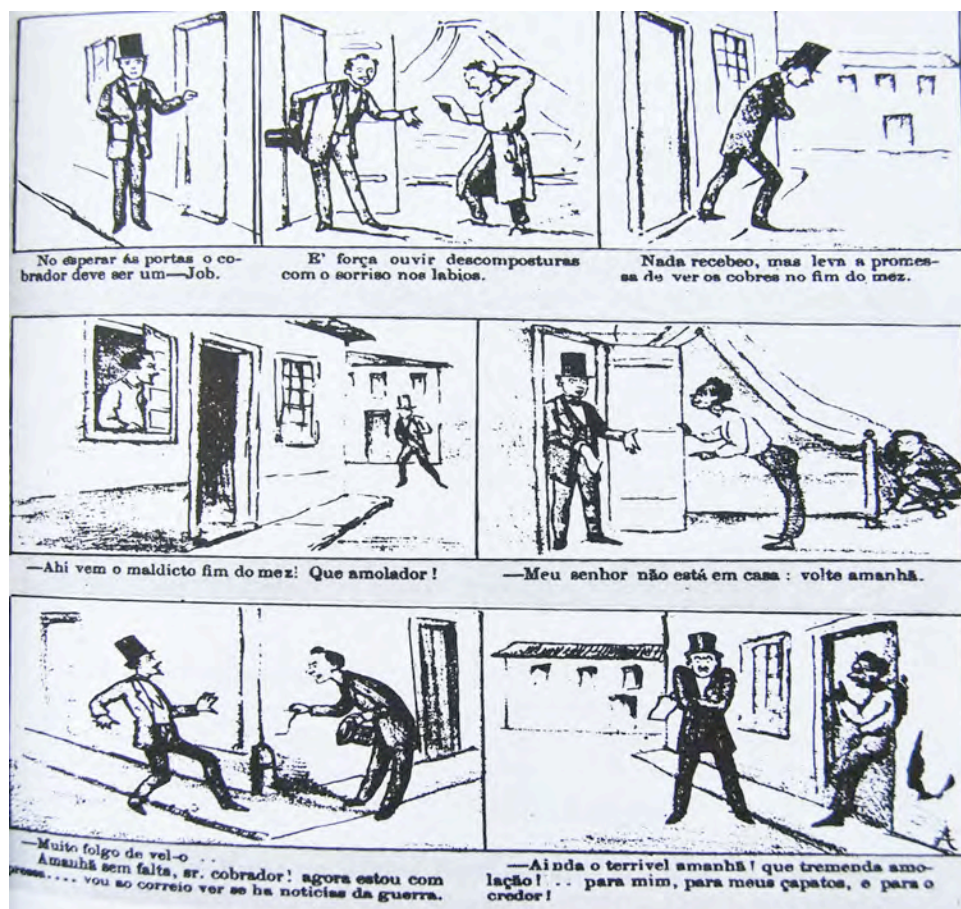


Figura 13 - *As cobranças*, 1867. Fonte: MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Com o grande desenvolvimento tecnológico para imprensa e tantas transformações nas comunicações, surge, em 1894, o personagem *Yellow Kid*, de Richard F. Outcault, considerada a primeira história em quadrinhos continuada com personagem semanal, aos domingos, e em cores, publicada no *Sunday New York Journal* (MOYA; 1993: 17). Foi o responsável pela introdução do balão nos quadrinhos – elemento essencial das HQs, conforme analisaremos mais adiante.



Figura 14 - *Yellow Kid*, 1895. Fonte: MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Dois anos depois, aparecem Os sobrinhos do Capitão (*Katzenjammer Kids*), de Rodolph Dirks, marco de quando “a narrativa quadrinizada consegue, após várias experiências, realizar um trabalho vigoroso e consolidar-se definitivamente como linguagem” (BIBE-LUYTEN, 1993: p.19).



Figura 15 - *Os Sobrinhos do Capitão*, 1897. Fonte: <http://memorial-do-bufalo.blogspot.com/2011/03/os-sobrinhos-do->



Pensando no surgimento dessa forma de expressão, Paulo Ramos traz a seguinte reflexão: “o teatro, a literatura, os quadrinhos e tantas outras formas de linguagem comporiam ambientes próprios e autônomos. Mas todos compartilhariam elementos de outras linguagens, cada um a sua maneira” (RAMOS, 2008: p.18). Com isso, mesmo que os quadrinhos tenham utilizações como, por exemplo, adaptações de obras literárias, não pode ser confundido como literatura, pois possui espaço e singularidades próprias.

Também há a possibilidade de utilizar a imagem sem o acompanhamento das palavras, de modo a explorar ao máximo a capacidade expressiva e de narração da linguagem, reforçando a ação. Em alguns casos, símbolos como “\$” e “?” são usados para reforçar o entendimento da sequência exposta. Outras importantes indicações sobre o que está acontecendo são, por exemplo, as linhas cinéticas – que trazem a ideia de movimentos – e o cenário como parte da narração, ajudando a construir uma obra em pantomima, isto é, gestual e visual.

Veremos as principais características da linguagem dos quadrinhos agora.

## Balões

Para entendermos a importância do balão para a narrativa quadrinística, podemos citar um fato simples: *fumetti* (balão) na Itália é a própria nomenclatura dos quadrinhos. São recursos de representação das falas, pensamentos dos personagens e ruídos. Robert Benayoun, em *Le Ballon dans La Bande Dessinée*, elenca 72 espécies de balão. Citado por diversos estudiosos desde a década de 1970, é possível que essa contagem, entretanto, esteja defasada. Para Eisner, os balões têm a tarefa de acrescentar “significado e de comunicar a característica do som à narrativa” (EISNER; 1995: 27).

Tornou-se a maneira visual de o personagem se apresentar em primeira pessoa, uma adaptação do conteúdo indicado por travessões e aspas nos textos literários e jornalísticos. (...) indicando também o pensamento. (RAMOS; 2009: 36)

Para Ramos, citando Acevedo (1990), o balão possui dois elementos distintos: “o continente (corpo, rabicho/apêndice) e o conteúdo (linguagem escrita ou imagem)” (RAMOS; 2009: 36). O corpo contém os elementos do conteúdo, enquanto o apêndice é o indicador de quem está falando no momento. O tipo de traço de contorno dos balões varia conforme o contexto e é o principal

definidor de algumas das suas classificações (RAMOS, 2009):

- Balão-fala: é o mais comum. Traçado contínuo, reto ou curvilíneo.



Figura 16 – balão-fala. Fonte: SCHULZ, Charles M. *You are too much, Charlie Brown, but we Love you, Charlie Brown – Vol.II*. New York: Fourteenth Fawcett Crest, 1969.

- Balão-pensamento: contorno ondulado, muitas vezes com formato de nuvem; apêndice em forma de bolinhas.



Figura 17 – balão-pensamento. Fonte: SCHULZ, Charles M. *You are too much, Charlie Brown, but we Love you, Charlie Brown – Vol.II*. New York: Fourteenth Fawcett Crest, 1969.

- Balão-cochicho: linha pontilhada para indicar voz baixa.



Figura 18 – balão-cochicho. Fonte: SOUZA, Ivan Cosenza de. *Henfil – A volta da Graúna*. São Paulo: Geração, 1994.

- Balão-berro: linhas representadas como se fosse uma explosão, sugerindo voz alta.



Figura 19 – balão-berro. Fonte: INOUE, Takehiko. *Vagabond – A história de Musashi*. São Paulo: Conrad, 2005.

- Balão-trêmulo: linhas tortas que sugerem medo ou ameaça.



Figura 20 – balão-trêmulo. Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo – Criaturas bizarras de outro planeta*. São Paulo: Conrad, 2008.

- Balão-de-linhas-quebradas: fala vinda de aparelhos.



Figura 21 – balão-de-linhas-quebradas. Fonte: SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- Balões-especiais: forma temática diferenciada. Por exemplo, para expressar a emoção de uma pessoa apaixonada são utilizados diversos corações no balão.
- Balão-vibrado: indica voz tremida



Figura 22 – balão-vibrado. Fonte: QUINO. *Toda Mafalda: da primeira à última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- Balão-uníssono: o apêndice leva a fala deles para o mesmo corpo da enunciação, significando que diferentes personagens falam ao mesmo tempo a mesma coisa.
- Balões-intercalados: dois personagens conversam e, entre a fala de um, o balão do outro é colocado antes da próxima fala.
- Balão-glacial: desprezo ou choro.



Figura 23 – balão-glacial. Fonte: QUINO. *Toda Mafalda: da primeira à última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- Balão-zero: não há contorno. Pode ou não ter apêndice.



Figura 24 – balão-zero. Fonte: SOUZA, Ivan Cosenza de. *Henfil – A volta da Graúna*. São Paulo: Geração, 1994.

- Balão - mudo: sem fala, geralmente com reticências.



Figura 25 – balão-mudo. INOUE, Takehiko. *Vagabond – A história de Musashi*. São Paulo: Conrad, 2005.

- Balões-duplos e compostos: mais de um momento de fala.



Figura 26 – balão-duplo. Fonte: KIRBY, Jack, BUSCEMA, John & LEE, Stan. *Edição Histórica: Surfista Prateado*. São Paulo: Mythos, 2005.

- Balão de apêndice cortado: indica voz de personagem fora da cena.



Figura 27 – balão de apêndice cortado. Fonte: SOUZA, Mauricio. *Mônica e sua turma – Edição Histórica*. São Paulo: Globo, 2002.

- Balão-sonho: imagens do sonho são representadas pictoricamente dentro do balão.
- Balão censurado, segundo Cirne (1971) é aquele que contém caveiras, estrelas, exclamações, entre outros, determinando o uso de palavras.
- Balão personalizado: determina, por meio da tipografia empregada, a origem do personagem (nacionalidade).

## Legendas

Primo do balão, outro recurso dos quadrinhos é a legenda. Entre suas funções, estão: representar o narrador onisciente e, em alguns casos, o narrador-personagem. Geralmente é usado para *flashbacks* e apoio à narrativa. Na maioria das vezes encontra-se no canto superior das histórias, mas sua localização na página é variada. O exemplo a seguir ilustra bem as diversas disposições desse recurso.



Figura 28 – várias legendas na página correspondendo a diálogos entre os soldados e o chefe – o professor responsável pela pesquisa da Arma X. Fonte: SMITH-WINDSOR, Barry. *Arma X*. Rio de Janeiro: Panini, 2003.

## Letreiramento

Como se percebe, as possibilidades e espécies de balões são muitas e a criação de dezenas deles para expressar emoções, pensamentos e sons continuam surgindo. Dentro desse espaço também aparece outra característica quadrinística: o letreiramento. O termo nada mais é do que o tipo de letra usado para representar as falas, trazendo diferentes valores expressivos. O letreiramento mais comum é aquele feito à mão pelo desenhista, obtendo-se efeito sobre o som e estilo de falar, causado durante a leitura.

Com o negrito, por exemplo, costuma-se dar ênfase a algum termo ou palavra, de forma a sugerir tom de voz mais alto ou emocional. Para dar a ideia de voz mais baixa, de sussurro, as letras podem ser colocadas em tamanho decrescente até sumirem. Já para provocar terror, sugestão de medo e dor, letras escorridas são as mais comuns. Mais uma vez, um leque de alternativas se abre para informar o estado dos personagens e dar dinâmica ao enredo.

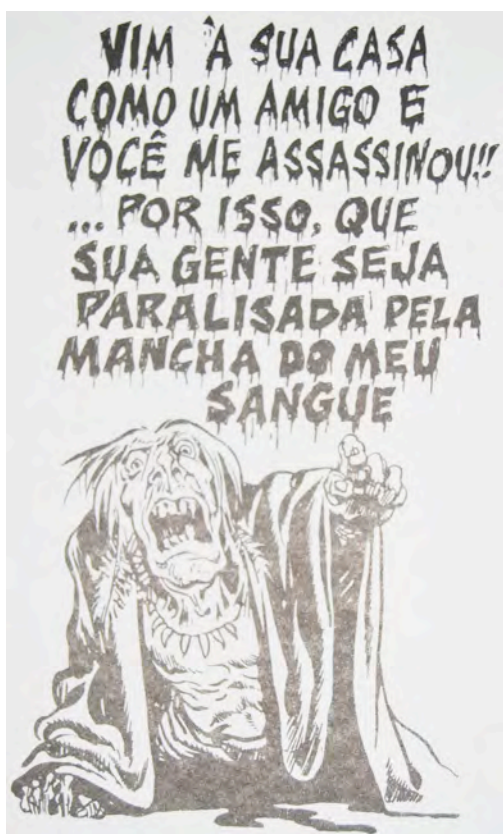


Figura 29 – Letreiramento com sugestão de assassinato. Fonte: EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

### **Onomatopéia**

São tentativas de aproximar ao máximo, dentro do quadrinho, os sons e ruídos de forma visual. São representadas por letras – o zzzzz para dizer que o personagens está dormindo – bam! Bam! trazendo a ideia de tiroteio, cocoricó (no caso brasileiro) traduzindo o canto de um galo ao amanhecer e assim por diante. Nas histórias de aventura, super-heróis e quadrinhos japoneses (os



mangás) as onomatopéias também são figuras constantes.



Figura 30 – onomatopeia simula explosão de nave em quadrinho do super-herói Surfista Prateado. Também percebemos nessa imagem a presença de outro recurso: as famigeradas linhas cinéticas dos quadrinhos, que trazem a ideia de movimento. Fonte: KIRBY, Jack, BUSCEMA, John e LEE, Stan. *Edição Histórica: Surfista Prateado*. São Paulo: Mythos, 2005.

## Requadros

Também conhecidos como quadrinhos ou vinhetas, são uma espécie de moldura para que a ação das histórias aconteçam. É recurso essencial para as narrativas das histórias em quadrinhos, pois “pode expressar algo sobre a dimensão do som e do clima emocional em que ocorre a ação (...) não é tanto estabelecer um palco, mas antes estabelecer o envolvimento do leitor com a narrativa.” (EISNER, 1995: p.46). Cenários, personagens, espaço e tempo são colocados dentro de um conjunto de linhas, que trazem os formatos necessários para aumentar a expressividade das cenas, a depender da intenção do autor e espaço disponibilizado para publicação.

O quadrinho [requadro] condensa uma série de elementos da cena narrativa, que, por mesclarem diferentes signos, possuem alto grau informativo (RAMOS; 2009: 90)

Se o desenhista optar por um traçado denteado da vinheta, ele está, provavelmente, sugerindo uma explosão e tensão emocional do personagem. Caso utilize quadrinho alongado verticalmente, quer enfatizar a ideia de altura. Para que o personagem apresente uma ameaça, os limites da vinheta podem ser quebrados para que ele saia da moldura, por exemplo. Se há ausência de requadro, tem-se a noção de espaço ilimitado, isto é, um ambiente amplo. Se o quadro corresponde a visão de um quarto por meio de fechadura, é transmitido que o protagonista da cena esteja espionando.

Outros dois tipos de requadro muito utilizados são a *vinheta-flash* ou *relâmpago* (RAMOS; 2009: 97) e o *flashback*. Esse último geralmente é indicado com um traçado mais ondulado ou sinuoso para indicar o passado. Enfim, são diversas opções de contorno dos enredos.



Figura 31 – Vinheta-flash é uma espécie de close-up, ampliando a imagem. Fonte: RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

## **Espaço, tempo e conclusão**

Quando aprendemos a ler quadrinhos, aprendemos a perceber o tempo espacialmente, pois, nas histórias em quadrinhos, tempo e espaço são uma única coisa. O problema é que não há norma de conversão. Os poucos centímetros que nos transportam de segundo para segundo numa sequência podem nos levar por centenas de milhões de anos em outra. (McLOUD; 2005: 100)

O tempo é elemento essencial em qualquer narrativa e nos quadrinhos sua importância não fica em segundo plano. Aliado à disposição dos elementos gráficos (espaço) – especialmente as vinhetas e os balões –, Cirne (1970) classifica essa relação como diagrama espaço-temporal, no qual, por exemplo, quanto maior o número de quadros, mais o recurso proporciona a noção de longa duração. Essa percepção temporal também pode ser apreendida com o uso de uma vinheta mais longa, isto é, um quadrinho maior dá sensação de ser mais duradouro (McLOUD, 2005: p.100).

Os personagens também podem demonstrar o tempo transcorrido, quando se utiliza imagem do personagem envelhecendo a cada quadro. A redução da velocidade do movimento de um personagem dançando, vendo-o quadro a quadro é outro recurso para prolongação temporal. Outra forma de brincar é explorar sua relação direta com o relato narrativo e de leitura, pois quanto mais falas um quadro tem, maior a sensação de duração daquela cena, enquanto a menor quantidade de texto, mais rápida torna-se essa percepção. Indicações dos períodos do dia (noite e dia) e do clima meteorológico (primeiro chuva e logo no quadro seguinte sol) são outras características constantes da representação espaço-tempo.

Tendo esclarecido algumas das técnicas para se medir o tempo no espaço dos quadrinhos,

pode-se, enfim, falar de uma singularidade dessa forma de expressão: a conclusão. “O público é um colaborador consciente e voluntário, e a conclusão é o agente de mudança, tempo e movimento” (McLOUD; 2005: 66). Tal método funciona com o não dito dentro daquilo que se chama sarjeta, isto é, o espaço entre as vinhetas. McLoud divide a conclusão em seis categorias:

- 1) momento-a-momento: indica uma progressão de tempo contínuo, exigindo-se pouca conclusão do leitor
- 2) ação-pra-ação: como o nome diz, apresenta apenas um tema
- 3) tema-pra-tema: permanece dentro de uma cena ou ideia, exigindo uma interação maior do leitor.
- 4) cena-a-cena: nos conduz a distâncias espaço-temporais.
- 5) aspecto-pra-aspecto: focaliza diferentes detalhes de uma mesma cena, lugar ou ideia.
- 6) non-sequitur: não há sequencia lógica na disposição dos quadros.

Para o melhor entendimento de *Desvendando os quadrinhos*, é importante enfatizar, o livro deve ser lido acompanhado pelas suas figuras – que funcionam como metalinguagem do fazer quadrinhos por ser uma obra feita em quadrinhos para falar sobre o tema). No caso do recurso conclusão, podemos ilustrar seus tipos com a seguinte imagem-resumo:

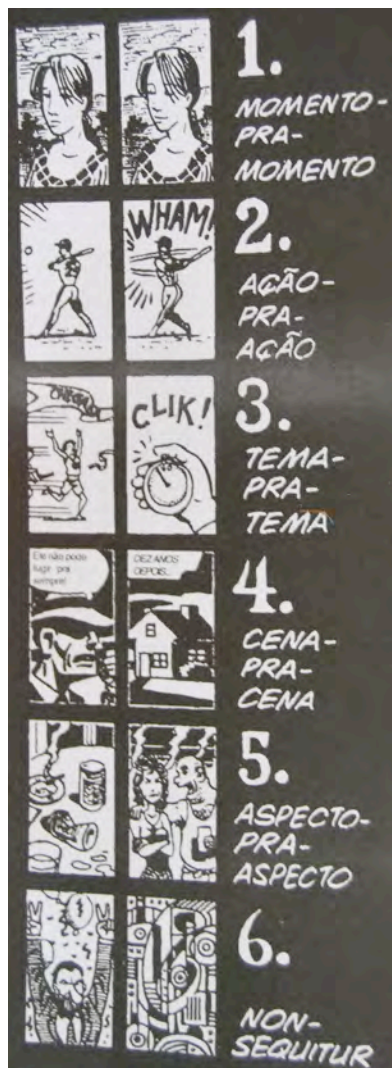


Figura 32 – McLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo:

M.Books, 2005.

## 7.2. O FAZER JORNALÍSTICO

o jornalismo é uma arte, uma técnica e uma ciência, um processo histórico, uma necessidade humana e social na sociedade de massas (BAHIA; 1967: 130)

Como falado anteriormente, a necessidade humana para expressar os acontecimentos cotidianos data desde a pré-história. Portanto, o relato de atualidades, representando o que acontece na vida, contextualizando eventos, é algo natural e desejável. Em *Os elementos do Jornalismo*, os autores afirmam que “as pessoas precisam de informação por causa de um instinto básico do ser humano, que chamamos de Instinto de Percepção” (KOVACH & ROSENTIEL; 2003: 36). Esse “instinto” seria a procura em conhecer o desconhecido, aquilo que foge ao controle e está longe da experiência local. Tais informações são um meio de dar segurança e planejamento para as vidas dos indivíduos. Além disso, nós, como seres sociais, ao obtermos, por meio dos jornais, acesso a variadas notícias, as transformamos em importante fonte de interação e reflexões para o dia a dia.

Em outras palavras, o objetivo primordial do jornalismo é a finalidade em fornecer informação às pessoas. Para que tal tarefa seja feita, existem nove elementos principais da prática jornalística, segundo Kovach e Rosentiel:

- 1) A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade;
- 2) Sua primeira lealdade é com os cidadãos;
- 3) Sua essência é a disciplina de verificação;
- 4) Seus praticantes devem manter independência daqueles que a cobrem;
- 5) O jornalismo deve ser um monitor independente do poder;
- 6) O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público;
- 7) O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante;
- 8) O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional;
- 9) Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência;

Com o intuito de que tais situações do fazer jornalístico existam são necessárias técnicas e métodos de produção e seleção daquilo que é importante divulgar. Claro que diversos fatores atrapalham a plena adoção de todas essas características, como *deadline* cada vez mais curto para colher informações e escrever a matéria – apesar dos avanços tecnológicos o tempo do jornalista não aumentou –, cortes de gastos em pessoal e consequente existência de redações cada vez mais enxutas, espaço de produção e de mercado mais segmentados e concorridos, entre outros fatores.

Outra característica muito importante do jornalismo consiste no fato de sua prática estar bastante ligada à liberdade e democracia da sociedade. “Quanto mais democrática uma sociedade, maior é a tendência para dispor de mais notícias e informações” (KOVACH & ROSENTIEL, 2003: p.37). O nascimento do fazer jornalístico moderno presente nos regimes democráticos surge baseado em três fases de desenvolvimento, segundo Traquina<sup>31</sup>. A primeira delas diz respeito à expansão da imprensa no século XIX, explodindo, logo mais, no século XX, com as novas possibilidades noticiosas do rádio, televisão e mídias *online*. A segunda fase corresponde à formação do mercado de comercialização da informação e da notícia. Ao mesmo tempo, aparece a terceira etapa, que se refere à emergência da profissionalização dos jornalistas e “consequente definição das notícias em função de valores e normas que apontam para o papel social da informação numa democracia” (TRAQUINA; 2005: 33).

---

<sup>31</sup> TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005, 2ª edição.

De acordo com Medina<sup>32</sup>, “toda matéria jornalística parte de uma pauta que pode ser intencional, procurada ou ocasional (acontecimento totalmente imprevisto) e ela tem em si a primeira força do processo, que pode ser chamada de *angulação* [grifo da autora]”. Esse termo corresponde – dentro da nossa sociedade urbana pós-industrial –, aos níveis de massa (apelos lingüísticos, seleção de fotos, entre outros, para a aceitação da população geral), grupal (matéria produzida e relacionada com os grupos políticos e econômicos da empresa) e pessoal (valorização do jornalista, que tem mais liberdade e é conceituado na redação – a “estrela” da empresa).

Apesar dessas três formas de focar inicialmente as produções, é praticamente certo que todas usarão a pirâmide invertida – também conhecida como lide. Funcionando como uma receita (JORGE; 2008: 167), tal recurso é formado pelas principais perguntas que o repórter deve responder para o leitor, de forma clara e direta. Técnica essencial do jornalismo moderno, descobrir quem, o quê, quando, onde, como e por quê aconteceu o fato é o mote de praticamente todos os meios noticiosos – dos impressos aos eletrônicos. Erbolato<sup>33</sup> acrescenta mais duas formas de apresentar uma notícia: a forma literária ou pirâmide normal – caracterizada por detalhes da introdução, fatos de crescente importância, fatos culminantes e desenlace; e o sistema misto – composto por fatos culminantes (entrada) e narração em ordem cronológica.

Segundo Wolf<sup>34</sup> e Traquina, todos esses pressupostos dos discursos jornalísticos estão incluídos no modelo teórico do *newsmaking*, que leva em consideração critérios de noticiabilidades, valores-notícia, estrangimentos organizacionais, construção de audiência e rotinas de produção. Rejeitando a teoria do espelho – referente às notícias como reflexos perfeitos do real – “a teoria do *newsmaking* propõe a construção social de uma suposta realidade.” (PENA; 2007: 128).

Os valores-notícias são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para redação, os elementos dignos de ser incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. Os valores/notícia são, portanto, regras práticas que compreendem um *corpus* de conhecimentos profissionais. (GOLDING-ELIOT *apud* WOLF; 2008: 203)

---

<sup>32</sup> MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Summus, 1988.

<sup>33</sup> ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 2001, 5ª Edição.

<sup>34</sup> WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Pena<sup>35</sup> separa tais critérios de notícia em dois grupos: valores fundamentais e valores temáticos. O primeiro tipo divide-se, essencialmente, em três:

- Atualidade: a notícia é o novo;
- Proximidade: as pessoas se interessam pelo o que está mais próximo, tanto fisicamente quanto psicologicamente;
- Notoriedade: pessoas famosas, notórias, de destaque na sociedade são focos de interesse dos leitores;

Já os valores-notícias temáticos são responsáveis pelo imediatismo e as chamadas matérias quentes, que sempre estão no noticiário. Eles são variáveis em cada veículo de comunicação, mas, no geral, podem ser compostos segundo interesses do público, tais como: sexo (englobando as relações humanas, casamentos, entre outros); poder (política, administração local e estatal, por exemplo); morte (tragédias, conflitos bélicos); saúde; trabalho; meio ambiente; arte; educação; entre outros.

### 7.3 PROCESSOS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA

A apuração de informações, a investigação, é a pedra de toque da imprensa, seu álibi, a condição que faz um relato impresso ser jornalismo, não literatura. É a espinha dorsal do trabalho jornalístico. (COSTA, 2010: 73)

Coleta de dados para escrever uma matéria, a apuração vale-se de diversas técnicas para chegar a uma informação. A primeira delas é, obviamente, a elaboração da pauta – quando pesquisa-se preliminarmente sobre o assunto. A sondagem inicial do tema ajuda a perceber a viabilidade ou não do tema. É importante lembrar que se deve estar aberto a alterações de foco durante a saída de campo, pois jornalismo não é uma tentativa de simplesmente confirmar aquilo que já foi pesquisado. Nos dias atuais de acesso a internet, agências de notícias e assessorias, o repórter deve buscar, antes de comprar as versões mais fáceis e disponíveis, outros meios de checagem de dados para realizar uma reportagem realmente profissional, que dê abertura aos conhecidos dois lados do fato. Não é fácil com o tempo escasso das redações e o jornalista deve sempre estar se reinventando, afinal, bem antes de todas essas possibilidades tecnológicas, jornalismo de qualidade também era feito.

Logo depois vem a pré-produção, período no qual as possíveis fontes, documentos e publicações sobre o assunto são avaliados segundo sua confiabilidade e credibilidade. Geralmente

---

<sup>35</sup> PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2007.

fontes oficiais e autoridades na tematica são a preferência no jornalismo, mas o aconselhável ao repórter é não se ater somente a eles. O ideal é sempre comparar as versões do fato, sabendo-se de que “aquilo que vemos na televisão ou impresso nas páginas do jornal não é ‘o’ mundo, mas ‘um’ mundo, entre muitos outros mundos possíveis” (ARBEX in SACCO, 2011: Xiii). Se os pontos de vista e análises dos entrevistados forem os mesmos, é uma forma de, pelo menos, colocar para o leitor a tendência e compartilhamento da opinião dominante sobre o assunto.

Agora a terceira fase da apuração: a produção da pauta. Aqui será realizada a checagem da informação e das versões coletadas. Após confirmar se já se tem tudo o que é necessário para escrever a matéria do jeito mais completo possível antes do fim do *deadline* é, então, a hora da pós-produção, ou seja, a redação do conteúdo – caracterizada pela exatidão (buscar o termo certo), brevidade (síntese dos fatos), clareza (para convencer da veracidade do que fala), simplicidade (quanto mais despojado, melhor o entendimento) e concisão (resumir as ideias sem repetições ou exageros). No caso, por exemplo, do rádio e TV, é importante que o texto esteja o mais próximo da coloquialidade oral para ser melhor compreendido pelos ouvintes e telespectadores. Claro, sem esquecer de ser inteligível e respeitando a norma culta da língua, isto é, sintaxe gramatical.

Para Arbex<sup>36</sup>, “o texto jornalístico deve adotar certos procedimentos que garantam, ao máximo, o rigor da informação divulgada, a fidelidade às fontes da reportagem, a precisão descritiva” (ARBEX in SACCO, 2011: Xii). Segundo Lage<sup>37</sup>, as conhecidas máximas de Paul Grice são mais um importante mecanismo a ser aplicado dentro do jornalismo, facilitando alcançar essas necessidades. São elas:

- 1) Máxima de quantidade
  - a) faça sua contribuição tão informativa quanto necessário;
  - b) Não faça sua informação mais informativa que o necessário;
- 2) Máximas de qualidade
  - a) Não diga o que acredita ser falso
  - b) Não diga algo que você não tem adequada evidência
- 3) Máxima da relação: seja relevante
- 4) Máximas da maneira
  - a) evite obscuridade de expressão
  - b) evite a ambigüidade
  - c) seja breve (evite prolixidade desnecessária)

---

<sup>36</sup> ARBEX, José Jr. *Prefácio*. In SACCO, Joe. *Palestina - edição especial*. São Paulo: Conrad, 2004.

<sup>37</sup> LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.



d) seja ordenado

De acordo com Jorge<sup>38</sup>, pode-se resumir os meios de apuração por dois viés: o direto – quando “chega-se à notícia por suas fontes: entrevistas com os autores do fato (políticos, escritores, teatrólogos, professores); autoridades responsáveis; agentes da notícia [...]” (JORGE; 2008: 100) – e o indireto (caso do conhecido *off*, que ocorre quando a fonte não quer ser identificada), as fantasias (quando o repórter, esgotado todos os outros recursos, mente sua identidade para denunciar algo, por exemplo<sup>39</sup>), as assessorias e os questionários via e-mail.

Os métodos básicos para isso foram descritos acima. No entanto, sempre com o surgimento de novas mídias repensa-se em técnicas para explorar mais a expressividade típica de cada veículo midiático. Foi assim com o radiojornalismo, com o telejornalismo e webjornalismo. O primeiro acrescentou o ao vivo, a voz, inflexão e o timbre do entrevistado, técnicas de sonoplastia, entre outras singularidades. No segundo caso, a imagem em movimento é a vedete, trazendo maior impressão de realidade, o *off* que acrescenta informações enquanto imagens ilustrativas passam ao fundo, aparecendo, também, a possibilidade de animações e dramatizações visuais para o melhor entendimento de fatos pelo público. Já no terceiro, a possibilidade de uso de textos, vídeos, sons, imagens e sua dinamicidade inerente – com links e hiperlinks para mais informações – também colaboram para a reformulação do fazer jornalístico.

As práticas jornalísticas, então, com suas formas de decupagens, roteiros para montar as reportagens também são repensados a cada nova mídia e em formulações de manuais específicos com regras e procedimentos para produção noticiosa, variáveis em cada empresa. Um jornal popular, por exemplo, terá uma abordagem diferente de um especializado em economia. Apesar das regras gerais, a atitude do repórter certamente irá variar a cada pauta, pois, apenas com a experiência o jornalista terá a capacidade de construir a sua própria metodologia de pesquisa, seu critério de checagem, percebendo aquilo que dá mais certo para seu trabalho, os facilitadores e as dificuldades.

Os métodos são em geral informais e localizados, nem sempre generalizáveis e aprendidos por osmose, na base da tentativa e do erro, raramente transmitidos por editores ou faculdades. Não há regras-padrão universalizáveis ou método de observação consensual (JORGE, 2008: 74)

Com o JHQ não é diferente. Para Augusto Paim, em entrevista ao autor (vide Anexo I) “o processo a seguir é separar o joio do trigo: o que é uma reportagem em quadrinhos bem feita e que

---

<sup>38</sup> JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca*. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>39</sup> É preciso ter cuidado para não usar tal recurso frequentemente por ferir, em muitos casos, o código de ética jornalístico

elementos dos quadrinhos que são importantes para serem usados em jornalismo” (PAIM, 2011)

O trabalho de Joe Sacco é o sinalizador para uma formação de processos de pesquisa e trabalho dessa nova narrativa, sendo um dos caminhos a ser seguido, mas não necessariamente o único. Em diversas entrevistas e em *Algumas reflexões sobre Palestina*, encontrada na edição especial de sua obra pioneira, Sacco explica seu processo de apuração.<sup>40</sup>

Realizei muitas entrevistas formais, em clássico estilo jornalístico – o que quer dizer que fazia perguntas e anotava as respostas em um caderno. Também mantive um diário, no qual, em meu tempo livre e em geral à noite, religiosamente descrevia todos aqueles episódios que não eram entrevistas – ou seja, acontecimentos, impressões, encontros e conversas passageiras daquele dia. (...) Era freqüente minhas anotações acontecerem no calor dos acontecimentos.

Nunca cheguei a escrever um roteiro geral que abarcasse toda a experiência, como costume fazer hoje. (...) Como referências visuais, tive umas poucas dezenas de fotos. (...) Também recorri aos escritos do meu diário para detalhes visuais. Por sorte, descrevi as coisas de um modo tal que me era fácil evocar aquelas imagens (...)

Em outros casos, quando conto a história de alguém em *flashbacks*, recorria às respostas das pessoas para algumas perguntas “visuais” (...) À medida que desenhava *Palestina*, também lancei mão de trabalhos fotojornalísticos publicados, para os mundanos porém essenciais detalhes que não registrei, como modelos de carros, armas, vestimentas etc. Quando surgia alguma dúvida, precisava correr para a biblioteca (...) (SACCO, 2011: págs xvii, xxii,, xxix)

Pode-se perceber, aqui, que nem todos os procedimentos utilizados por Joe Sacco são inovadores, mas há um quê de diferença de produção dentro da linguagem híbrida do JHQ, tomando-se alguns cuidados para não perder a credibilidade e, além disso, combatendo preconceitos sobre a capacidade informativa dos desenhos. “Por exemplo, ele fazia perguntas que fogem do jornalista convencional. Não precisa saber todos os detalhes. Mas, para desenhar, tem que saber para basear o mais próximo possível da realidade”, comenta Augusto Paim em relação às perguntas de Sacco para seus entrevistados.

Beto Leite, em relato para a presente monografia (vide Anexo I) acrescenta que o diferencial da apuração do jornalismo convencional para o JHQ é você assumir que a matéria é apenas mais um prisma da realidade, reassumindo o chamado jornalismo interpretativo.<sup>41</sup> Ele cita a tentativa de entrevista com o cineasta Beto Brant como exemplo, quando teve problemas para fazer a pauta render e decidiu fazer reportagem em quadrinhos para que ficasse mais interessante, demonstrando

---

<sup>40</sup> SACCO, Joe. *Palestina – Edição especial*. São Paulo: Conrad, 2011

<sup>41</sup> O gênero interpretativo por ser considerado algo que o JHQ propõe retomar. Grosso modo, o jornalismo interpretativo pode ser considerado como o jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo ou jornalismo motivacional (ERBOLATO; 1984: 31). Para Luiz Beltrão, “é um jornalismo em profundidade, à base da investigação, que começa a representar a nova posição da imemorial atividade social da informação de atualidade. Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela, própria a interprete”(BELTRÃO; 1976: 42)

o clima do encontro.



Figura 33 – trecho da entrevista da *Revista Catorze* com Beto Brant. O tom seco que Brant trata os jovens jornalistas é retratado como se eles estivessem em um deserto, dando uma dimensão interpretativa aos desenhos. Fonte: <http://revistacatorze.com.br/2009/tentativa-de-entrevista-com-beto-brant> Acesso em 18/11/2011. Íntegra no CD anexo.

É mais sincero, não preciso bancar o imparcial (...) Não é para mentir, tem que ter preocupação jornalística, tem que se preocupar. Se for para pensar que se não for realista, não é jornalismo, então é melhor fazer jornalismo em fotonovela, mas aí vai ser mais jornalismo que, por exemplo, o trabalho do Sacco? Não acho. A grande questão é o conteúdo. (LEITE; Anexo I)

Portanto, pode-se notar que a primeira preocupação do JHQ para ser aceito como jornalismo legítimo é admitir sua característica interpretativa, sua dualidade, e preocupar-se com a forma de produção da notícia, evitando descambar para a ficção e sim manter-se, o máximo possível, na esfera do real possível. Esse é o primeiro passo para garantir a credibilidade e reconhecer o Jornalismo em quadrinhos como prática jornalística.

Outras particularidades que o JHQ exige na hora da coleta de dados são: elaboração de roteiro de forma mais descritiva possível, indicando os ângulos do desenho que devem ser explorados, explicitando o que é para ser cada quadro e os elementos da narrativa sequencial. A discussão do repórter e do ilustrador é maior que do jornalista e fotógrafo, pois não é necessário que o primeiro saiba desenhar, como o caso de Sacco. Muitas das vezes o artista pode descrever uma cena na qual o repórter gastaria diversos parágrafos para fazê-lo, por isso a troca de ideias é fundamental em uma linguagem ainda em construção. Em sua entrevista para esta monografia, Leite cita a página 176 de Palestina para ilustrar essa visão.



Figura 34 – Mesmo cercado pela pobreza, com esgotos a céu aberto e constantes toques de recolher no campo de refugiados palestinos Nuseirat (na Faixa de Gaza), a fonte e guia de Joe Sacco, Ammar, demonstra o orgulho que ainda possui, insistindo em pagar o táxi. O último quadrinho, em seu silêncio expressivo, nos proporciona, com sua força visual, uma reflexão do dia a dia do lugar, gerando efeito diferente de um texto escrito. Fonte: SACCO, Joe. *Palestina – edição especial*. São Paulo: Conrad, 2011.

Para Marcelo Oliveira, Augusto Paim e Anderson Araújo, que concederam entrevistas para este trabalho, vide Anexo I, o quadrinista-ilustrador deve ter o hábito de acompanhar o repórter,

como se fosse o fotógrafo do jornal impresso ou o câmara do telejornal. Araújo acredita que esse é um cuidado ético, pois não é possível desenhar, por exemplo, um caminhão em determinado acidente, sem saber seu modelo e marca. “A cena, especificamente ali, principalmente as coisas ligadas à dinâmica do acidente, precisa de um olhar mais visual(...), se eu pegar, nesse sentido, um caminhão genérico (...) por mais que eu não tenha intenções de inventar, o que estarei fazendo na prática é inventar”, diz. Ele explica que o repórter deve fazer entrevistas com as fontes oficiais, testemunhas, entre outros, enquanto o desenhista busca pegar detalhes do que aconteceu para poder expressar o fato, da forma mais próxima possível do real, na ilustração.

Se o ilustrador não puder acompanhar o repórter, Kleber Santos, em entrevista ao autor, vide Anexo I, indica o caminho: muita pesquisa iconográfica em fotos, internet e livros, por exemplo, de maneira que se tenha todos os instrumentos para dar o clima e informar algo com os desenhos. “Temos que resumir visualmente assim como vocês fazem em texto. E nem sempre eu vou pegar a sua visão que você tem de texto e isso vai me dar os dados que preciso acrescentar. Não é legal você repetir os dados [nos desenhos] que já estão na matéria [escrita]”, relata. Já Beto Leite, ao explicar seu processo de produção da reportagem sobre o estádio Machadão, em Natal (RN), em 2009, garante ser uma singularidade do JHQ o fato de que “a gente tem que falar muito com as pessoas. Temos que falar muito para, às vezes pegar uma imagem, entendeu? (...) É um trabalho muito minucioso.”

Ao que Aristides Dutra – em relato para o presente trabalho (vide Anexo I) acrescenta uma questão a ser pensada quando se faz reportagem em quadrinhos: a qualidade da informação, pois, se notarmos que ela é inferior a uma reportagem tradicional, não faz sentido produzi-la. Apenas é proveitoso entrar nesse ramo se a matéria agregar algo ao fazer jornalístico (vide anexo II). Visão essa corroborada por Dan Archer que – em entrevista para a matéria *Jornalismo em quadrinhos: os filhos de Joe Sacco*, na Revista da Cultura de março de 2011<sup>42</sup> – coloca, como uma das virtudes do JHQ, “a habilidade de condensar notícias áridas em uma forma visualmente atraente e fácil de compreender (...) colocar o leitor dentro do personagem, ver os acontecimentos sob sua perspectiva; colocar visualmente lado a lado fatos sobre um mesmo evento, ou mesmo sobre dois períodos distintos; e incorporar elementos como diagramas e gráficos no contexto da narrativa.” Na mesma matéria, outro jornalista em quadrinhos, o italiano Carlo Gubitosa afirma que “uma entrevista misturando texto, imagens e quadrinhos pode levar você mais perto do entrevistado; uma reportagem sobre lugares em que nenhuma câmera consegue ir (como zonas de guerra) pode ganhar uma ‘vida gráfica’ só com a ajuda dos quadrinhos”. Portanto, é notável as possibilidades de ampliação do fazer jornalístico com o JHQ.

---

<sup>42</sup> PAIM, Augusto. *Jornalismo em quadrinhos: os filhos de Joe Sacco*. Disponível em

some of them are running, heads going on, the  
 bus is blocking the road, behind the bus the smoke  
 rises, some sounds are faintly heard, more running,  
 at then they're mulling about again, and suddenly  
 some running and throwing stones, past the bus, over  
 the bus, there's more gunfire, tat-tat-tat-tat-tat,  
 some who've thrown are running, others are throwing,  
 at last one a girl, things seem to quiet, I'm  
 sitting out at a small cafe or juice bar, some of the  
 what are coming right past me, it's quiet, a  
 car comes from the other end, caught in a jam, a  
 car or two land close by, it gets out of there,  
 as back again, right by, past the bus, a youth  
 throws a stone over the bus in their direction, <sup>it's a</sup> <sup>little higher</sup>  
 a young girl throws another for good measure,  
 a bus arrived, a couple of soldiers, one of them  
 a Yemenite, comes down the road, they're checking  
 one of the shops, keeping their eyes peeled, their M-16s  
 ready to go, they back out, a couple of army  
 aides have joined up, <sup>the soldier</sup> ~~they~~ stop a young man with a  
 bicycle, they make him put it down, has being  
 a soldier has another youth, he puts him  
 to the back of the truck, the show appears to be

over, 'El Quds! El Quds! Man, in an effort  
 my attention has been pumping, in 15 minutes  
 I'll be in Jerusalem, out of the war zone, what  
 a relief, we went stopped at the checkpoint  
 ahead, back to the quiet of Jerusalem, but  
 there I find the soldiers making a vendor  
 empty out his basket of meat, you never see  
 leave it behind.  
 I stay at the hotel, I head for Bethlehem  
 I see Jerd. I'm now in Manager Square, what  
 an eerie place, a Christian church over the  
 megaphones, a deserted square except for  
 soldiers, the old tourists trying to get through  
 the security checks to the Church of the Nativity  
 What a land!  
 Jan 19:  
 Spent the rest of ~~the~~ <sup>my</sup> time in Bethlehem walking  
 around with a young woman Isam. Then to Beer  
 Sheva, I met Ahissar, not for much info  
 really, we had coffee, I forgot my umbrella  
 missed the last bus, paid 23½ shekels to get  
 back to Jerusalem. A disaster! Yes, indeed!  
 But life goes on, despite my tenuous financial

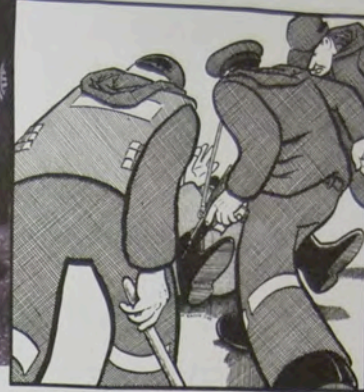
Figura 35 – caderno de anotações de Joe Sacco. Fonte: SACCO, Joe. *Palestina – edição especial*. São Paulo: Conrad, 2011.

<http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc44/index2.asp?page=materia1> Acesso em 10/09/2011.

PALESTINE #1	PALESTINE #2	PALESTINE #3	PALESTINE #4	PALESTINE #5	PALESTINE #6
<p>A GENERAL INTRODUCTION</p> <p>THE IDEA OF GETTING THERE</p> <p>ONE PERCEPTIONS OF THE AREA, TEL AVIV</p> <p>OUR IDEAS, THE ISRAELI NOT WANTING TO KNOW</p> <p>JERUSALEM/BETHLEHEM AS A THRILL, THE PERCEPTION</p> <p>AN OPENING DEALING WITH THE ELEMENT OF OVERDOSE</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• RABAH MOTHER</li> <li>• WENTZI AND THE BABY</li> <li>• WANTING TO SEE RAMALLAH</li> <li>• EXHAUSTION BECAUSE OBSESSION IS IN ALL LEVELS, NOT A MAKE-UP AND GOODBYE</li> <li>• TAXI DRIVER TO JERUSALEM</li> </ul> <p>(CAIRO)</p> <p>GETTING THERE</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• ISRAEL</li> <li>• NEREL</li> <li>• BALFANE DEC.</li> <li>• CHODUS (THE MAN OF THE HOUSE)</li> <li>• CRUISE</li> </ul> <p>AN AMERICAN JEW PERCEPTION I</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• KINGSDORFER, TOWNSHIP</li> <li>• ISRAEL AS RECEIVED</li> <li>• POLICE HAVING PIC. TAKEN</li> <li>• JOURNALISM ON BUS</li> <li>• 2 ISRAELI GIRLS</li> </ul> <p>PERCEPTION II</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• NABI CITY</li> <li>• BETHLEHEM</li> </ul>	<p>OCCUPATION</p> <p>ID CAMPS,</p> <p>TACE'S FOR CAUCASIA, (MATHUS KID IN AMM)</p> <p>THE OCCUPATION</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• TANKS AND HANGING, SOMETHING WILL HAPPEN.</li> <li>• NABULUS PARADE OF PAW</li> </ul> <p>HEBROON #1</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• SETTLEMENTS</li> <li>• BIG HILL, ICEE MENTALITY</li> <li>• LINES IN ROAD TO DIRECT.</li> <li>• SECONDS TIME IN HEBROON</li> </ul> <p>AL-ITTIHAD</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• IDF</li> <li>• HOSPITALS</li> </ul> <p>CURFEW (Hain in Nabulius)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• ABU CURFEW</li> <li>• GULF WAR</li> </ul> <p>ABUD</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• OLIVE TREES</li> <li>• SETTLER ATTACK</li> <li>• HOUSE DEMOLISHED</li> <li>• MARTYRS</li> </ul> <p>THE BUS HOME</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• GAZA TOMATOES</li> <li>• ARAFAAT SUVICIUM</li> <li>• ECONOMICS</li> <li>• LABORERS</li> <li>• BACKYARD BAKING</li> <li>• UNEMPLOYMENT</li> </ul> <p>HEBROON CAMPS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• BALATA CAMP</li> <li>• ROUNDTABLE</li> </ul> <p>SCHOOL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• DEMO E. JAW.</li> <li>• BALATA CAMP</li> <li>• NIGHT</li> <li>• SCHOOL</li> <li>• HOTHEAD</li> </ul> <p>HATIM</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• ABUD</li> </ul>	<p>FACTIONS</p> <p>ISLAM</p> <p>WOMEN</p> <p>FIGHTING BACK</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• PEACE PROCESS</li> <li>• GULF WAR</li> <li>• PLO</li> </ul> <p>VALLEY OF HIBRID</p> <p>FACTIONS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• YASSIN ARAFAT</li> <li>• PLO (LOVE FOR)</li> <li>• GEORGE HIRASH</li> <li>• LIKE LEHAWON?</li> <li>• UNDESHIP?</li> <li>• PARTY LINE</li> <li>• ACCOUNTANT</li> </ul> <p>LIBERATION</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• SCUDI</li> <li>• SPUNEM</li> <li>• SADDAM</li> </ul> <p>FIGHTERS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• FIGHTING TOWARD JOW.</li> <li>• HAVING TO WATCH IT.</li> </ul> <p>ISLAM</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• HEJAB</li> </ul> <p>WOMEN</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• EXPLUSION, DEMO.</li> <li>• TAX RESISTANCE</li> </ul> <p>CONCEPT</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• NABULUS</li> <li>• HEBROON</li> <li>• [DCA]</li> <li>• BALATA CAMP</li> <li>• HATIM</li> <li>• WHERE IS HONS.</li> <li>• ABUD</li> </ul> <p>HEBROON</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• FIRST TRIP</li> <li>• NUSRAF TOMATOES</li> <li>• HEBRA</li> </ul>	<p>GAZA</p> <p>LIFE IN PRISON</p> <p>3/1/90</p> <p>2,500</p> <p>1,500</p> <p>1,000</p> <p>500</p> <p>200</p> <p>100</p> <p>50</p> <p>25</p> <p>12.5</p> <p>6.25</p> <p>3.125</p> <p>1.5625</p> <p>0.78125</p> <p>0.390625</p> <p>0.1953125</p> <p>0.09765625</p> <p>0.048828125</p> <p>0.0244140625</p> <p>0.01220703125</p> <p>0.006103515625</p> <p>0.0030517578125</p> <p>0.00152587890625</p> <p>0.000762939453125</p> <p>0.0003814697265625</p> <p>0.00019073486328125</p> <p>0.000095367431640625</p> <p>0.0000476837158203125</p> <p>0.00002384185791015625</p> <p>0.000011920928955078125</p> <p>0.0000059604644775390625</p> <p>0.00000298023223876953125</p> <p>0.000001490116119384765625</p> <p>0.0000007450580596923828125</p> <p>0.00000037252902984619140625</p> <p>0.000000186264514923095703125</p> <p>0.0000000931322574615478515625</p> <p>0.00000004656612873077392578125</p> <p>0.000000023283064365386962890625</p> <p>0.0000000116415321826934814453125</p> <p>0.00000000582076609134674072265625</p> <p>0.000000002910383045673370361328125</p> <p>0.0000000014551915228366851806640625</p> <p>0.00000000072759576141834259033203125</p> <p>0.000000000363797880709171295166015625</p> <p>0.0000000001818989403545856475830078125</p> <p>0.00000000009094947017729282379150390625</p> <p>0.000000000045474735088646411895751953125</p> <p>0.0000000000227373675443232059478759765625</p> <p>0.00000000001136868377216160297393798828125</p> <p>0.000000000005684341886080301486968994140625</p> <p>0.000000000002842170943040150743484497072265625</p> <p>0.0000000000014210854715200753717422485361328125</p> <p>0.00000000000071054273576003768587112426806640625</p> <p>0.000000000000355271367880018842935562134403203125</p> <p>0.0000000000001776356839400094214677810672015625</p> <p>0.00000000000008881784197000471073389053360078125</p> <p>0.000000000000044408920985002355366945266800390625</p> <p>0.0000000000000222044604925011776834726334001953125</p> <p>0.00000000000001110223024625058884173631670009765625</p> <p>0.000000000000005551115123125294420868158350048828125</p> <p>0.0000000000000027755575615626472104340791750244140625</p> <p>0.0000000000000013877787807813236052170395875122072265625</p> <p>0.00000000000000069388939039066180260851979375611131328125</p> <p>0.000000000000000346944695195330901304259896877816640625</p> <p>0.000000000000000173472347597665450652129948438903203125</p> <p>0.00000000000000008673617379883272532606497421947015625</p> <p>0.000000000000000043368086899416362663032487109735078125</p> <p>0.0000000000000000216840434497081818315162435548869390625</p> <p>0.00000000000000001084202172485409091575812177744346953125</p> <p>0.0000000000000000054210108624270454578790608887217328125</p> <p>0.000000000000000002710505431213522728939530444368640625</p> <p>0.0000000000000000013552527156067613644697652221843203125</p> <p>0.00000000000000000067762635780338068223488261109216015625</p> <p>0.00000000000000000033881317890169034111724130554608078125</p> <p>0.000000000000000000169406589450845170558620652773040390625</p> <p>0.0000000000000000000847032947254225852793103263865201953125</p> <p>0.00000000000000000004235164736271129263965516319326009765625</p> <p>0.000000000000000000021175823681355646319827581596630048828125</p> <p>0.0000000000000000000105879118406778231599137907983150244140625</p> <p>0.00000000000000000000529395592033891157995689539915775122072265625</p> <p>0.00000000000000000000264697796016945578997844769957887561131328125</p> <p>0.000000000000000000001323488980084727894989223849989437806640625</p> <p>0.000000000000000000000661744490042363947494611924999468903203125</p> <p>0.0000000000000000000003308722450211819737473059624999734451015625</p> <p>0.00000000000000000000016543612251059098687365298124999867255078125</p> <p>0.0000000000000000000000827180612552954934368264906249999336277390625</p> <p>0.00000000000000000000004135903062764774671841324531249999672551453125</p> <p>0.000000000000000000000020679515313823873359206622656249999836277265625</p> <p>0.0000000000000000000000103397576569119366796033113281249999918138828125</p> <p>0.000000000000000000000005169878828455968339801655664062499999590694140625</p> <p>0.0000000000000000000000025849394142279841699008278320312499999795347015625</p> <p>0.0000000000000000000000012924697071139920849500413961015624999998976735078125</p> <p>0.00000000000000000000000064623485355699604247500206980781249999994883675390625</p> <p>0.00000000000000000000000032311742677849802123750010494039062499999974418376953125</p> <p>0.000000000000000000000000161558713389249010618750005247019531249999998720918828125</p> <p>0.000000000000000000000000080779356694624505309375000262350976562499999993604594140625</p> <p>0.00000000000000000000000004038967834731225265468750001311754882812499999996802297015625</p> <p>0.00000000000000000000000002019483917365612632734375000065587744140624999999984011485078125</p> <p>0.0000000000000000000000000100974195868280631636718750000327938720722656249999999920057425390625</p> <p>0.00000000000000000000000000504870979341403158183593750000163969360362812499999999600287126953125</p> <p>0.00000000000000000000000000252435489670701590916796875000008198468018140624999999998001435634765625</p> <p>0.000000000000000000000000001262177448353507954558484375000004099234009072265624999999999000717817390625</p> <p>0.00000000000000000000000000063108872417675397727924218750000020496170045362812499999999950003589086953125</p> <p>0.00000000000000000000000000031554436208837698893962109375000001024808502268140624999999999750017945434765625</p> <p>0.000000000000000000000000000157772181044188494469810546875000000512404251134031249999999998750008972717390625</p> <p>0.0000000000000000000000000000788860905220942472349052734375000000256202125567015624999999999937500044863586953125</p> <p>0.0000000000000000000000000000394430452610471236174526367187500000012810106278350781249999999996875000224317934765625</p> <p>0.000000000000000000000000000019721522630523561808726318359375000000064050531391753906249999999998437500112158967390625</p> <p>0.0000000000000000000000000000098607613152617804043631596875000000032025265695877015624999999999971875000560794836953125</p> <p>0.00000000000000000000000000000493038065763089020218157984375000000016012632847938507812499999999998593750002803974184765625</p> <p>0.0000000000000000000000000000024651903288154450109078997187500000000800631642396925390624999999999982968750001401987092390625</p> <p>0.0000000000000000000000000000012325951644077225054539498937500000000400315821198462695312499999999999148437500007009935461953125</p> <p>0.00000000000000000000000000000061629758220386125272697494687500000002001579105992313476562499999999995721875000035049677309765625</p> <p>0.0000000000000000000000000000003081487911019306263634874734375000000100078955299615673906249999999999886093750000175248386548828125</p> <p>0.00000000000000000000000000000015407439555096531318171873671875000000050039477649807836953124999999999994304687500000876241932744140625</p> <p>0.000000000000000000000000000000077037197775482656590859368359375000000250197388249039184765624999999999971523437500000438120966372072265625</p> <p>0.000000000000000000000000000000038518598887741327945429684179687500000125098694124519587390624999999999985761718750000021906048318603628125</p> <p>0.000000000000000000000000000000019259299443870663972714842089843750000006254934706225978939062499999999998288085937500000109530241593018140625</p> <p>0.0000000000000000000000000000000096296497219353319863574210449418750000031274673531129893906249999999999914440429696548828125</p> <p>0.000000000000000000000000000000004814824860967665993178710224970937500001563733676562249493906249999999999872202148482744140625</p> <p>0.00000000000000000000000000000000240741243048383299658935511248546875000007818668382811247469531249999999999981101074241372072265625</p> <p>0.0000000000000000000000000000000012037062152416914982946775562427343750000390933419140573906249999999999955505371068603628125</p> <p>0.000000000000000000000000000000000601853107620845749147338778113671875000019546670957253695312499999999999777526855343018140625</p> <p>0.0000000000000000000000000000000003009265538104228745736693890568359375000097733354786268476562499999999999688763427671509072265625</p> <p>0.000000000000000000000000000000000150463276905211437286834694528417968750000488666773931342390624999999999998443817138357546953125</p> <p>0.00000000000000000000000000000000007523163845260571861434173226421896875000024433338696567119587390624999999999999722218669167877390625</p> <p>0.00000000000000000000000000000000003761581922630285930717186613210948437500012216669348283595873906249999999999998611093345889390625</p> <p>0.0000000000000000000000000000000000188079096131514296535859330655047241875000061083346741417958739062499999999999994055466724446953125</p> <p>0.0000000000000000000000000000000000094039548065757148267929665327523621875000030541673370723958739062499999999999980277283362234765625</p> <p>0.000000000000000000000000000000000004701977403287857413396483266376181093750001527083668536197958739062499999999999994013864166117390625</p> <p>0.0000000000000000000000000000000000023509887016439287066982416331880905468750007635418342680989587390624999999999999980069320805889390625</p> <p>0.000000000000000000000000000000000001175494350821964353349120816594045234375003817709171344449495873906249999999999999800346604029446953125</p> <p>0.00000000000000000000000000000000000058774717541098217667456040827970226187500190885455672224749749587390624999999999999980017330201472390625</p> <p>0.00000000000000000000000000000000000029387358770549108833728020413985113093750095442727836112474974958739062499999999999999800086651007361953125</p> <p>0.000000000000000000000000000000000000146936793852745544416864010206992556468750477213639180624749749587390624999999999999998000433255036809765625</p> <p>0.00000000000000000000000000000000000007346839692637277220843200510349927782343752386068195901247497495873906249999999999999980002166275174048828125</p> <p>0.0000000000000000000000000000000000000367341984631863861042160025516996389117187511930340975062474974958739062499999999999999800010831375870244140625</p> <p>0.0000000000000000000000000000000000000183670992315931930521080012758498194558593755965170487531247497495873906249999999999999980000541568793522072265625</p> <p>0.00000000000000000000000000000000000000918354961579659652605400063792490972792968752982585242656247497495873906249999999999999980000270784396761131328125</p> <p>0.00000000000000000000000000000000000000459177480789829826302700031896245486396484375149129271328124749749587390624999999999999998000013539219838056640625</p> <p>0.0000000000000000000000000000000000000022958874039491491315135001594812274319822421875745646366406247497495873906249999999999999980000067696099190283203125</p> <p>0.000000000000000000000000000000000000001147943701974574565756750079740613719611110937537282318320312474974958739062499999999999999800000338480495951416015625</p> <p>0.0000000000000000000000000000000000000005739718509872872828783750398703068598055554687518641159156247497495873906249999999999999998000001692402479757080078125</p> <p>0.000000000</p>		







ACIMA: mulher manifestante é derrubada por policiais militares. Esta é daquelas fotos que uma agência de notícias teria comprado se mostrasse os rostos. Eu, ao contrário, gostei da ausência de faces e desenhei dessa forma [p. 55].

CENTRO: Machado deixado por colonos em um ataque a um vilarejo palestino. Aparentemente, um colono israelense usou-o para quebrar o vidro de uma porta e o derrubou depois de cortar-se nos cacos [p. 64].



ABAIXO: Funeral de Mustafa Akkawi, palestino de 36 anos, morto de um ataque cardíaco durante um interrogatório, após o que seus captores israelenses denominam "pressão física moderada" [p. 99].

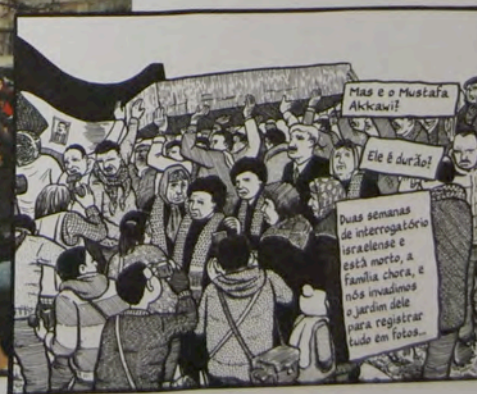


Figura 37 e 38 – Algumas das fotos que basearam os desenhos de Joe Sacco. Fonte: SACCO, Joe. *Palestina – edição especial*. São Paulo: Conrad, 2011.

## 8. A INTERFACE DO JHQ COM O NOVO JORNALISMO

Um ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura, sem dúvida, atende pelo nome de *narratividade*. Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária como a jornalística (BULHÕES; 2007: 40)

Tendo como ponto de partida a afirmação acima, pode-se fazer um paralelo da evolução tanto do jornalismo como da literatura. Ciro Marcondes Filho retrata essa companhia ao traçar o quadro evolutivo do jornalismo (FILHO *apud* PENA, 2008), ficando claro, por essa classificação, a relação mais próxima entre as duas linguagens no primeiro e segundo jornalismo, ou seja, séculos XVIII e XIX, quando a presença de escritores na imprensa era constante.

- Pré-história do Jornalismo: de 1631 a 1789. Caracterizada por uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante ao livro.
- Primeiro Jornalismo: 1789 a 1830. Caracterizada pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária, e comandado por escritores, políticos e intelectuais.
- Segundo Jornalismo: 1830 a 1900. Chamada de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa<sup>43</sup>.
- Terceiro Jornalismo: 1900 a 1960. Chamada de imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado.
- Quarto Jornalismo: de 1960 em diante. Marcada pela informação eletrônica e interativa, como ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa.

Para Paulo Paniago (2008), esse período de convergência deu-se justamente com a ascensão do romance realista inglês do século XVIII e da imprensa

como modelo confiável de representar a realidade e manifestação social em larga escala. Nem o romance nem o jornalismo surgiram nesse século, apenas se procurou entender que tipo de manifestação específica ocorreu nesse momento. O jornalismo operou seus discursos e se valeu do realismo como sustentáculo importante. A partir de determinado ponto houve uma cisão entre os modos de produção e as técnicas adotadas (PANIAGO, 2008: 37)

Apenas em 1960, com o aparecimento do Novo Jornalismo americano, esse namoro literatura-jornalismo ressurgiu adquirindo uma postura libertária (BULHÕES; 2007: 146), como

---

<sup>43</sup> Nesse período, o jornalismo encontra-se com a literatura principalmente por meio do romance seriado: o folhetim.

uma forma de crítica à prática das estruturas burocráticas e pré-moldadas do texto jornalístico baseado no lide. Essa retomada revive a preocupação de detalhar o ambiente, expressões faciais, costumes, acrescentar os diálogos da história e adotar escrita em primeira pessoa do repórter. Segundo Pena (2008), dentro do Novo Jornalismo surgiram mais duas vertentes: o jornalismo gonzo (com o total envolvimento do jornalista na reportagem, virando, também, um personagem, apresentando características de irreverência, sarcasmo e exageros, deixando a claro a não-isenção); e o Novo Jornalismo Novo (que explora mais a linguagem das ruas, o mundo ordinário e as subculturas, como vida de mendigos, refugiados, entre outros).

Pena (2008) ainda caracteriza o Jornalismo Literário como uma “estrela de sete pontas”:

1) potencialização dos recursos jornalísticos: o jornalista não joga as técnicas narrativas jornalísticas fora, apenas constrói novas estratégias, com apuração rigorosa e observação atenta;

2) ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano: há uma ruptura com a periodicidade e atualidade, deixando o *deadline* de fora, o que proporciona a terceira característica;

3) visão ampla da realidade: contextualizações;

4) exercer a cidadania: “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade (PENA; 2008: 14)

5) ruptura do lide;

6) evitar os definidores primários, os “entrevistados de plantão”, adotar a humanização do relato (PENA; 2008: 14)

7) perenidade: “uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial” (PENA; 2008: 15)

A maioria desses fatores para se determinar o Jornalismo Literário encontram-se na obra de Sacco, cujo trabalho é o modelo mais seguido nesse início de experimentações do JHQ. Alguns dos seus pontos positivos para esse novo fazer jornalístico podem ser enumerados pela opinião de Edward Said sobre o livro-reportagem *Palestina*

O elenco de personagens nos muitos episódios retratados é imensamente variado e, com notável habilidade de quadrinista ao capturar detalhes reveladores – um bigode bem cuidado aqui, dentes exagerados ali, um terno poído acolá (...) Joe Sacco consegue transmitir uma enorme quantidade de informações sobre o contexto humano e os eventos históricos que reduziram o povo palestino à sua atual sensação de impotência e estagnação, mesmo após o processo de pacificação e apesar do mascaramento hipócrita dos fatos imposto por líderes políticos e pela grande mídia (SAID; 2011: x, xi)

É importante enfatizar, conforme já deixamos pistas ao longo do trabalho, que não

consideramos jornalismo como literatura. Transportando parte da conceituação do Jornalismo Literário – um gênero, por si só, híbrido – para o JHQ, com suas singularidades expressivas também dialéticas e hibridizadas, simplesmente o que “existe da literatura é a utilização de uma série de técnicas para fazer relatos (...) Sempre resguardando o princípio de que, em se tratando de jornalismo, não se vai dar asas à imaginação nem se vai permitir falsear, ou ficcionalizar, o que quer que se tenha escolhido como tema” (PANIAGO; 2008: 37). Cabe aqui citar a ideia de Gil Maciel<sup>44</sup> :

O que é importante é se você está atento aos fatos, se tem números, dados, ouviu os dois lados, o básico do jornalismo. Se sua narrativa atende a isso, é jornalismo do mesmo jeito. Jornalismo veio da literatura e estabeleceu-se como gênero, dentro dele outros gêneros surgiram Assim, as coisas são vivas, agora tem que (...) estabelecer regras...todo gênero tem regras. (MACIEL, 2011)

Juescelino Neco (2009) questiona tal pressuposto, enfatizando que “a percepção dos quadrinhos como uma mídia e forma artística autônoma nos permite inferir que a prática jornalística não cria novos gêneros e, ainda menos, uma nova forma de expressão. As HQs simplesmente conseguem comportar alguns gêneros tradicionais do jornalismo impresso” (JÚNIOR; 2009: 3) No entanto, tal afirmativa é limitada ao esbarrar na capacidade dinâmica dos gêneros, por estarem intrinsecamente relacionados às alterações nos contextos sociais e processos de difusão da informação e narrativas, sempre renovando-se e multiplicando-se – fatos próprios dos gêneros jornalísticos e literários (RÊGO & AMPHILO *apud* MELO; 2010: 96)

Além disso, há a necessidade do jornalismo em delimitar seus gêneros para que a prática do processo informativo seja compreendido e realizável. Afinal,

a literatura é obra de um só autor, enquanto o jornalismo é atividade que envolve muita gente, em que algumas aparecem, outras não. É preciso ter o gênero definido para que um jornalista, um editor, um diagramador possa saber do que se trata aquele texto que muitas vezes passa a acompanhar no meio de algum processo (PANIAGO; 2008: 14)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso experimentar e testar as possibilidades desse novo fazer jornalístico. Com a situação atual em que vive o jornalismo, principalmente o impresso, em crise financeira, redução de tiragens, cortes de pessoal e concorrência de outras mídias – especialmente eletrônica –, o JHQ pode ser um meio de arejar as práticas jornalísticas dos jornais e atrair novos leitores. Descobrir sua linguagem e público é saber quais as possibilidades mercadológicas da nova área, ainda não consolidadas, podem ser exploradas. O caminho é o mesmo dos meios impressos? Ou a mídia

---

<sup>44</sup> entrevista concedida ao autor em 18/10/2011. Vide Anexo I

eletrônica é mais atraente? Qual o nicho de mercado ideal? Como consolidar sua prática? Não é uma questão de transformar tudo em quadrinho, mas saber aquilo que fica melhor com essa linguagem no jornalismo, assim como já acontece no caso de pautas do telejornalismo, radiojornalismo e meios impressos, por exemplo. É uma forma de definir mais claramente o JHQ como gênero e ter parâmetros sobre o que se está produzindo e fazendo, entendendo como aquela pauta deve ser explorada.

Como vimos, as iniciativas ainda são esparsas e esporádicas nos grandes veículos impressos, mas existem, e crescem em grande ritmo – infelizmente nem sempre com a qualidade desejada. Talvez o problema seja justamente que ainda não se tenha a noção definida de como fazer JHQ, qual suas particularidades e formas de expressividade. Ainda há a falta de entendimento em relação ao funcionamento do próprio quadrinho pelas mídias jornalísticas, pois muitos acham que a linguagem é apenas mais uma ilustração, mas o trabalho não é tão simples assim, pois é preciso diversos outros procedimentos além do desenho pura e simplesmente.

Fazer quadrinhos e JHQ exige uma série de etapas a mais que o jornalismo. Após o repórter coletar todos os dados necessários, o quadrinista, junto com o colega jornalista, deve realizar o roteiro, escolher os ângulos de cada cena, os elementos para não repetir informações no texto e imagens, colorir, fazer o letreiramento, layout e arte final. Tantos processos em pouco tempo só com investimento em equipes especializadas na área<sup>45</sup> ou disponíveis especificamente para essa produção, pois os profissionais dentro dos veículos, atualmente, não param para produzir apenas aquele material. A prática, portanto, ainda esbarra na necessidade de se ter mais tempo para poder produzir. As redações ainda não estão preparadas para a produção de *hard news* em JHQ. Trabalhar com *deadline*, então, só com muita conversa com os editores.

JHQ não é infográfico, não é reconstituição de crimes (estes são considerados jornalismo com quadrinhos, conforme abordado no trabalho), mas sim uma tentativa de aprofundamento do fazer jornalístico, retomando conceitos como humanização do relato, dar voz aos personagens invisíveis dos fatos, contextualizar e investigar em profundidade. Podemos exemplificar tal característica com o retrato de um terrorista, quando, no JHQ, você personaliza o personagem com sua forma de vestir, andar, falar, transformando-o não apenas em homem-bomba, mas em alguém com história própria de vida, dificuldades, acertos, erros.

Além disso, o JHQ abre possibilidades para chegar a lugares ao qual o repórter deve renegar o uso de certos dispositivos de apuração para não correr riscos de vida (câmaras fotográficas e gravadores, por exemplo), e adotar outros procedimentos (as perguntas “visuais”) para montar o quebra cabeça narrativo, de forma a explorar a produção dos fatos. As ferramentas estão à mesa, basta aplicá-las e

---

<sup>45</sup> Já surgiram cursos específicos em JHQ, como o *Melton Prior Institute – for reportage drawing & printing culture*, na Alemanha. Site: <http://www.meltonpriorinstitut.org/> Acesso em 18/11/2011.

experimentá-las, sempre discutindo, nesse momento inicial para sua consolidação, qual o lugar do JHQ dentro do jornalismo e as características próprias do novo gênero híbrido. Portanto, trabalhos como a presente monografia servem para dar visibilidade ao JHQ e assegurar que é um processo com credibilidade jornalística suficiente para ser considerado um novo fazer narrativo ativo na construção e entendimento tanto do nosso presente quanto da nossa história social.

## **ANEXO I - ENTREVISTAS**

**Beto Leite:** é um dos membros da revista cultural eletrônica potiguar Catorze, onde produz e roteiriza reportagens em quadrinhos. Entrevista realizada em 19/08/2011

### **1. De onde surgiu a ideia de trabalhar com jornalismo em quadrinho?**

Tive contato com o trabalho do Sacco no meio do curso e fiquei meio obcecado, estudar o trabalho dele, ler e tal, só que eu não sei desenhar. Isso travancou muito meu trabalho, sempre tive vontade, mas sempre ficou muito no campo do teórico. Aí montamos a revista Catorze em 2009. Conheci desenhista Marcos Guerra, que já trabalhava com quadrinhos, mas ele não conhecia o jornalismo em quadrinho, conversei com ele para eu roteirizar para ele desenhar e ele topou.

Apareceu a oportunidade de entrevistar o Beto Brant. A entrevista não rendeu muito e eu acabei usando esse recurso de me inserir como personagem para fazer uma história curta de 3 páginas, contanto como é que foi a entrevista em si. Aí começou... não tem nenhuma norma sobre qual matéria a gente vai fazer em quadrinho. Sou eu quem faço, eu que estudei, eu que roteirizo lá na Catorze. Agora, o trabalho é assim: faço o roteiro, digo como é que quero cada quadro, cada ângulo, faço como se fosse um desenho em texto. Nós temos uma sintonia muito boa e ele já entender o que eu quero e ele muda um ou outro quadro, entendo que fica melhor e aí vamos nos acertando assim. É um trabalho colaborativo, um acaba interferindo no trabalho do outro.

### **2. Jornalismo em quadrinho o repórter não precisa saber desenhar, na sua opinião ?**

Não, pelo amor de deus, não, não. Já pensou? Isso é a maior viagem. Acho que fazer quadrinho o cara não precisa saber desenhar. Nem precisa eu acho de desenhista, eu acho. Acho que isso é uma viagem até mesmo de alguns quadrinistas antigos que faziam quadrinhos, mas não tinham noção do que estava na mão deles. Muitos deles ainda tratam aquele lance de pegar o quadrinho e valorizar pelo trabalho do desenho. Aqui em Natal é muito comum, pessoal que pega quadrinhos antigos, por exemplo, franceses folheiam, ver os desenhos e acha lindo. Mas o quadrinho não é só o desenho, as ilustrações. É a história, a sequência, a narrativa. Se o cara conseguir fazer um lance com foto, aí já é arte sequencial, já tá valendo. Mas limita, né? Acho que quando vc tá trabalhando com desenho dá mais margens para a imaginação, para novas perspectivas, novos ângulos, que acho que é justamente esse o diferencial do JHQ, que é o caráter mais interpretativo.

### **3. Qual a singularidade do JHQ para as outras reportagens de outros formatos jornalísticos?**

O Sacco inventou esse tipo de gênero, bem, fica até meio complicado, porque ainda tá se patinando muito ainda nessas definições se o JHQ é um gênero, o que é. Quadrinho é uma linguagem. Isso é um ponto. Agora, JHQ é o que? É um gênero dentro do jornalismo ou o que? Bem, isso é para lá.

Sacco criou o JHQ com personagem em primeira pessoa e é natural que quem siga seus passos num primeiro momento faça nessa mesma linha. Acredito que não seja a única possibilidade. É até um desafio fazer JHQ que o jornalista não seja em 1ª pessoa. O que



há de interessante no trabalho do Sacco, o que enxergo como diferencial nessa área, é a capacidade interpretativa, o jornalismo interpretativo, que é algo que vem minguando na contemporaneidade.

Vem todo aquele lance de objetividade e tal, que é um saco, mas é uma tendência desse tipo de jornalismo mais noticioso, menos interpretativo, menos reflexivo. No JHQ tem que se entender que ele não quer fazer uma representação real, fidedigna do que é aquilo ali. É uma representação dele sobre aquilo ali. Sacco em uma entrevista disse, mais ou menos isso: olha, se você quiser saber o que ta rolando no Oriente Médio, vá lá e veja. Se não for, o preço que você paga é ver pelo prisma dos meus olhos, entendeu? Sempre é pelo prisma pelos olhos de alguém.

É mais sincero, não preciso bancar o imparcial, dizer para o leitor, como o Sacco faz em um livro dele: eu não fui porque eu tive medo de uma bomba pegar em mim e eu me escondi. Ele não tenta encobrir, se esconder e isso é legal, porque no JHQ você tem mais margem para novas possibilidades interpretativas, tanto por causa da linguagem icônica, dos desenhos, do figurativo, como da sequencia em si.

Tem uma sequencia que eu curto muito do trabalho do Sacco (não sei se vc já leu) acho que em *Gorazade* [na verdade a imagem encontra-se em *Palestina*]. Ele vai conhecendo a casa das pessoas, que são casas provisórias, ele se hospeda na casa de um cara e quando ta indo embora, o cara – um miserável – quer pagar o táxi dele. Paga e o último quadro é um quadro enorme com o Sacco indo embora no táxi e aquela cidade como pano de fundo. Aquela imagem, aquele silencio, diz muito, conota muito. Quantos Parágrafos o jornalista teria que escrever para dizer o que aquele quadro ta dizendo? Dá novas margens, possibilidades o JHQ que o Sacco apresentou, essa primeira visão do Sacco, dá muitas margens para esse jornalismo interpretativo, que a gente tá carente.

#### **4. Alguns acham que o desenho tem que ser realista para ser jornalismo. Como vê a questão?**

Eu até já vi um artigo na *Folha de São Paulo* que para ser jornalismo o desenho tem que ser realista. Mas, na minha opinião tem que tratar daqueles fatos, mas como é sempre dentro do prisma do jornalista, então isso altera, deturpa. Ele já usa isso como ferramenta. Se o cara quer fazer de palitinho pode fazer. Se vai ficar bom ou não, não sei. Depende do talento de cada um, da idéia, proposta. Aquele traço é a melhor forma de contar aquela história, aquela narrativa? Isso é que tem que ser avaliado. O Sacco se desenha de maneira caricata, o rosto não é daquele jeito, diferente dos personagens e isso não desmerece o trabalho dele. O traço é só uma maneira de se fazer. É um tipo de escrita. Foto, por exemplo, é um recorte da realidade também, de um prisma da realidade. É sempre um recorte e um recorte interpretado por mim. Nunca vai ser a exata realidade. Mas, e o que ficou de fora da foto? Isso podia mudar completamente a conotação, né? É uma reinvenção da realidade. Quando conto uma história, estou reinventando ela, porque não vou conseguir abarcar todas as situações. Não é para mentir, tem que ter preocupação jornalística, tem que se preocupar. Se for para pensar que se não for realista, não é Jornalismo, então é melhor fazer jornalismo em fotonovela, mas ai vai ser mais jornalismo que, por exemplo, o trabalho do Sacco? Não acho.

A grande questão é o conteúdo. Até quando eu comecei a fazer o trabalho de jornalismo em quadrinho, eu tive um certo receio com relação a aceitação, interpretação pelas pessoas. Eu sabia que ia publicar na internet e ficava pensando: será que as pessoas vão entender que isso é uma matéria? Que isso não é uma historinha de mentira? Que eu não

inventei isso, que eu realmente entrevistei o Beto Brant? Mas as pessoas entenderam e rapidamente assimilaram aquilo ali. Não houve dificuldades.

Porque? Porque acho que dentro daquela narrativa, apresento...foi até algo que o Guerra inseriu: a entrevista foi no Solar Bela Vista [hotel em Natal, Rio Grande do Norte] e o clima da entrevista foi meio árido, meio áspero, pois o Beto deu umas cortadas, ele colocou a entrevista como se estivéssemos em um deserto. Como se estivéssemos no meio de dunas e isso foi uma metáfora que ele usou para retratar o clima daquela entrevista. Esse clima aconteceu por ser antes de uma entrevista coletiva que ele ia fazer, tipo um bate-papo e pensamos em falar com ele antes...coisa de jornalista iniciante mesmo.

Mas, enfim, a questão do quadrinho, do desenho, acho que tem que estar livre para isso. Não adianta as pessoas acharem que o Sacco desenhou exatamente todas aquelas casas daquele jeito...não era! E se ele colocou um telhado num canto diferente, aí já não é mais jornalismo porque ele precisou para fechar aquela página, aquela arte? Não vale a mentira, mas o lance de quanto mais real, mais jornalismo, aí entra naquele lance da objetividade que acho falha.

**5. Como é feita a escolha de como você fará a matéria? Esse assunto é para ser em JHQ, em fotojornalismo? Como é essa seleção?**

O texto do Beto, por exemplo, eu fui querendo fazer uma reportagem em quadrinhos, mas aí quando a gente chegou lá, a entrevista não rendeu o que se esperava para um texto corrido. Eu fiz com o Ramón [colega de faculdade] e ele disse que não dava para publicar aquela apuração. Disse que eu podia fazer, mas que não colocasse o nome dele não (risos). Mas outras matérias que fizemos em seguida pensamos que isso ficaria legal em quadrinhos. Agora, assim, são, geralmente, temas que vemos que são frios, a gente dá um tempo para o Marcos Guerra desenhar, tirar dúvidas com relação ao roteiro, é um cara super tranquilo, mas tem que ser alguma coisa fria, que não sofra do *deadline* urgente.

Já na questão do Machado, que foi meu TCC no ano passado, eu ainda não tinha prática de roteirizar histórias e de ver elas desenhadas, ver os erros e acertos, eu defini como meta para mim: eu queria fazer uma grande reportagem, então, eu pensei em começar com matérias curtas, de três páginas, independentemente do que eu apurasse. Fazer o roteiro para me doutrinar, para eu aprender, para me moldar nessa forma. Aí o Machado foi uma matéria maior, que deu muito trabalho de apuração, de entrevistas. A gente tem que falar muito com as pessoas no JHQ. Temos que falar muito para, às vezes pegar uma imagem, entendeu? Não que perca a força, às vezes ganha, mas temos que conversar muito. É um trabalho muito minucioso. A decisão para fechar matéria sobre o estádio foi porque os jornais estavam sempre falando, mas muito aquela coisa noticiosa: liberaram verba, aconteceu isso, etc. Eram só notícias e existia um arcabouço de informação interpretativa muito grande ali para se falar, é um monumento histórico da cidade né? Você tem que falar o que os jornais não estavam falando, o outro lado.

**6. Tem ainda muito preconceito de JHQ de ser possível apenas como notícia fria. Mas, poderia ser, também, uma uma forma de retomar o Jornalismo Investigativo?**

É isso do interpretativo né? Como ele torna a questão interpretativa mais interessante. Olha, eu acho que a gente vive num mundo que é super dependente da visão, da imagem. Então, o JHQ acho que entra numa perspectiva de que as pessoas, bem, tem pessoas que pegam o jornal e só lêem as imagens. O quadrinho é imagem, torna-se atraente, mas não é

algo fácil de ler. Você tem que sabe ler quadrinho. Eu conheço pessoas, amigos meus, que não conseguem entender o que se passa numa tirinha. É uma deficiência de leitura.

Você tem que concluir uma informação que está entre uma imagem e outra. É uma linguagem que não é só texto nem só imagem e a pessoa tem que entender isso, tem que ser alfabetizada para entender isso. Aqui no Brasil sempre teve tradição de criança ler quadrinho, era uma industria de briga de mercado, do Globo, enfim. Mas esqueci a sua pergunta (risos). Então, acho que há essa retomada pelo interpretativo no JHQ.

### **7. É possível fazer *hard news*?**

Eu acho que é possível. Agora, ou você tem que ser desenhista e você tem que ser bom e rápido. Tudo é possível. Sei lá, se tiver uma equipe mesmo, um desenhista do seu lado depois de apurar para ir passando a ideia do quadrinho como é que é, dá para fazer tipo escala industrial. Mas acho que é difícil acontecer, talvez dê em grandes empresas, alguém que aposte nisso, mas não atualmente. Porque o que você vê é a galera enxugando a redação, né? O cara quer que fotografe, escreva, revise e edite a matéria dele. Eu acho difícil contratar mais gente para fazer uma matéria só. Na Catorze, que somos só três e o Guerra como colaborador, então tem que ser fria, se não, sem condições. Mesmo se eu desenhasse eu precisaria de tempo.

### **8. Como vocês fazem para ganhar algo com o trabalho de vocês?**

Grana é algo que a gente busca ainda (risos). Já temos o site há dois anos, mas sabemos que é assim mesmo, principalmente aqui em Natal. Você começa um projeto, o investimento é o mínimo, cerca de 11 reais por mês para hospedagem do site, mas a gente curte. Mas cada um tem seu trampo. Eu trabalho na IFRN como diagramador, com a parte de arte final. A gente tira uma gana ou outra com alguma festa, fizemos publicação impressa em 2009 chamada 7 mais 7 que era um compilado de textos nossos, imprimimos e vendemos, levantamos uma grana, mas não é uma renda, sabe? Agora nós estamos com um plano comercial mais elaborado, então estamos tentando angariar alguns anúncios.

### **10. Há espaço nos grandes jornais?**

Existem tentativas de se fazer, algumas bem sucedidas, outras não. Por exemplo, eu vi no site do GloboEsporte que eles decidiram contar a vitória da seleção olímpica de vôlei, que eles perderam partida, não lembro bem a historia, que eles foram contar a história só que em quadrinho. Mas ficou o quê? Ficou um texto ilustrado e de vez em quando aparecia um personagem com um balão, mas não era quadrinho e é isso que tem que se avaliar: nem todo texto ilustrado é quadrinho e nem todo quadrinho que fala sobre a realidade é Jornalismo em quadrinho. Nem todo quadrinho, só porque é biográfico que vai ser JHQ.

A do vôlei foi uma tentativa de *hard news* que não deu certo. As pessoas ainda não tem noção plena do que é JHQ. As definições estão por aí, se procurarmos em trabalhos científicos, artigos, trabalho do Sacco, agora tem que ver. Cresce assim mesmo...fazendo merda, acertando. Aqui em Natal JHQ só eu acho, por enquanto. Ainda são os estudantes que tem mais liberdade de experimentar. Isso porque os jornais querem colocar coisas de quadrinhos, mas eles não estão dispostos a pagar por isso, ter um desenhista ou esperar por isso. Não há essa disposição.

Eu acho que tá todo mundo querendo rotular o Sacco como se fosse a única forma de

fazer JHQ. Não to dizendo a você que eu sei qual é a próxima forma. Não sei. Mas como a linguagem dos quadrinhos ainda é uma coisa muito verde. Quando você pega os livros do Will Eisner e Scott McCloud, você vai ver que tem muita forma de se contar história que não foi contada ainda, entendeu? Muitas possibilidades de sequencias, cognitivas de uso dos ícones. Então como posso dizer que o JHQ deve ser feito assim se nem os quadrinhos foram explorados 100% de suas possibilidades? Tem muito pano para manga ainda. O que é HQ? é aquilo que você não vê, é o que você conclui. Num quadro do McCloud tem um boneco com chapéu e outro ele segurando o chapéu, então, o que é aquilo ali? É um movimento. Você não viu, você concluiu e isso é o quadrinho, a arte sequencial. Quando existe isso, quando existe conclusão. Quando ta só um desenho e não leva o leitor a imaginar, induzir, seria só ilustração.

**Augusto Paim:** é jornalista e HQ-repórter. Tem um blog só sobre quadrinhos (CABRUUM) e epublou no site *cartoon movement* sua segunda reportagem em quadrinhos – sobre favelas no Rio de Janeiro. Foi um dos organizadores do I Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos realizado no Brasil em outubro de 2010. Entrevista concedida ao autor em 28/9/2011.

### 1. Como surgiu a ideia de trabalhar com JHQ?

Na universidade (UFSM), eu participava de um grupo de pesquisa sobre imagem e, antes, sempre gostei de histórias em quadrinhos, desde cedo. Era orientado pela professor Adair Caetano Peruzzolo. Era um grupo de pesquisa pelo CNPQ e aí eu perticipei três anos desse grupo: do segundo ano da faculdade até o fim. Cada pessoa pesquisava imagens de uma área. A ideia era ter uma discussão em comum, mas cada um pesquisava na sua área. Tinha gente estudando games, trailer, animação, enfim, e a ligação que eu tinha mais forte com imagem era com os quadrinhos e o professor tinha um interesse grande que alguém pesquisasse quadrinhos e ele até que fazia uma certa pressão (risos). Eu ficava pensando: e o que tinha a ver quadrinhos com jornalismo, né?

Por mais que eu goste do tema não vai ser bom para a minha profissão. Ai eu lembro que, mais ou menos, para o final – penúltimo ano da faculdade eu acho – uma noite que eu fui dormir que fiquei pensando sobre isso, que era um problema que tava me incomodando há muito tempo. Poxa, e se juntar jornalismo e fazer reportagens em forma de quadrinhos? Até achei que tinha inventado a roda (risos), mas fiquei com preguiça para pesquisar. No outro dia descobri que já existia e o primeiro trabalho que achei na internet era do Aristides Dutra. Depois fui selecionado pelo programa do Itaú Cultural: o Programa Rumos, de jornalismo cultural. A última atividade laboratório era criar um blog para cobrir uma determinada área cultural e fiz o CABRUUM, no final de 2005.

Então eu tinha mais ou menos definido que eu queria trabalhar área da cultura. Trabalho até hoje nessa área e eu também tinha interesse pelas narrativas, pela forma de contar histórias, pensava em ser escritor. JHQ envolve todas as decisões narrativas, não só escrever no formato HQ. Então decidi fazer monografia sobre isso. Eu analisei uma reportagem de cinco páginas do Joe Sacco (trecho de *Palestina*) do ponto de vista da semiótica. Eu queria fazer uma análise mais estruturalista.

Ai em 2007 a *Folha (de São Paulo)* publicou reportagem do Sacco sobre treinamento de soldados no Iraque e os jornais começaram a achar interessante, vieram varias outras ações, criei o grupo de emails. Na faculdade tínhamos essa ideia de construir o conhecimento de forma coletiva, o que na vida às vezes não é assim, mas a ideia era essa: trocar. Virou um foco de interesse permanente para mim.

## **2. O JHQ já pode ser considerado um gênero jornalístico ou ainda está em construção?**

Olha, geralmente quando falamos em gênero temos que ter certas regras estéticas. Na literatura, por exemplo, gênero conto é prever determinadas alterações, o gênero romance, o gênero novela. Hoje em dia há obras que misturam os gêneros. Mas atualmente acho que o Jornalismo em quadrinhos é apenas um jornalismo em formato de quadrinhos. Acho e uma das minhas principais preocupações é de tentar estabelecer alguns parâmetros, por enquanto, em relação ao meu próprio trabalho, mas acho que isso tem que se pensar. Fazer uma reportagem em quadrinhos já é interessante, já chama atenção.

O processo a seguir é separar o joio do trigo: o que é uma reportagem em quadrinhos bem feita e que elementos dos quadrinhos que são importantes para serem usados em jornalismo, porque a gente tem o radiojornalismo, o telejornalismo, como ensinado na faculdade temos regras, procedimentos para produzir. Também tenho me questionado muito que tipo de pauta é adequada para o quadrinho, não que tudo deva ser quadrinho. Por exemplo, tem pauta que é ótima para televisão, para radio, impresso, são questões que eu estou pensando e a partir daí é que acho que vai surgir talvez uma definição mais clara do JHQ como gênero. Não que vá padronizar as reportagens, mas que justamente se possa ter parâmetros do que se está fazendo.

Muitas das publicações que saem nessa área – que os jornais estão publicando, a questão comercial - são reconstituições de crimes, reportagem feita em prosa e transformar para quadrinhos. Pensar o que é exclusivamente para quadrinhos, como o que Joe Sacco faz. Vai lá sabendo que vai ser quadrinho

## **3. Como é feita a seleção se é para ser quadrinhos ou não?**

Eu to fazendo agora minha segunda reportagem em quadrinhos, aliás, ta quase pronta. A outra eu fiz sobre o Juventude [time de futebol do Rio Grande do Sul]. Eu fiquei pensando muitas coisas sobre isso. Primeiro acho que o componente visual é muito importante, como na televisão. Segundo que acho que tem que ser pauta bastante ligada à memória, lembranças, tem muito a ver com quadrinhos. Talvez por isso que se use quadrinhos para fazer reconstituição de crimes. Tu não tem a exatidão, foto daquilo ali e precisa contar como foi, dramatizar. Assim, pode ser mais honesto, sincero do que uma foto posada.

Quadrinho tem a possibilidade de criar um clima. Tem que ser uma pauta que se encaixa na dinâmica do quadro a quadro, que tenha certo ritmo para poder distribuir o tema página a página, sabe? Mas uma outra coisa que tenho pensado bastante ultimamente a partir desse processo dessa segunda reportagem é que há uma diferença muito grande entre quadrinho e jornalismo em quadrinhos, no que diz respeito a narrativa, o que é uma tendência das obras de ficção. Nelas temos uma certa liberdade em organizar as páginas de acordo com os temas que temos, podemos eliminar trechos da história e conseguimos montar uma página sem nada de texto, porque a narrativa ta pedindo isso. Agora para fazer uma reportagem a gente tem uma limitação de espaço já, como no jornalismo, então ele entra aí nesse critério do jornalismo em quadrinho. Tu pesquisa muito aquele tema e vai ter que encaixar aquele tema dentro de seis paginas. O que tu vai fazer? Cortar uma informação importante ou fazer quadro mudo, pagina inteira silenciosa? No caso do JHQ, me parece, no tipo que to fazendo, que é para revista, com limitação de páginas, pelo tempo, você vai acabar cortando informações. É um gênero sendo pensado, delimitado. Fiz reportagem sobre o assunto para a Revista da Cultura, e quem eu entrevistei disse que o JHQ é um ótimo recurso ir onde o jornalismo convencional não consegue chegar.

Como, por exemplo, regiões de conflito. É complicado, principalmente depois que acaba o conflito. E é o que o Sacco faz.

#### **4. Dificuldades do jornalismo tradicional em absorver os quadrinhos: como você vê isso? Está abrindo espaço?**

Olha, acho que é que nem essa discussão sobre o jornalismo literário, sabe? Quando é interesse de um jornal colocar, ele vai colocar. A Piauí chegou aí e modificou muita coisa fazendo reportagem mais literária. Ai os jornais começaram a fazer também e com o JHQ acho que é assim também. Toda semana vejo inúmeras experiências no Brasil. Digo experiência porque não acho que são exatamente reportagens em HQ ainda. Teve a final da Super Liga de Vôlei, teve jornal de São Paulo, acho que o Diário de São Paulo, que fez uma capa de jornal toda em quadrinhos. Não era jornalismo, mas o que tava discutindo é essa invasão do recurso dos quadrinhos no jornal.

Geralmente eram as charges, os quadrinhos de humor, a tira e, de repente vira o recurso do quadrinho como uma linguagem, então acho que é uma aceitação bem grande. Na minha comunicação com veículos impressos, estou sempre a um passo de fechar uma reportagem em quadrinhos. Eu ofereço e eles não descartam, eles primeiro pensam sobre aquilo. Tem relação do custo, da dificuldade de fazer, é um pouco mais trabalhosa... Não acho que os jornais tem que fazer JHQ, tem algumas pautas que são boas para reportagem em quadrinhos e outras que não precisam ser.

Tem um veículo japonês que faz jornalismo em mangá diário, né? Há experiências...mas tem que pensar: se for em cores vai demorar, se for um traço detalhado como o Sacco, vai levar anos e se for mais cartunizado dá para fazer, porque não? Eu acho que, não sei, é um pouco egoísta até, mas penso que tem que ter trabalhos que eu possa fazer, que deixam eu fazer meu trabalho até porque as experiências em JHQ são justamente experiências. Ainda não tem muito espaço comercial.

Às vezes me pergunto se há um Joe Sacco brasileiro, mas não tem alguém com essa preocupação e profundidade. Me parece às vezes que há a vontade, mas tem que ser além disso. Hoje em dia eu estou com uma preocupação muito grande com a estética e essa parte conceitual realmente, afinal, qual é o papel do desenho na reportagem em quadrinhos? E essa questão do desenho como fonte de informação, como discutimos no encontro de JHQ, é...para mim está sendo crucial isso ai.

Até numa relação próxima com o desenhista, não existe o desenhista de reportagem em quadrinhos, eles estão acostumados a fazer o trabalho como ilustradores ou como quadrinhos de ficção mesmo. O de não-ficção ele exige outras coisas, então, no meu caso, por exemplo, que não desenho, tenho que ter alguém que desenhe, às vezes rola uma discussão diferente de paradigmas.

Para mim, o quadrinho tem que ser muito informativo, documental, não que tenha que ser sempre assim, extremamente ligado a realidade, mas se vou desenhar Porto Alegre, eu não posso desenhar a redenção do lado da usina do gasômetro, porque não é assim, entendeu? Então acho que é um pouco isso que ainda está sendo testado e questionado.

#### **5. Qual a relação entre o jornalista e o desenhista? Porque não necessariamente precisamos saber desenhar para fazer JHQ, não é?**

Eu não sei se é melhor saber ou não desenhar. As duas áreas demandam anos de estudo, uma vida inteira. Então, por um lado é bom, eu gostaria de saber desenhar, mas se eu começasse a estudar isso, eu seria um desenhista muito medíocre (risos). É melhor tu ter um desenhista que domine aquilo ali. Eu to achando cada vez mais o desenhista tem que

prestar contas ao jornalista, entende? Quando se faz trabalho de não-ficção eu gosto de desenhista que pensa junto com o jornalista. Talvez eu mude de opinião, mas acho que quem vai determinar as regras do jogo é o roteiro do jornalista, por causa das regras e detalhes de informação. É Jornalismo em quadrinhos e não quadrinhos em Jornalismo. Como fazer uma entrevista, tudo isso é novo.

O quadrinista cumpre o mesmo papel de um câmera, acompanhando uma reportagem em televisão e do fotógrafo no meio impresso, é aquele responsável por capturar imagens. Tem que andar com a câmara fotográfica e tirar foto de tudo. O Joe Sacco esteve aqui no Brasil e esclareceu muito o processo de apuração dele. Ele dizia que as vezes perguntava para as pessoas assim: conta essa parte aí como foi. Demonstra a parte da casa, ele fazia perguntas que fogem do jornalista convencional. Não precisa saber esses detalhes. Mas para desenhar, tem que saber para basear o mais próximo possível da realidade.

O desenho tem que ser isso: como o fotógrafo, o câmera, que sai da redação e a preocupação dele é fazer imagens. O Jornalismo em quadrinhos é por aí. Eu ainda tenho que eu mesmo fazer as imagens, por questões de paradigmas, o desenho tem que ser muito baseado na realidade e o quadrinho não. Porque o quadrinista teria interesse em fazer algo tão detalhado? Algumas pessoas que trabalham com biografias tem essa preocupação, mas nem sempre o desenhista pensa assim. Se for ter que fazer pesquisa de arquivo, quem tem que fazer isso é o desenhista. Claro que o jornalista pode auxiliar também, mas às vezes é um papel muito mais ativo do que se espera de um quadrinista. Claro que tem desenhista que já faz pesquisa aprofundada para fazer uma roupa do personagem, por exemplo e não damos conta.

## **6. Qual a importância do desenho realista no JHQ?**

Como está sendo utilizada a fotografia no jornalismo recentemente? São fotos posadas e essa foto não tem uma ficcionalidade muito grande nela? Quando tu coloca as pessoas para posar diante de uma foto, encenando algo, eles estão encarnando um personagem. No desenho fica mais claro a subjetividade do autor pelo traço do desenho, mas, assim, uma fotografia é subjetiva mesmo que não seja posada. Se tu trocar a lente, abrir mais o diafragma, fechar, mudar o ângulo, é outra foto, contexto. Quando olhamos a imagem, sabemos que as cores influenciam também. Às vezes não temos noção de espaço com ela também. O quadrinho também não é totalmente ligado a realidade. O fotógrafo não é totalmente objetivo, mas pode ser alguém que se preocupa com a realidade. Achar o melhor jeito de falar algo pode ser em radio, TV, enfim, e depois pensar a narrativa, vincular com o compromisso com a apuração.

## **7. Qual a diferença entre Jornalismo em quadrinhos e de quadrinhos?**

Ah, isso é porque se chama jornalismo de quadrinhos esses sites que cobrem a área dos quadrinhos, sabe? Tipo uma editoria dentro do jornalismo cultural, então, o Universo HQ, blog do Paulo Ramos, eles fazem jornalismo de quadrinhos, como tem jornalismo de cinema, de literatura, as produções, entre outras coisas. Já o Jornalismo em quadrinhos é o jornalismo no formato em quadrinhos.

**Marcelo Oliveira Lima** é roteirista e graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Bahia. Produziu as reportagens em quadrinhos *A Marcha da Maconha*, sobre o movimento na cidade soteropolitana. Atualmente, faz sua segunda matéria em quadrinhos: *O maior São João do mundo em quadrinhos*, que será realizada em Campina Grande,

Paraíba. Entrevista concedida ao autor em 29/10/2011.

**1. Como surgiu a ideia de trabalhar com jornalismo em quadrinho?**

Na faculdade eu participava, junto com outros alunos, da revista *Fraude*, que tinha uma proposta de fazer reportagem de jornalismo cultural e a gente estava buscando – tem uma editoria específica da revista, o imaginando – publicar matérias com formato diferente. Como sempre gostei muito de quadrinhos, quis trabalhar com essa área.

**2. Como é pensado a seleção do tema: isso é melhor ser trabalhado em quadrinho ou não...**

No caso da *Marcha da maconha*, o interesse era trabalhar como se posicionava o participante, o militante, porque a cobertura em geral falava muito se era proibido, permitido, uma discussão muito rasa, mais do ponto de vista da legalidade. E queríamos saber qual o tipo de pessoa que participava, suas idéias. Então tivemos que entrar dentro da marcha para conhecer as pessoas. Era uma questão muito forte do testemunho, coisa bem comum do Jornalismo em quadrinhos. A gente estava iniciando a leitura do Joe Sacco e a nossa única referência era ele. O cara que vai organizar a marcha é o que tem menos voz do que ta fazendo, o que é parecido com o Joe Sacco faz. Com relação ao São João, também tinha esse tom de desbravar e interesse pessoal de conhecer as raízes dessa festa.

**3. Você acha que jornalista precisa desenhar para fazer quadrinhos?**

Eu acho que não precisa, não tem necessidade. Todo quadrinho vai ser, ou pelo menos o mais experimental, muito baseado na questão do roteiro. Talvez para a realização da reportagem seja essencial para a informação jornalística fazer o roteiro. Ao meu ver, quanto mais próximo o desenhista estiver do fato, se puder acompanhar, melhor.

**4. Como foi a apuração para questão gráfica?**

Bom, a ideia era ter um material de referência sobre o fato que a gente estava querendo narrar, ainda mais que, no caso da marcha, o artista era de outro estado, era do Rio Grande do Sul. Nesse caso, a gente teve que tirar muitas fotos da marcha como material para ele. Mesmo o desenhista não pode sentar e desenhar tudo de uma hora para outra. Pelo contrario, o desenho demanda tempo. Então, tem que tirar foto, fazer vídeo, captar o máximo do que ele pode e nesse caso o dispositivo tecnológico está do lado dele para fazer isso. Ai então ele pode sentar na prancheta dele para poder criar o mais próximo da realidade e com mais expressividade. Acho que isso deve ser uma prática comum nessa área.

**5. Acha que tem possibilidade, no Brasil, de ter um espaço no grande jornal?**

De modo geral, desde a primeira matéria em quadrinhos, que foi a entrevista com o Tom Zé e Otto, quase toda semana, acho, tem algum noticia em Jornalismo em quadrinho no Brasil. Acho que a tendência é cada vez mais misturar informação e entretenimento, aquele modelo de *hard news* puro e texto duro vai para o espaço. Acho que é extremamente possível, não sei se do estilo do Joe Sacco, porque exige que o jornalista tenha mais tempo e com a diminuição dos quadros de funcionários, não sei. Mas, por exemplo, temos a Piauí, que faz um tipo de jornalismo que isso pode se encaixar. Não sei se grande reportagem seria publicada, seria mais uma espécie de infografia mesmo. Deveria ter alguma publicação mais especializada ou tão factual, do dia a dia. No grande



jornal, ela vai entrara muito no aspecto ilustrativo, infografia, eventualmente uma outra matéria.

## 6. **Encara a infografia como Jornalismo em quadrinhos? Porque existe uma diferenciação desse modelo com o jornalismo com quadrinhos**

Esse é um dilema porque se você tem -, inclusive para o discurso do gênero em quadrinhos -, porque você pode ter vários processos para fazer um quadrinho no final. Pode estar pensando desde o começo em JHQ ou pode ter uma adequação. Mas uma adequação de um material que não seria quadrinho, mas vai para o formato, pode ficar tão interessante quanto o JHQ. Eu não sei, aí cairíamos se é um gênero. O grande problema é usar o quadrinho e não usar uma narrativa de quadrinho, certo? Enche de texto e ai vira infografia. Talvez essa seja a crítica.

## 7. **JHQ é gênero jornalístico?**

Pode ser considerado um gênero novo a partir do momento que ele nasce já com marcas de outros gêneros. Mas eu não definiria, pois ainda estou e estamos tentando encontrar uma resposta agora para isso. Na verdade, a principal discussão que se tem é a seguinte: você tem um trabalho chamado de JHQ por ter uma conexão com a realidade. Deriva muito do que o Sacco fez. Tem quadrinhos como Persépolis que é considerado como JHQ, só que um quadrinho como esse que tem certos valores, como testemunho, cenários, não existe o procedimento de um jornalista por detrás daquele trabalho, então isso vai gerar a discussão: será que tudo isso é história em quadrinhos ou é JHQ?

O estilo do Joe Sacco é de autor e não acredito que o JHQ deve ser exatamente igual ao que ele fez. Nem sempre o autor deve aparecer no quadrinho ou o traço tem que ser realista, cenários. A construção dele é bem sucedida por diversos motivos, mas nem sempre tem que ser daquela forma. Ainda não temos o gênero definido. Tem que se pensar até que nível pode ser jornalismo ou não e até que ponto o gênero chega. Se tem radiojornalismo, telejornalismo, porque não JHQ como mídia? [suporte]

**Kleber Sales** – ilustrador do Correio Braziliense desde 1997, foi o responsável pelos desenhos da reportagem *Crack*, em 2009, sobre o tráfico e consumo da droga em favela do Rio Grande do Sul. O produto foi fruto de uma série especial sobre o tema. Entrevista realizada pelo autor em 2/11/2011.

### 1. **Qual a sua experiência com os produtos de Jornalismo em quadrinho?**

A experiência que a gente tem com JHQ aqui no jornal começou quando fizemos um quadrinho sobre o Juscelino Kubitschek, quando nós fizemos seis páginas *standart*, no centenário dele, não recordo o ano certo agora. Foi a primeira experiência com um enredo...eram seis suplementos, seis *standarts*, um a cada semana, um deles foi em quadrinhos e foi a biografia dele. Fiz com o Rubens Paiva [hoje infografista e subeditor no jornal Estadão], que fez o roteiro.

Acabou que fiz mais ilustração e arte final e fizemos juntos letramento, junto com o Gabriel Góes, que hoje virou um quadrinista. Fez o *Beijo no Asfalto*, adaptação do Nelson Rodrigues e a revista *Samba* aqui em Brasília. Ele ajudou bastante, porque eu não tinha grande experiência fazendo e acabamos que fizemos no tapa, na pressão. Tinha que fazer e fizemos.

Depois dessa, o Rubens fez roteiro sobre o Santos Dummond, também estilo biográfico e tal, em comemoração ao primeiro vôo do Santos. Fizemos 15 páginas, foi mais extenso,

mais difícil de fazer. Esse foi um trabalho muito rápido, em um mês. Conversamos, criamos roteiro, personagens, arte final, colorização, letreiramento, tudo. Em Minas foi publicado com capa no *Estado de Minas* e aqui saiu no caderno infantil, no *Super*, na última página da semana. Esse era um quadrinho mais leve.

Como experiência de reportagem o *Crack* foi mais interessante. Antes dele, só talvez um que fizemos sobre o Obama, quando ele foi eleito. Até foi o Pedro Brant que escreveu [repórter do *Correio*]. Também foi meio no tapa, quatro páginas tablóides que fizemos. Era tipo “o negro chega ao poder”, a coisa da imigração, deixar da condição de ser escravo até chegar ao cargo mais importante e tal. Era mais alegórico e apesar de ter um caráter mais sério, em nenhum momento era um tido como um quadrinho para criança como os outros, ele não tinha uma coisa de reportagem como esse do crack tinha, mas mais de contar uma história, de narrar. Apesar de que também...acho que os dois funcionam dessa forma.

Depois fizemos dos candidatos eleitos para presidente no Brasil. Quer dizer, só teve uma (risos) mas tivemos que fazer dos dois, porque não sabíamos quem ia ser né? Tanto Dilma quanto o Serra. Era mais coisa de trajetória: quem é, onde começou, as aspirações dele sendo eleitos. Acredito que esses do presidente vieram muito em função do *Crack* que foi uma coisa muito bem recebida, apesar de ser uma coisa muito trabalhosa.

A gente recebeu a matéria da Samanta [Sallum] pelo Leonardo Cavalcanti [editor de política]. Ele que bolou, quis, estava cheio de gás. Assim, jornal tem isso né? Vamos fazer! As pessoas acham que quadrinho é só mais uma ilustração. Não é por maldade, mas por desconhecimento. Acham que é super rápido e, na verdade, precisamos criar personagem, identidade, tem que ter ligação entre quadro e outro e nem todo mundo está habituado com isso. Por ser quadrinho, também são mais ilustrações na mesma página e não só uma, tem isso.

No caso da Samanta, era mais descritivo, quase policial: aconteceu isso, o cara falou, era uma espécie de roteiro, então ficou legal, podíamos estabelecer alguns diálogos. A Samanta não podia tirar foto, ela foi meio que disfarçada, foi com o cara na favela até um ponto onde as pessoas estavam tentando recuperar viciados e volta, encontra com muita gente perigosa, então não podia dizer que era repórter.

Pode ser uma forma de abordar a mais. O quadrinho é mais imaginativo. Não tinha nenhuma imagem em relação ao local e eu colhi algumas fotos, internet, pesquisa de subúrbios da região para embasar. O personagem que andava com ela era um cara conhecido em Porto Alegre por estar ligado a esse movimento contra o crack, então peguei algumas fotos dele e criei um personagem meio que parecido com ele. Não foi no escuro. Ela tinha uma descrição dele. É o be-a-bá dos quadrinhos: visualmente já ia aparecer. O legal é emitir o casamento de imagem e texto. Não precisa ser um desenho hiper-realista para dizer tudo e também não precisa fazer texto que te deixe enfasiado

## **2. Em relação ao realismo do quadrinho. É preciso para ser JHQ?**

Cara, assim, no caso desse que a gente fez, apesar de não ter um dado real de onde era o lugar, eu não estava desenhando da forma exatamente como era. Mas é uma realidade de subúrbio brasileiro, então tentamos tornar o mais parecido possível. Antes de publicar conversei com a Samanta, fiz prévia de algumas imagens, esboço e ela falou que era assim mesmo. Não é fotojornalismo. Acho que em alguns momentos talvez seja importante você tornar um dado real, uma imagem, mas, em geral, em quadrinho você

precisa dar o clima e informar alguma coisa. Talvez o quadrinho vai ser como um infográfico. Talvez seja um parente do quadrinho, é um passo mais técnico.

### **3. Então qual seria a diferença entre infográfico e o JHQ?**

Ah, o infográfico trabalha com dado técnico e preciso, absoluto. É o ideal. Às vezes até infográfico no jornal a gente não consegue, pelo mesmo motivo do quadrinho: você tem dificuldade de tempo de pesquisa. O ideal seria que o infografista acompanhe o jornalista. A gente ia junto. Temos que resumir visualmente assim como vocês fazem em texto. E nem sempre eu vou pegar a sua visão que você tem de texto, vai me dar os dados que preciso visualmente acrescentar. Não é legal você repetir os dados que estão na matéria. O fundamental, no infográfico, é comentar visualmente ou com menos texto possível, o que aconteceu, o que você está querendo explicar e é legal que o infográfico que sempre tentamos trabalhar é aquele que funcione de forma independente. Você como leitor pega a página e se ela não ler a matéria, só o infográfico, tem que sair dali sabendo do assunto e, também ter vontade de ler a matéria, pegar detalhes de outra natureza. O infográfico tem que explicar o que aconteceu e como. Já o quadrinho tem isso de ser informativo, mas não precisa ser só isso.

### **4. Como você vê o personagem cartunizado?**

Não vejo problema. Acho que o personagem, sei lá, hiper-realista, às vezes não vai comunicar melhor, às vezes até te toma mais tempo visual e atrapalha um pouco o ritmo de leitura. Você já está no meio gráfico, é uma coisa impressa, é um desenho. O que vai te dar um caráter mais sério num desenho não é um nível de realismo do desenho, do personagem.

O Charlie Brown, por exemplo, é um personagem super marcante, as pessoas levam a sério, apesar de ser uma coisa leve e tal. Você cria essa comunicação e não necessariamente é um desenho realista. O que você está transmitindo, o clima da história, é mais importante que um desenho hiper-realista e que o texto seja um texto burocrático e você não consegue comunicar. Não adianta ser muito realista e não encaixar com o texto. Tem que ser realista quando for necessário. Se for personagem com duas bolinhas nos olhos, ele pode te contar o que quer, te conduzir, depende do estilo do desenho. Não impede.

### **5. Quais as dificuldades que você vê em fazer JHQ?**

Tempo. As pessoas geralmente não entendem que você precisa de mais tempo para fazer aquilo. As etapas são muito distintas. Tem que ter pesquisa, criação do personagem, fazer o esboço, *layout* da página, como vai funcionar, finalizar página, ver como ela se comunica com a outra, fazer a arte final, revisão do texto, colorização, letreiramento. São várias etapas e dificilmente as pessoas entendem. As pessoas chegam com proposta: queremos fazer biografia de fulano em 15 páginas. Para quando? De quinta-feira para domingo...não consigo fazer. Acha que está fazendo corpo mole. Você demora dias fazendo e o cara lê assim ó...então até entender que demora a ser feito não é fácil. Para ser diariamente teria que ter pessoa específica para fazer só isso e talvez tirinha, tipo Steve Canyon. Se não, tem que ser trabalho super especial. Fica um tempo no estúdio fazendo e depois publica. Diariamente, é mais difícil. Publicar na outra semana, tudo bem, mas você não para para fazer só aquilo. Uma semana é o mínimo nas formas que trabalhamos aqui no jornal, na redação.

## 6. O JHQ é um gênero jornalístico?

Acho que é meio cedo para dizer isso. Talvez...aparecendo gente mais especializada ou até jornalistas que se interessem em fazer. Eu fiz só esses poucos trabalhos que te relatei. O que acontece é que você pega pessoas que geralmente não tem o hábito de fazer e tem dificuldade de se adaptar ao formato, essa mídia que é o quadrinho. A tendência do jornalista é escrever, escrever, escrever...ta acostumado com isso. Não é defeito...mas eu empurro para um lado para reduzir o texto, ele para aumentar (risos). Tem que ter um diálogo.

**Anderson Araújo** é o subeditor de arte do *Correio Braziliense* e coordena as ilustrações e infografia do jornal. Ajudou no trabalho que originou a matéria *Crack*, de Samanta Sallum e ilustração de Kleber Sales, indicada a diversos prêmios. Entrevista concedida ao autor em 2/11/2011.

### 1. Como surgiu a ideia de trabalhar com JHQ?

A ideia de trabalhar com quadrinhos aconteceu de várias maneiras aqui. Depende de cada época e como o material surge. Especificamente o material do crack veio da redação para gente. Foi um material onde a Samanta Sallum, na verdade, já sabia, pois fez parte do acordo dela para andar com um cara naquele lugar, né, e ter acesso aos lugares dos traficantes, não podia fotografar, gravar áudio não podia nada. Ela só podia acompanhar. Então, era um material muito rico em estória, informação, conteúdo, mas em imagem ele nao tinha nada. Foi uma ideia...nao lembro muito bem, ou da Samanta ou do editor que estava publicando o material, o Léo, a narrativa ser contada de uma maneira interessante para o leitor.

A gente calculou o tempo que a gente precisava para fazer esse material para eles verem lá que dia da série eles podiam publicar, porque tínhamos que ter tempo para fazer. Eles enxergaram que podia ser uma narrativa diferente e a gente enxergou que precisava de determinadas condições de tempo e conseguimos nos acertar.

### 2. O que seria, para voce, JHQ?

É o seguinte: a linguagem dos quadrinhos dramatiza um conteúdo, ou seja, ela coloca personagens nas ações daquela narrativa. É mais ou menos assim: se você tá contando uma história em um texto e você fala de um caminhão parado em tal lugar...quando você cita o caminhão, eu vou imaginar um caminhão, você pode imaginar outro, então o caminhão, como fica no plano das ideias, as pessoas entendem que aquela ideia tem de caminhão é uma interpretação dela.

Agora, quando voce pega essa informação e coloca em uma narrativa gráfica, você ta fazendo com que um desenhista tenha que dar forma a esse caminhão. Nesse momento surge a questão ética, porque eu vou desenhar um caminhão naquela situação específica e eu necessariamente tenho que saber que caminhão é esse, que modelo, que marca, retratar aquele caminhão que existia ali. Não tem espaço para interpretação, entendeu?

Então, se eu pegar, nesse momento da narrativa, um caminhão genérico, o que eu vou estar fazendo, por mais que eu não tenha intenções de inventar, o que estarei fazendo na prática é inventar. Então, nesse sentido, o Jornalismo em quadrinhos ele tem uma limitação que é a limitação da apuração. Se a gente tem uma apuração

específica para esse fim, de narrativa gráfica, tudo bem...vai funcionar. Se não tiver essa apuração específica, a gente provavelmente vai ter um impasse em algum momento. Nesse caso, a gente teria que ter um registro fotográfico ou o artista que vai fazer aquela história poderia estar ali apurando...

A gente tem experiência do pessoal da infografia ir apurar junto com os repórteres, né? Então, em determinados casos, principalmente de acidente – de trânsito, elevador, obras na cidade – normalmente vai um infografista para apurar junto com o repórter. Por essa experiência a gente tem visto que o repórter vai com uma visão e o infografista vai com outra. Por exemplo, o repórter chega no lugar, ele quer conseguir uma entrevista com o responsável por uma obra, escutar a autoridade que está ali no lugar, testemunhas.

A cena, especificamente ali, principalmente coisas ligadas a dinâmica do acidente é uma coisa que precisa de um olhar mais visual, então um infografista normalmente vai e se atenta pelo lado de ver por que faixa os carros andaram, tem um canteiro no meio, meio fio que pode ser uma informação importante na construção daquele infográfico, então assim, não só em quadrinhos, mas a gente tem uma narrativa visual quando a gente mostra um fluxo de acontecimentos e uma maneira são os quadrinhos. Mas você pode fazer um infográfico com uma cena aberta, onde você tem ali os carrinhos e umas setas de fluxo onde você vai mostrando as várias posições desses carros ao longo dos acontecimentos. É uma coisa semelhante ao fazer quadrinhos, fazer essa dramatização ali.

Agora os quadrinhos ainda tem esse lado dramático mais forte, porque você vai desenhar personagens, reações das pessoas em determinado lugar. O que na infografia que descreve o fluxo de acontecimentos, não fazemos. Por exemplo, o caso de um acidente...se eu faço um infográfico de uma cena aberta com os fluxos do carro ali no acontecimento, eu to focando na parte gráfica, de desenho, ao modelo dos carros, construção do cenário – mais realista possível – agora, se eu pegar essa mesma informação e for para a construção disso em quadrinhos, aí eu vou para cenas que são cortadas e em cada cena vou ter personagem, reação física, facial.

### **3. O personagem também teria que ser realista?**

Na verdade...essa linguagem não importa muito. No quadrinho para explicar uma história – o *storyboard* – o que importa é a dinâmica dos acontecimentos, então, ser o cenário ou o personagem a coisa mais importante, vai depender da história. Por exemplo, a gente já fez aqui assalto a caixa eletrônico. Ali o cenário não importava muito. Era o caixa, o cliente, fluxo de pessoas, assaltante chegando, abordando, saindo. Nesse caso os personagens eram mais importantes. Também fizemos um sequestro relâmpago que a pessoa tinha sido pega no estacionamento de um shopping, a pessoa tinha saído por de trás de uma pilastra...nesse caso o cenário era mais importante. Mas é a dinâmica ali que é a mais importante. O *storyboard* eu não considero como um gênero jornalístico porque tem uma carga de invenção muito grande. Por mais que eu tenha as características da pessoa, tenho a foto, as características físicas da pessoa. Mas a maneira como se moveu, a expressão que ela fez quando foi abordada...aquilo eu to inventando. Eu não tava lá para ver. Por essa necessidade de imprimir uma carga dramática a história é que esse *storyboard* se torna mais invenção que o jornalismo. Tem um limite onde a apuração nunca vai chegar: essa coisa da reação das pessoas. Eu to colocando uma carga dramática numa coisa que eu não tava lá para ver. A discussão ética, nesse caso, sempre vai

acontecer.

É como você pegar uma biografia e fazer um filme para cinema. Então voce sabe que uma parte muito grande daquilo ali é inventado, especialmente o que diz respeito a uma reação física que o ator ta fazendo. Tem essa margem. Mas até que ponto isso atrapalha ou não o jornalismo nessa história? Aí, de novo, vai depender do caso. Tem caso onde isso se justifica você entrar ou não. De qualquer maneira tem pessoas que são mais radicais a questão e acham que não se deve fazer de maneira nenhuma. Naquele caso lá do atirador de Realengo...teve uma discussão grande, onde vários profissionais entender que aquilo não só errado de fazer essa dramatização – pessoas correndo, tentando fugir, feridas no chão – e não acrescenta em nada no contar da história. Muito pelo contrario, além de não acrescentar, ainda tem uma carga anti-ética grande, porque está lidando com um parente que levou um tiro ali, que foi machucada e o parente ta vendo o jornal e vendo uma dramatização com aquele ente querido, no chão, com sangue. Não presta nenhum serviço e ultrapassa o limite informativo e ético, do tom, é desrespeitoso.

#### **4. Você acha que o JHQ teria mais espaço no jornalismo diário?**

Na minha opinião, no jornalismo diário não cabe quadrinhos. E eu falo isso, em primeiro lugar, por conta da questão produtiva mesmo, de execução do trabalho. Fazer quadrinhos é uma coisa que exige alguns passos, é um trabalho complexo no qual você parte da história, formatar o roteiro, *storyboard* para descobrir que ângulos usar, que tipo de plano, aí desenhar e finalizar. Então, fazer tudo isso em um dia só é você correr muito risco de entrar em áreas indevidas, onde surgem essas questões éticas e da própria, digamos assim, adequação da linguagem do que você ta querendo contar. Tem que ter mais tempo e usar a linguagem de quadrinhos no Jornalismo tem que se ter muito bem claro que nao é uma boa linguagem para dar *hard news*. Voce fazer *storyboards* de assaltos, de acidentes, esse tipo de coisa, nao é adequada para isso, porque você dramatiza muito e isso não acrescenta em nada no conteúdo. Você mais presta um desserviço ao leitor. Eu vejo a linguagem de quadrinhos no Jornalismo sendo usada adequadamente só em matérias que não pretendem retratar uma realidade, mostrar um fluxo de acontecimentos como a infografia pretende mostrar. Eu vejo mais como uma linguagem de apoio para contar histórias, por exemplo, para matéria de comportamento. Voce pode inventar uma história, onde o leitor sabe disso para discutir determinado comportamento. Você vai falar de estilo de vida do brasiliense...foram criados três personagens esteriótipos dos perfis dos brasilienses para dramatizar isso. Você ta dramatizando um perfil que você quer mostrar, não é um cara que tava dentro de uma situação real. Sempre que tem essa situação real, o que aconteceu, é o lugar para não usar quadrinhos.

#### **5. E em relação ao trabalho do Joe Sacco?**

Eu vejo que, se você cria um personagem...e ele não é o único que faz isso...vários autores fazem isso de criar um personagem para discutir um contexto histórico, político, econômico...Existe um motivo específico dele para passar isso e ele realmente consegue passar um conteúdo. Ai não é exatamente Jornalismo porque voce ta criando um romance...por exemplo, Persépolis é um romance que mostra uma garota num contexto cultural e num momento histórico específico, a vida dela. Ali usa o contexto para mostrar algo específico...nao tenta construir uma história que aconteceu ali. Eu acho que ai tá um pouco entre literatura e jornalismo. Ele usa a literatura para contar o que, digamos assim, seria jornalismo, pelo contexto daquele

momento. Seria um gênero híbrido. Dependendo do que você tá discutindo, você pode dizer se é Jornalismo ou não.

Na prática talvez seja mais interessante discutir se o quadrinho é adequado ou não para o jornalismo de periódico, que é uma coisa que diferencia também desses quadrinhos que falamos é que não é periódico. O cara criou uma *graphic novel* e não tem compromisso com prazo, momento específico. No Jornalismo mesmo, de periódico, a linguagem de quadrinho é difícil de você encontrar adequação dela nesse meio. Eu particularmente vejo muito mais o quadrinho como recurso bacana, gráfico, para colocar, ir além do jornalismo no periódico. Por exemplo, nós ganhamos prêmio com esse quadrinho que o Kleber fez do *Crack* [toda a série ganhou o Prêmio SND de infografia], que é uma reportagem gráfica. Mas eu particularmente acho que o melhor trabalho que fizemos em quadrinho aqui no jornal foi aquele que era um caderno especial no aniversário de Brasília, onde o pessoal criou um personagem, que era um candango velho e andava pela cidade, mostrando cenários, monumentos e ia contando aquilo ali. Ali não era jornalismo, conteúdo, era quase literatura. Eu entendo que foi o melhor trabalho com quadrinhos no jornal justamente por isso: não pretendia ser jornalismo. O lugar do quadrinho, na imprensa, é para trazer um pouco de cultura, literatura, do que tentar inserir em materiais jornalísticos. Levar cultura para as pessoas, seu valor cultural. É um meio de humanizar, conteúdo humanista dentro do jornal, não ficar só lendo matérias do dia a dia.

**Juliana Reis** é formanda de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo e foi responsável pelo projeto gráfico e diagramação do perfil do Aldo Palvani na revista *Campus Repórter*, da Faculdade de Comunicação da UnB, usando elementos quadrinísticos. Entrevista concedida ao autor em 23/10/2011.

### **1. Porque vocês escolheram essa estética de quadrinhos?**

Porque...você leu a entrevista? Então, no princípio eu só tinha uma ideia do que seria. As meninas [Camila Santos e Rafella Vianna] disseram que iam entrevistar o Aldo Paviani, que ele ia falar sobre caos urbano, esse tipo de coisa, sabe? Então a gente pensou em uma diagramação que fosse bem caótica, aí quando eu fui falar com a Gabriela Freitas (editora de arte) sobre como a gente ia fazer isso, ela sugeriu uma estética de quadrinhos. A princípio não seria o formato de quadrinhos, mas aquela coisa bem caótica tipo quadrinhos, ilustração.

### **2. Mas ficou até comportado...como vocês chegaram à solução?**

É...aí depois não era tão caótico assim entendeu [risos]. Inclusive a gente tinha feito todo o *storyboard*, tínhamos pensado em tudo e aí as meninas começaram a pensar que talvez nem fosse o caso. Mas como já estava tudo pronto e talvez nem desse mais tempo, aí a gente deixou os quadrinhos. No abre elas colocaram uma referência ao enredo de quadrinhos, para poder ligar algumas ideias, foi isso.

Eu acho que ficou legal porque ele mudou a estética, comparado às outras entrevistas da *Campus Repórter* e porque, como a gente ia usar fotos que – tínhamos poucas fotos também – e iríamos usar fotos que ilustrassem os problemas, então ficou legal. Porque se associa o quadrinho ao que está sendo dito na legenda ao lado.

### **3. Como vocês tinham pensado antes de ver essa solução pelos quadrinhos? Acha que seria JHQ?**

Todo ele foi pensado em cima de uma estética assim. Eu procurei muito sobre quadrinhos mesmo. Tinha pensado, inclusive, em trabalhar com ilustração, mas todo mundo achou legal trabalhar com foto e tal. Mas aproveitamos a pesquisa que fizemos. Era associar o caos urbano com o que geralmente tem em histórias em quadrinhos. Não sei se foi bem resolvido não. Eu gosto mais dela por ter ficado diferente das outras edições da Campus. É uma forma de experimentar e a Campus é isso. Mas não acho que seria Jornalismo em quadrinhos.

### **4. Você acha que o JHQ seria um novo gênero jornalístico?**

Realmente, essa é uma área que não me arriscar comentar. Não sei se seria ou não, sinceramente.

**Antônio Aristides Dutra** é professor da Universidade Veiga e da Faculdade Candido Mendes, ambas no Rio de Janeiro. Pesquisou o tema em nível de mestrado no Brasil, na ECO-Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em sua tese fez um histórico da relação entre o Jornalismo e os quadrinhos. Entrevista concedida ao autor em 20/10/2011.

#### **1. Primeiramente, gostaria que você explicasse como que surgiu a ideia de trabalhar com esse tema de JHQ?**

Eu sempre gostei de quadrinhos. Fui para o meu mestrado, na verdade com um projeto em cima de uma conceituação de quadrinhos, discutir os vários conceitos, as várias definições de quadrinhos e foi no próprio curso que eu acabei me interessando pela parte jornalística. O curso era de Comunicação. Eu já gostava de JHQ, do trabalho do Joe Sacco e, no contato com algumas disciplinas eu acabei *linkando* (sic) a disciplina com o conteúdo e acabei enveredando por essa linha. Então, assim, na verdade a ideia surgiu no meio do mestrado.

#### **2. Como foi achar essa junção entre Jornalismo e quadrinhos? Falar da sua experiência...**

Na época tinha muito pouca referencia. Até mesmo fora do Brasil tinham poucos trabalhos. Então foi um trabalho meio de desbravamento mesmo. Se eu fosse fazer o trabalho hoje, teria muita coisa diferente ali, né. Eu teria sido mais focado, tomado decisões bem diferentes. Mas, de qualquer forma, se não tivessem pessoas como eu na época e mesmo as pessoas que vieram depois, não teria o material que tem hoje. Então a gente paga o preço pelo ineditismo em certo sentido. Mas foi muito interessante. A minha área original é artes plásticas, apesar do meu mestrado ser em Comunicação. Meu instrumental não foi de jornalismo propriamente dito, quer dizer, não entrei no mérito da questão de discutir se o que ele [Sacco] fazia era bom ou não jornalismo. Tanto que quando eu entro nesse ponto, eu coloco comentários de outras pessoas a favor e contra o que ele estava fazendo. Exatamente porque não era a minha área. Tem outros trabalhos que entram nessa discussão: até que ponto aquilo é jornalismo ou não ou o que mecânicas, ferramentas de análises, avaliação crítica de jornalismo pode ser usado em cima daquele trabalho. São interessantes, a área vai crescendo, aumentando e é isso mesmo que é feito.

#### **3. E sobre se é um gênero? O que você acha?**



A questão de gênero é...você tem que se colocar: gênero dentro de que? Se você vai falar de gênero, é um gênero do jornalismo, dos quadrinhos? É uma decisão inicial dentro do que você vai se instalar, porque a divisão de gêneros de um é diferente da do outro. Então, antes de você se perguntar se o JHQ é um gênero, tem que perguntar dentro de que você ta colocando, uma coisa inicial. Eu não me preocupei muito com essa questão de gênero em si porque nao era o meu foco, mas pensando dentro do quadrinho eu acho que a resposta seria sim, porque a HQ, de um modo geral, não é um gênero. Ela é uma linguagem, é uma estrutura que dentro cabem gêneros. Então acho que as pessoas durante muito tempo ficaram chamando o quadrinho de gênero, como se fosse um gênero da literatura, o que é uma bobagem.

Assim como o cinema nao é um gênero do teatro, por exemplo. São linguagens diferentes. E se o que define gênero é uma abordagem mais de conteúdo e de estrutura interna e nao o formato, né, aí sim, eu acho que caberia. Eu to fazendo um trabalho no momento de assessoria do jornal *Extra*, aqui no Rio, que eles estão já há algum tempo querendo fazer uma reportagem em quadrinhos grande. Eles já fizeram algumas pequenas e essa provavelmente vai ser um caderno inteiro, um encarte mesmo na revista, bem grande. E na reunião que tive com eles há poucos dias, a gente estava discutindo exatamente a questão da apuração.

E eu comentei algumas coisas com eles e eles mesmos já tinham colocado algumas coisas nesse sentido, né, tiveram uma compreensão disso: o jornal escrito, uma matéria escrita, você vai fazer uma apuração que tenha um certo grau de detalhamento. Mas você pode simplesmente dizer assim: quando a policia chegou no morro, os bandidos atiraram de volta, os bandidos fugiram por tal lugar e a polícia subiu por rua tal. Do ponto de vista jornalístico isso pode ser suficiente. Se você vai fazer uma reportagem em quadrinhos isso não é suficiente.

Porque você não pode desenhar uma rua qualquer ou uma viatura qualquer da polícia. Então, se você vai fazer uma apuração para imagem para ser JHQ, desenhada, o seu grau de detalhamento é diferente, é maior. Você vai ter que tirar fotos da rua, de como é a viatura que efetivamente foi, não dá para colocar os caras subindo num camburão se eles subiram em carros blindados. Isso não vai ser jornalismo.

#### **4. Essa questão da realidade...algumas pessoas falam que só seria JHQ se tivesse essa realidade intrínseca. Como vê isso?**

Sim, mas essa realidade vai estar exatamente no grau de detalhamento dessa apuração. É óbvio que você vai ter um certo grau de liberdade. Se você vai desenhar uma rua você pode até ter uma certa liberdade nesse desenho, mas isso não desqualifica a sua reportagem em quadrinhos, porque você também faz isso no texto. No texto você também preenche algumas lacunas e toma certas liberdades, omite algumas coisas, ou conclui por você. Se quiser ter um ferramental para analisar se uma coisa é válida ou não do ponto de vista jornalístico, nao dá para você, ao analisar o quadrinho, ser mais realista que o rei, entendeu? Você exigir uma perfeição, uma imparcialidade e um absolutismo da qualidade da informação do quadrinho, se você não exige isso do jornalismo. É injusto.

#### **5. Como você veria qual seria o limite e potencialidades do JHQ?**

Olha, eu acho que você tem dois caminhos para você pensar, que são interessantes: um são os limites, as bordas, as limitações e o outro são as possibilidades e as coisas que

ele agrega ao jornalismo. Acho que as duas coisas são importantes, não só os limites. Mas, bom, vamos começar pelos limites.

Eu acho que você pode ter no JHQ, eu acho ruim você pensar o JHQ como se você fosse criar um cânone para ele. É uma área nova, que ta sendo inventada e que está expandindo. Se, agora nesse momento de início, as pessoas quiserem criar um cânone, elas só vão engessar uma possibilidade de crescimento, acho que temos que aceitar o fato de que estamos na hora de correr certos riscos porque estamos abrindo, pesquisando. Se pensarmos que ela deve ter isso, não deve ter aquilo, é limitador. Acho que é hora de correr o risco.

As limitações, para mim, tem que ser pensadas...eu uso sempre como referência o jornalismo tradicional. Nele, você tem uma gama muito grande de tom, por exemplo. Você pode fazer uma matéria que tenta ser imparcial, aquelas perguntas [o lead]. Você pode ouvir os dois lados da questão, uma maneira de colocar o discurso dentro de uma técnica, mas você também pode ter um jornalismo que seja parcial.

Eu trabalhei durante muito tempo numa revista de saúde pública. A gente não tinha que ser imparcial, éramos a favor da saúde pública, do SUS e uma série de coisas. A gente tinha uma posição. É como o Jornalismo norte-americano faz: se ele é a favor dessa ideologia, ele deixa claro e faz um jornalismo a favor daquela ideologia. Então, é também possível e ético você fazer um jornalismo que toma partido, depende da situação. Você pode ter um jornalismo crítico.

Você pode ter uma sátira, uma paródia, você pode ter um jornalismo cultural, que trabalha com pa râmetros diferentes, você tem um jornalismo sem comprometimento, mais próximo do morro, você tem uma gama muito grande dentro do jornalismo. Ela continua gigantesca e em expansão. Se pensar um JHQ, num caminho único, está perdendo a possibilidade de ter essa abertura. Acho que é também possível você abrir esse limite dentro do JHQ. Posso ter, dentro do JHQ, um jornalismo opinativo, crônicas, como a *New Yorker* faz, manda, não sei, o Crumb, para visitar um desfile de moda em Paris e ele faz crônica sobre aquilo. Tem crítica de filme e entrevista em quadrinho. Então, assim, o que acho que é legal para mim é exatamente onde o quadrinho abre e não onde fecha. Quando pensamos no limite, temos que pensar em cada uma dessas variações.

Acho que o limite do JHQ é o limite do tipo de jornalismo do qual você está fazendo mistura. Se está aplicando o quadrinho à entrevista, o limite é a entrevista, se for Jornalismo Investigativo, o limite é ele mesmo. Eu penso não onde é que estão as limitações, mas sim as possibilidades, ou seja, o que o jornalismo faz de diferente e específico para que seja interessante fazer uma reportagem em quadrinhos. Se eu for fazer reportagem em quadrinhos e quantidade e a qualidade da informação e que eu to passando for, em todos os tópicos, for inferior a uma reportagem tradicional, não faz sentido. Só faz sentido se ela agrega algum valor de algo que você não tem no jornalismo tradicional. Por exemplo, o jornalismo durante muito tempo foi impresso em papel, todo o século XIX. Quando você chega na época da transmissão de rádio, houve um jornalismo de rádio e que trouxe, por exemplo, o ao vivo, a voz, o timbre do entrevistado e a emoção da narração e inflexão. Isso não tinha no jornalismo impresso, então ele se justificava principalmente pelo o que ele agregava. Quando se tem o jornalismo da televisão, cinema, a mesma coisa. Não tem sentido colocar um jornalista na TV e ele ficar falando durante 40 minutos sem nenhuma imagem. Então a pergunta é: o que de novo e especificidade da linguagem dos quadrinhos está

agregando valor ao jornalismo.

Na FLIP desse ano, por exemplo, tinha um rapaz, o Daniel Gnattali <sup>11</sup> que faz uma espécie de diário pessoal em quadrinhos. E publica na web. Então, ele publicou na FLIP uma história sobre a ida dele para lá, ele faz uma espécie de autobiografia em quadrinhos. Não é tanto pela autobiografia, mas pelo relato daquelas coisas. Tem lá um encontro dele com o Joe Sacco, Fábio Moon e Gabriel Bá<sup>22</sup>, as coisas que aconteceram naquele dia. Ele desenha com uma rapidez que, dois dias depois, consegue colocar na web um história de 10 páginas sabe? Ele, por exemplo, se fosse fazer JHQ dentro de um jornal, com um trabalho como o dele, seria possível ou quase possível ter uma matéria diária em quadrinhos. Então, ele trabalha com velocidade e algo mais simplificado. Não vai ter o detalhismo do desenho, da imagem. Por exemplo, no caso dele, como vínhamos falando de limites. Ah, as imagens teriam que ser corretas e reproduzir o cenário. No caso dele, o foco não é a imagem, a descrição visual, é o relato subjetivo, do ponto de vista da pessoa. Cabe completamente uma esquematização do desenho e mesmo uma certa invenção da imagem. Óbvio que ele faz fotos, usa referência, mas não tem referência de tudo.

O que o quadrinho agrega ao jornalismo? Eu acho que faz algumas coisas que quando se faz no jornalismo se tornam interessantes. Por exemplo, a HQ trabalha com dramatização de uma história, lembra o cinema nesse sentido. É diferente fazer uma matéria imparcial – no jornal ou TV – ou fazer espécie de docudrama, como o Linha Direta. Aquilo lembra JHQ, mas era reconstituído com imagens em movimento. Tinha toda uma estética, com voz em *off*, apresentador, tudo isso que você pode ou não ter. Mas essa conversa que eu tive com o pessoal no jornal Extra, quando falei da diferença de apuração para quadrinho por causa da imagem e para texto, um dos caras deu um exemplo assim: fulano de tal trabalhou na redação do Linha Direta e disse que ele teve que reaprender a apurar, porque apurar para imagem é completamente diferente. É o mesmo caso. Bom, no caso do quadrinho, tem a possibilidade, na dramatização, de você não só narrar, contar o que aconteceu, mas mostrar como aconteceu. Então, o JHQ, nesse sentido, vai ser ótimo por exemplo, para um jornalismo de um fato. Tanto que ele já era utilizado: os infográficos, as ceninhas de reconstituição de crime, de acidente, aquilo é uma pequena HQ dentro do Jornalismo, só que era utilizado em pequena escala e como uma ilustração e não como uma matéria inteira. Então, esse caráter da dramatização é forte no quadrinho, a teatralização da ação. Se tem histórias que ficam bem com isso, vão ficar bem em quadrinhos.

Uma outra coisa que os quadrinhos fazem muito bem é dar voz a personagem e humanizar. Se você diz assim: um terrorista palestino entrou no mercado e explodiu uma bomba. Se você coloca nesses termos, só falado, ele é totalmente despersonalizado. Se faz isso em quadrinhos, ele vai ser uma pessoa específica, vestida de uma forma específica, que vai andar de uma forma específica e vai deixar de ser simplesmente uma pessoa ou um terrorista para virar um ser humano, com um *background*, uma história específica, própria. Essa humanização dos personagens é uma coisa muito forte nos quadrinhos, mais do que no cinema, porque no cinema há muitos filmes que são abstratos, não calcados no personagem, experimentais. Mas você lembra de cabeça alguma HQ que não tenha personagem? É complicado...ele é calcado no desenvolvimento do personagem. Se você vai fazer história, entrevista,

---

<sup>1</sup> Ver <http://danielgnattali.blogspot.com>

<sup>2</sup> Ver <http://10paezinhos.blog.uol.com.br>

matéria, ou uma coisa qualquer e quer valorizar esse caráter expressivo do indivíduo, do personagem, o quadrinho é uma boa escolha.

Há duas maneiras de você fazer um filme ou um audiovisual calcado em uma realidade: o chamado docudrama, como o Linha Direta, que você está assumindo que está dentro do documentário, que é a linguagem básica, jornalística, e você vai utilizar a dramatização como recurso extra, mas seu compromisso é com o documental. E existe o outro que é o filme adaptado a partir da realidade. Se você vê um filme como o *W.* sobre o filho Bush, ele não tinha um compromisso com o documental e sim com ser cinema. É baseado na realidade, mas toma uma série de decisões que o docudrama não tomaria. Então, de um lado e de outro, temos uma questão básica que é: aquilo que se passa por realidade, de certo modo. O cinema tem uma capacidade de convencer da realidade. Uma das características mais fortes do cinema é exatamente o realismo, mesmo que seja fantasioso.

O que pode ser afirmado como realidade pode ser discutido como mentira, então a fotografia – com manipulação, photoshop – é uma discussão disso também. Há uma crise da fotografia e há discussão que ela não é confiável é exatamente que ela pode ser verdade. Se ela pode ser verdade, ela pode ser mentira. Verdade e mentira são uma contraposição em que um não existe sem o outro. O desenho, ao não se afirmar como verdade, ele não tem esse poder de mentir. Ninguém levanta uma discussão ética se um desenho é verdadeiro ou não como levanta se certa fotografia manipulada por photoshop é verdadeira ou não. E o desenho sempre tem a interferência. A foto é um registro, enquanto o desenho é um relato.

A foto, mesmo que a gente saiba – vindo dos cursos de comunicação – que não existe a foto imparcial, documental, ou seja, existe um ponto de vista, ângulo de visão, enquadramento que escolhe, enfim, tudo isso o fotógrafo tomou dezenas de decisões. Até mesmo a decisão de fotografar, em vez de desenhar ou só escrever. Essas decisões todas são subjetivas e aquela fotografia, que as pessoas entendem como reprodução objetiva da realidade tem uma parcela muito grande de subjetividade. Mesmo com esse espaço para o subjetivo, há um clique e reprodução mecânica da câmera – o registro. Já o relato é a narrativa posterior, subjetiva, vinda da memória de uma pessoa daquele relato. Ele é 100% subjetivo, diferente do registro, onde há uma parcela de algo documental.

Uma das vantagens do desenho da HQ é que, como ele não é fotográfico, ele sai dessa discussão. Se você quer fazer um relato gráfico-sequencial de um acidente ou assalto. Se você pega um ator e decide fazer fotonovela, que atores vai usar, vai quebrar o mesmo vidro? Todas essas decisões para fazer uma reportagem fotográfica, uma reportagem em fotonovela, você vai esbarrar em uma discussão ética que você não precisa entrar na HQ. Com o desenho você pode reconstituir, refazer aquela cena com muito mais liberdade, poder, amplitude, sem isso ser verdadeiro ou não. Não sei se isso faz sentido para você...(risos) A pergunta, para mim, é essa: porque vou fazer uma HQ de uma matéria se ela vai dar mais trabalho, envolve mais pessoas, uma apuração de dados diferente, fontes diferentes, custa mais...para que, se ela for inferior? O que aquilo agrega de valor que você não tem na outra reportagem?

## 6. Você acha que é possível nos grandes jornais?

A questão do suporte é muito importante para o Jornalismo em quadrinhos porque ele

é importante para o Jornalismo. Se você faz uma reportagem, escreve a mão e prega num poste, dificilmente alguém vai parar para olhar aquilo com jornalismo ou respeitar aquilo. O Joe Sacco não tinha consciência do que estava fazendo quando criou a *Palestina*. A coisa aconteceu assim: quando formou, arranhou emprego como jornalista, não gostou, foi para Europa e tentou viver de desenho. Publicou uma revista durante alguns anos, onde fazia relatos de viagem. Já tinha o caso do *American Splendor*, que eram histórias autobiográficas, os casos de Crumb, e ele seguiu o *underground*. Chegou um ponto que quis algo mais ambicioso. Voltou para casa, desenhou a história e fez minissérie. Não deu certo, porque não era formato adequado naquela época, onde os caras entravam nas lojas de quadrinhos para comprar super-heróis ou revistas *underground*.

Só que quando ele compilou e publicou em livro ela encontrou o público dela e foi um sucesso. Isso mostra que, no caso do JHQ – toda linguagem tem isso –, nele a linguagem é determinante para a credibilidade daquele objeto e dele encontrar o público certo. O livro-reportagem já existia, então quando ele sai como livro-reportagem, ele está no universo dele, dos paradigmas. Inclusive é o paradigma principal dele como reportagem em quadrinhos longa, em forma de livro, o paradigma dele nem é quadrinhos. Para mim, é o *new journalism*, nos anos 50, 60. Você publica a reportagem em forma de livro com certas liberdades, misturando com literatura.

Muita gente chama o JHQ como *new new journalism*, uma espécie de revisão do *new journalism*, trocando a literatura pelos quadrinhos, uma segunda onda. As experiências bem sucedidas nessa área...elas são, as principais, são duas: a reportagem longa em forma de livro e a mais curta publicada em revista. Tem uma publicação que vale a pena analisar que se chama *Vinte Um* – é uma revista francesa que sai a cada 2, 3 meses, mais ou menos tamanho A4, tem foto dentro, mas é pouco, é muito calcada na ilustração, todo um pensamento gráfico, enfoque no desenho e todo número vem com uma reportagem em quadrinhos, de tipo 20, 30 páginas. É uma das novidades do Jornalismo francês e do JHQ. Alguns jornais fazem, de vez em quando, reportagens especiais em quadrinhos. Isso são os dois lados: acontecendo dentro de um veículo tradicional de jornalismo ou dentro do livro reportagem. Fora isso, há ainda outras possibilidades, como na Itália, que existe um site que faz isso.

No Canadá, a revista *Extraction* fez uma reportagem, como comix, resolveram fazer uma pesquisa em cima das consequências desastrosas da exploração, não cuidadosa, de minerais na natureza, tendo como consequência impacto na natureza, poluição, essas coisas. Cada capítulo é um material – Urânio, petróleo, prata – então, para cada um, eles colocaram um grupo de jornalistas e desenhistas para fazer e publicaram isso como revista. Como é algo diferente, ao você fazer uma reportagem em quadrinhos, você vai criar um produto diferente que vai chamar atenção pela diferença e é a razão pela qual muita gente está fazendo isso nos jornais. No *Extra* escolheram um tema e tão fazendo o levantamento de dados para fazer a reportagem. O objetivo não é simplesmente fazer a reportagem, mas algo diferente. Já ganharam um prêmio com JHQ. Querem ganhar outro, chamar atenção, ter o pioneirismo, querem que o jornal, que é popular, querem colocar como algo diferente em relação a outros jornais.

Outra coisa que tem que ser levada em consideração, não dá para esquecer. Por exemplo, uma coisa é você perguntar o porquê alguém faz uma reportagem em quadrinhos, mas existe uma pergunta mais específica que é porque alguém faz uma reportagem em quadrinhos dentro de um jornal. A resposta não é a mesma. Dentro do jornal você tem que levar em consideração o momento pelo qual o jornalismo

impresso ta passando hoje, com crise, redução de tiragem, de leitores, tentando vender encartes com óperas, entre outros, enciclopédias, uma tentativa de sobrevivência. Existe a concorrência de outras mídias, especialmente a eletrônica e a crise de credibilidade.

## 7. Como vê a questão do jornalismo de autobiografia em JHQ?

Você tem que fazer a mesma pergunta que voce faria de um livro-reportagem. Se voce pega alguém que escreve uma biografia de Carmen Miranda [Ruy Castro], ele fez uma reportagem? Aquilo está dentro do campo da reportagem? Se você pega alguém que fez autobiografia e se pergunta se é jornalismo, se a resposta for sim para essa, será para a outra. Eu acho que uma coisa é ligada a outra, o quadrinho não responde isso. Eu pessoalmente não sei. Porque nem tudo que sai no jornal é jornalismo, então nem tudo que está no quadrinho publicado no jornal seria jornalismo. Se é para experimentar, alguém já pensou em fazer horóscopo, crônica em quadrinhos? Algumas coisas estão sendo experimentadas, outras não. Tem como fazer um jornal em quadrinhos? São coisas que gostaria de ver.

**Gil Maciel** é editor de infografia da Editoria de Arte do jornal baiano *A Tarde*, tendo ajudado na produção da reportagem em quadrinhos sobre os Novos Baianos, produto finalista do prêmio Esso na categoria design gráfico de 2009; ele foi o responsável pela equipe de design da reportagem e pela adaptação do roteiro jornalístico da jornalista Katherine Funke; A entrevista foi realizada via Skype. Entrevista concedida ao autor em 18/10/2011.

### 1. Vocês já tiveram algumas experiências em fazer matérias em quadrinhos no jornal...Poderia falar um pouco sobre elas?

Pela dinâmica da editoria você termina fazendo muitas coisas, então, eu me lembro que quando a Madaleine foi seqüestrada [caso em 2003], desapareceu em Portugal, fizemos uma, Túlio Carapiá fez outra sobre Revolução Francesa, ganhamos um SND [prêmio de infografia] com isso. Agora, então...é aquela história...você tem ideia de fazer em quadrinhos, vamos fazer? Vamos. Você tem um repórter que produz o texto, você tem que ver se aquilo está ilustrável. As pessoas acabam fazendo ilustrações com texto. Não é quadrinhos. Eu gosto muito de quadrinhos...leio desde os 8, 9 anos. Eu tenho essa intimidade com a narrativa, com a linguagem. Os designers e ilustradores, por conta de ser imagem e tudo mais também tem isso. Mas fazer o que a gente fez naquele material foi único.

Porque diferente de você apenas pegar o texto, conversar com o repórter, ver se esse texto tem imagem ou não, foi se pensando, construindo as coisas. O começo da história é o seguinte [falando sobre a experiência da reportagem sobre os Novos Baianos]: Katherine chega com Rodrigo Sombra e com meu chefe com a proposta de que queriam contar a história dos Novos Baianos em forma de quadrinho. Era para a revista *Muito*. São traços muito diferentes de quem participou. Aziz é uma coisa que pega mais para um quadrinho brasileiro dos anos 80, Gentil gosta de trabalhar com aquarela, Reinaldo que é um decano da ilustração da Bahia com 30 anos de jornal, aposentou a pouco tempo. Sempre foi ilustrador e chargista do jornal. Era nossa prata mais antiga. O traço dele tem uma pegada de anos 70, mas duro, lembra o Zéfiro, um desejo de realidade e Túlio que colocou as texturas no material e trouxe um desenho mais real também. Então cada um deles imprimiu o seu traço.

Por acaso eu tava relendo uma coisa chamada *Jack TV*, que é uma graphic novel dos anos 80, começo dos anos 90. Ela convidou – e *Sandman* também fez muito isso – para contar uma mesma história, capítulo por capítulo, um quadrinista diferente. Jack TV radicalizava isso porque é a história de um cara que pega um controle remoto maluco e o controle leva ele para dimensões da televisão. Tava num desenho animado dos Flinstones, com aquele traço, e depois tava no filme *O Alien...é essa história*.

Ai eu cheguei e disse o seguinte: vamos fazer uma coisa mais louca e juntar quatro...são quantas histórias? São quatro histórias? Cada ilustrador vai fazer uma pessoa dos Novos Baianos. Tem Galvão, Paulinho Boca de Cantor, Moraes e Pepeu. Definimos ser cronológico. A cena era construída quadro por quadro, foi um roteiro em conjunto.

## **2. Para você o JHQ tem temas específicos para ter um aproveitamento melhor?**

Em infografia, Vinícius, a gente tem uma coisa chamada cineminha, certo? *A Folha* usa há muito tempo, a gente usa também. Quando é que a gente usa, que geralmente tem quatro a cinco quadros? Três assaltantes chegarem num carro, num Fiat Uno, entraram na agência do Banco do Brasil de Caitité, atiraram no vigilante, rederam os empregados, levaram o dinheiro que tinha nos caixas, pegaram uma pessoa como refém, largaram essa pessoa na saída da cidade. A gente não tem imagem disso, ok? O que a gente faz? A gente constrói essa historinha. Para construir isso, a gente faz muito no jornal. Quando a gente usa o cineminha? Quando temos dados sérios...a cor do carro, assaltantes com submetralhadoras e dois 38. Quanto mais coisas eu tiver, mais preciso eu estou sendo. Então, estou construindo uma narrativa e eu vou colocar esses trechos todos ali, pensando sempre que tem que ser imagético. É um quadro com pequeno texto em baixo, é uma pequena tira que conta uma história. A história tem que ter dinâmica. Isso é o que a gente já fazia. Desse ponto de vista, a gente usa isso nesse tipo de coisa, que é na lógica da infografia. Quando você usa infografia? Quando você tem essas coisas ou quando você não está lá, você não usa foto quando não conseguiu fazer por algum motivo.

## **3. Você acha, então, que a infografia já seria um Jornalismo em quadrinhos antes dessa nomenclatura?**

Hoje por exemplo saiu um sisteminha explicando uma matéria. Não é quadrinho o que eu estou fazendo. Eu estou fazendo um sistema iconográfico. Quadrinho pressupõe cenário, cena, personagem, entende?

## **4. Em relação ao quadrinho dos Novos Baianos...você comentou que cada um fez uma parte, tem um traço, uma influencia...mas vocês tiveram uma preocupação em retratar o mais próximo possível do real?**

Todos estão bem próximos ali. Aí, claro, cada um adequando ao seu traço. O traço de Gentil, que é a segunda história, que é a de Paulinho Boca de Cantor, você percebe que é mega realista, aquarelado. Já a primeira, tanto Moraes quanto Galvão [cantores] estão estilizados, mas é Moraes, no banco, com cabelo espetado, tem a pegada de Bruno, que é mais engraçada, entendeu? Gentil é mais acadêmico, hiper-realista, mas ao mesmo tempo meio pirada, tem um Batman enorme que

atravessa a página, se balançando, que era alguém vestido. Tem Moraes falando, jovem. Aí você vai para Reinaldo, você reconhece ali, Reinaldo fez uma pesquisa de foto da época, tem João Gilberto sentado, entende?

**5. Voltando ao JHQ, você acha que é importante ter esse realismo para ser classificado como jornalismo?**

Eu acho que se é Jornalismo narra. Agora, se você vai pegar, você pode contar de várias maneiras. Saí, fui para o interior e, sei lá, entrevistei um agricultor na seca, certo? Eu posso chegar: seu José, 60 anos, mora na roça dele há 50 e tá sem água há seis meses: “eu tenho que andar 5 quilômetros todo dia para pegar m pouco, todas as vacas morreram”, comenta seu José. Eu posso ir lá nele, fazer uma foto nesse cenário e pegar e narrar...posso desenhar esse cenário. A grande questão, se eu vou fazer isso na foto, desenhado, reproduzindo, interpretando o lugar, desde que eu não altere o texto do seu José, por ser Jornalismo, ter que estar atento ao fato, realidade. No caso dos Novos Baianos eram memórias, claro que aquele banco onde Moraes era caixa não sei se era daquele jeito, mas era um banco. Baby e Pepeu em baixo da ponte conversando, no começo, são só sombras em baixo de uma ponte de Salvador, a cena existiu e Gentil interpretou. Como é uma memória, entendeu? Agora vai estar sempre muito mais perto da literatura. Se você não está mentindo, não tá inventando texto, tá narrando a coisa, você só deu aquela nova roupagem. Eu acho que é plenamente válido.

**6. Você acha que pode ser considerado um novo gênero do jornalismo?**

Eu acho que pode ser sim, porque você pega uma revista, a Trip, aquele jornalismo de impressão, ali tem muito de literatura. O jornalista vai lá, ele viu, foi numa praia e viu um pescador e a maré vazando. Ele pode se ater a aspectos daquela máquina. Ele pode dar mais importância ao sol e a vazante e menos importância a um garoto ou cachorrinho que passou na hora ou ele pode pegar aquele cachorro para compor. Ele tá selecionando da realidade, certo? Filtrando e descrevendo o que ele quer, construindo uma cena para narrar uma história. Se você tá usando palavra para descrever você pode também usar desenho, foto. O que é importante é se você está atento aos fatos, se tem números, dados, ouviu os dois lados, o básico do jornalismo. Se sua narrativa atende a isso é jornalismo do mesmo jeito. Jornalismo veio da literatura e estabeleceu-se como gênero, dentro dele outros gêneros surgiram. Assim, as coisas são vivas, agora tem que se pensar se é uma coisa que está nascendo, tem que estabelecer regras...todo gênero tem regras.

**7. Seria possível fazer jornalismo diário com HQ?**

Claro que é possível! Tudo depende do esquema. Só que significa que eu vou ter um ou dois ilustradores atentos a essas regras, quantos repórteres serão necessários? Ai tem que estabelecer...como é que vamos fazer isso diariamente? Essa pauta tem que ser amarrada e executada mais cedo, porque não dá para você chegar para fazer uma página de quadrinhos a partir de 17h, 18h. Por enquanto acho que ele funciona para coisas especiais, no dia a dia...para isso tem que ter uma equipe. A não ser que você tenha um jornalista que seja também ilustrador e mesmo assim terá muito trabalho. A execução é longa.

**8. Existem temas específicos que ficariam melhor em JHQ?**



Eu acho impossível *hard news* ser em quadrinhos, a não ser que ele seja muito curto. Eu acho que tem umas histórias que podem e funcionam muito bem, todo jornalismo de impressão funciona muito bem, perfis. É aquela coisa: ele resolve tudo que você não tem mais como conseguir a imagem ou vídeo.

**Rafael Baldo Guimarães** é autor, junto com Fabiano Messias, do Trabalho de Conclusão de Curso com o título: *Jornalismo em quadrinhos: uma análise do uso da nona arte como suporte para a narrativa jornalística, em 2003*. Entrevista via skype realizada em 28/10/2011.

**1. Como surgiu a ideia de pesquisar sobre isso?**

Eu e o Fabiano...a gente sempre gostou de quadrinhos. No nosso trabalho Fabiano ficou mais com parte relacionada ao jornalismo e eu mais com os quadrinhos, mas a gente sempre se interessou. E aí, quando foi lançado, pela *Conrad*, as obras do Joe Sacco, a gente achou muito interessante e perguntamos se podíamos fazer isso para a monografia. A principal dificuldade que a gente teve foi justamente encontrar material de referência porque até mesmo o trabalho do Aristides foi na mesma época, mas só fiquei sabendo uns dois, três anos depois. Quando a gente fez praticamente não tinha nenhum material de referência.

**2. Como vocês escolheram o tema dos quadrinhos como suporte para o jornalismo?**

Foi especialmente pelo Joe Sacco. Ele é o principal...não digo que é o único, mas é o principal e, infelizmente, a referência mais...não que o trabalho dele seja ruim ou desmerecendo...muito pelo contrário...longe disso...é porque não houve outras iniciativas que tiveram a repercussão que o trabalho dele teve, entendeu? É o que a gente tinha na época e é um limite do que você tem em termos de mercado. O Joe Sacco, mercadologicamente falando, ainda é o principal e único expoente do Jornalismo em quadrinhos.

**3. Você acha que dá para fazer JHQ com diferentes temas?**

Eu acredito que assim como o Jornalismo não tem limite de tema...você pode escrever de celebridades até cobertura de guerra, área econômica, o JHQ também não tem esse limite. Às vezes pode-se apresentar esse limite pela própria falta de obras nesse sentido. Falta do JHQ e outros gêneros em política e economia, mas acredito que não tenha limite.

**4. O JHQ poderia ser considerado um novo gênero jornalístico?**

Então, assim, eu acho que é uma necessidade cartesiana da gente, principalmente dentro da academia...vamos colocar aqui ou ali, isso é jornalismo ou é quadrinhos? Então, eu acho que cada vez mais os gêneros estão se fundindo. Ele é Jornalismo e ele é quadrinho e não é nenhum dos dois também...fica difícil categorizar se é uma coisa ou outra. Eu acho que é entrar naquela velha discussão se o quadrinhos pode ser literatura. Tem “n” argumentos dos dois lados e eu acho que talvez mais importante do que falar do que é jornalismo ou quadrinhos é aceitar essa duplicidade, essa categoria.

O híbrido é um fenômeno recente...não de existir só agora, mas de ser percebido

agora. Você vê o fenômeno dos *mechaps*. Você pega um vídeo no youtube, coloca uma música em cima, mistura com outras. O que que é? Cópia, homenagem, coisa nova? É algo novo sem abandonar as raízes. Eu acho que essa necessidade de delimitar como JHQ é uma forma de principalmente de ressaltar que é uma produção jornalística, arte, quadrinho, que tem suas diferenciações e é uma maneira de você destacar isso. E também mostrar, por eliminação, o que não é Jornalismo em quadrinhos. No trabalho que fizemos, mais do que explicar o que que é, a gente foi falando o que não é. Pegamos quadrinhos de super-heróis, mangá, graphic novel brasileira, americana, falando que eles tem certas características de JHQ, mas não necessariamente o são. Ai depois fizemos essa complementação.

**5. Tem pontos particulares, desde a época da sua pesquisa, que podem ser considerados consolidação do JHQ?**

Na monografia a gente propõe três pontos de ruptura do que seria uma HQ normal e o que seria o JHQ. A gente entrou também na questão de ser JHQ pelo seguinte: o Jornalismo tem que estar presente dentro da obra de quadrinho. Jornalismo não é só escrito, não é só imagem. Três pontos para se observar era ter personagens reais, em situações reais – a obra deveria ter isso – ter ambientação histórica fiel, baseada em fatos e, em terceiro, ela poderia seguir o *New journalism*. Pegamos essa escola pelo Sacco ser Jornalismo, narrativa, dele entrando, a visão em primeira pessoa, alternando com a visão em terceira pessoa, mais aberta dos fatos, mas o jornalista não se excluindo dentro da história do que ele viveu, sentiu. Esses três pontos não caracterizam o JHQ, mas uma obra sem esses três pontos...na nossa visão não pode ser considerada JHQ.

**6. Você acha que as obras autobiográficas não seriam JHQ?**

Não. Por causa da apuração e pela falta de compromisso, talvez, em buscar o outro lado, entendeu? Porque ele é prioritariamente contando a história do jeito que a pessoa observou e muitas vezes sem se preocupar como o outro lado observou a outra história.

**7. Acha que o traço deva ser realista pela credibilidade?**

Eu acho que talvez ele não possa brincar com o antropomórfico. Por exemplo, como o *Maus* faz. Nesse ponto acho que ele já toma uma liberdade artística que já foge do esperado para o JHQ. Agora o Joe Sacco tem muita bagagem...se você ver os trabalhos dele e comparar com a contracultura da década de 60, 70, do Crumb e de todo esse pessoal, obviamente que o Sacco é mais refinado, mas ele tem uma carga visual muito semelhante dessa época. Se isso vai contribuir ou não com absorção da pessoa em ler, acredito que não. O principal problema é que faltam obras para mostrar o contrário ou para confirmar a regra, entendeu? Você fazer um desenho hiper-realista, HQ com o desenho do autor do *Vagabond*, é um cara que desenha em estilo *Gekigá* [estilo mais adulto do mangá japonês], que é altamente realista, com aquelas hachuras, especificação muito técnica em mostrar a realidade daquele cenário, acredito que venha a ganhar para o JHQ em termos de absorção. Mas o JHQ não é só o visual, é o texto. E isso sendo o mais importante para definir uma obra como JHQ, acredito que o estilo não ajude nem atrapalhe *a priori*.

**8. É possível ter experiência em *hard news*?**

Acho difícil...impossível não acho. Tendo dinheiro e investimento você consegue fazer qualquer coisa no Jornalismo, mas falta isso. Ou separar duas, três pessoas para fazer isso de modo rápido, diário...acho complicado com recursos e a visão do JHQ atualmente. No nosso trabalho fomos questionados se fossemos continuar o trabalho em um mestrado seria interessante focar, ter capítulo a parte nessa questão mercadológica. Não acho que ficou muito diferente até hoje. As produções ainda são esporádicas, seja diárias ou mensais essas produções e vem muito da questão do autor querer fazer do que talvez o próprio jornal ou a mídia querer fazer um gênero. Eu acho que funciona melhor dessa forma que é publicada atualmente, que são publicadas em compilações, em livros, do que *hard news*.

**9. Quais as potencialidades do JHQ e o que ele agregaria, na sua opinião, ao Jornalismo?**

Acho que principalmente atrair um público que não lê mais jornal. Quando todo mundo tiver seu Ipad, seu tablet e pode colocar a publicação que quiser e ler lá eu acho que esse novo meio talvez possa atrair mais. E principalmente um público novo, que não está acostumado a ler jornal, mas as vezes gosta de quadrinho, arte...com os vídeo, animações, o meio pode evoluir para *emotion comics* [quadrinhos animados], ou para alguma coisa em termos de arte. Pegar quadro a quadro e fazer animação. Eu to extrapolando o que pode ser...se o JHQ nem mercadologicamente vem a ser uma alternativa viável fora dos livros, especialmente do Joe Sacco, acho que ele tem que se resolver nessa área para depois ver se ele tem potencial para virar alguma coisa que atraia mais público.

**10. Após o seu trabalho em 2003, você voltou a ter contato com o tema?**

Depois que eu fiz o trabalho, a gente ficou bastante empolgado em fazer alguma coisa experimental, mas principalmente em voltar ao trabalho acadêmico e colocar essas questões do mercadológico, dos novos exemplos e tudo mais. Eu nunca deixei de acompanhar as experiências, mas o meu tipo de trabalho com relação a isso foi de orientar as pessoas que fizeram algum trabalho com tema em cima, mas especificamente produzir algum artigo ou algum material a respeito eu não fiz. Se o tempo permitisse eu gostaria muito de iniciar obra em JHQ, mas à medida que vamos ficando mais velho o tempo vai diminuindo sempre, é um artigo de luxo [risos]. Tenho vontade sim.

## **ANEXO II**

O CD entregue à banca contém os conteúdos deste Anexo II – algumas das reportagens em quadrinhos citadas no presente trabalho.

## Referências bibliográficas

ARBEX, José Jr. *Prefácio*. In SACCO, Joe. *Palestina – edição especial*. São Paulo: Conrad, 2011.

ARAÚJO, Anderson. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 02/10/2011. Brasília: UnB, 2011.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e técnica*. São Paulo: Martins, 1967.

BARBOSA, Alexandre. *Histórias em quadrinhos: a coexistência da ficção e realidade in VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo. Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo: Devir, 2009.

BEAU, Michel. *Arte da tese*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Interpretativo: Filosofia e técnica*. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIBE-LUYTEN, Sonia. *O que é História em Quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CARVALS-BARON, Annie. *La historieta*. México: Solar, 1985.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar – travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 2007.

CIRNE, Moacy. *A escrita dos quadrinhos*. Natal: Sebo Vermelo, 2005.

CIRNE, Moacy. *Bum! A explosão criativa dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

COSTA, Lailton Alves da. *Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil*. Disponível em [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/10/GT4-\\_17-\\_Jornalismo\\_brasileiro-\\_Lailton.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/10/GT4-_17-_Jornalismo_brasileiro-_Lailton.pdf). Acesso em 14/11/11.

DUTRA, Antonio Aristides Correia. *Jornalismo em quadrinhos: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Quadrinhos e Jornal – uma correspondência biunívoca*. São Paulo – São Paulo. 2000.

\_\_\_\_\_. *Três camadas da relação entre quadrinhos e jornal*. In: INTERCOM – XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002, Salvador. Anais. Salvador: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002.

\_\_\_\_\_. *Quadrinhos de não-ficção*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, p.24, 2003, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

\_\_\_\_\_. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 20/10/2011. Brasília: UnB, 2011.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Um Contrato com Deus*. São Paulo: Devir, 1978.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 2001, 5ª Edição

ECO, Umberto. *Leitura de Steve Canyon*. In *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2004. 6ª ed.

GOMES, Iuri Barbosa. *Jornalismo em quadrinhos: território de linguagens*. In: Intercom – S Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

- VII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2009, Porto Velho – RO, 2009.

GOMES, Iuri Barbosa. *Jornalismo em quadrinhos: Mediações experimentais entre comunicação e artes*. In: Intercom – S Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

– XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal – RN.

GUIMARÃES, Edgar. *Uma caracterização ampla para a história em quadrinhos e seus limites com outras formas de expressão*. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <http://klicarte.no.sapo.pt/historiaeartes.pdf>.

GUIMARÃES, Rafael Baldo. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 28/10/2011. Brasília: UnB, 2011.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo em quadrinhos: uma análise do uso da nona arte como suporte para a narrativa jornalística*. Brasília: UnB, 2003.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Antonio Roberto. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.

JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca*. São Paulo: Contexto, 2008.

JUNIOR, Juscelino Neco de Souza. *A estrutura da reportagem em quadrinhos e a prática jornalística*. In: Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXXIII Congresso de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba – Paraná.

JUNIOR, Juscelino Neco de Souza. *A linguagem dos quadrinhos e do jornalismo*. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2009, Blumenau – Santa Catarina.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. *A apuração da notícia – métodos de investigação da imprensa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

JUNIOR, Gonçalo. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LEITE, Beto. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 19/08/2011. Brasília: UnB, 2011.

LIMA, Marcelo Oliveira. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 29/10/2011. Brasília: UnB, 2011.

LUYTEN, Sônia M. Bibe. *O que é a História em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LUYTEN, Sônia M. Bibe (Org.). *Histórias em quadrinhos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

McLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: MBooks, 2005.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Summus, 1988.

MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MELO, José Marques de. *Quem tem medo dos quadrinhos?* in LUYTEN, Sônia M. Bibe (Org.) *Cultura pop japonesa: mangá e animê*. São Paulo: Hedra, 2005

\_\_\_\_\_. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 3a ed.

MARQUES DE MELO, José e ASSIS, Francisco. *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. 1 Ed. São Paulo: UESP, 2010. 331p.

MACIEL, Gil. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 18/10/2011. Brasília: UnB, 2011.

MOYA, Álvaro de, CIRNE, Moacy (org.), AIZEN, Naumin, d'ASSUNÇÃO, Otacílio. *Literatura em quadrinhos no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

NEGRI, Ana Camilla. *Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, p. 24, 2003, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva e PASSOS, Mateus Yuri. *Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos* in <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1126-2.pdf> Acesso em 8/09/2011

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração editorial, 2003.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. *A reportagem jornalística no Jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero*. Disponível em [http://busca.unisul.br/pdf/69876\\_Conceicao.pdf](http://busca.unisul.br/pdf/69876_Conceicao.pdf) Acesso em 29/09/2011

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elisio. A pesquisa sobre histórias em quadrinhos na Universidade de São Paulo: análise da produção de 1972 a 2005. UNl revista. São Paulo, v. 1, n 3, p.1-12, 2006.

PAIM, Augusto. *Jornalismo em quadrinhos: os filhos de Joe Sacco*. Disponível em <http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc44/index2.asp?page=materia1> Acesso em 10/09/2011.

\_\_\_\_\_. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 28/09/2011. Brasília: UnB, 2011.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

PARRAT, Sonia Fernandez. *El debate en torno a los géneros periodísticos en la prensa: nuevas propuestas de clasificación*. In Zer Revista de estudios de comunicación. Acesso em 10/11/2011

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. *História em quadrinhos: gênero ou hipergênero?*. São Paulo: Estudos Lingüísticos, 2009.

REIS, Juliana. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 23/10/2011. Brasília: UnB, 2011.

SACCO, Joe. *Palestina – edição especial*. São Paulo: Conrad, 2011.

\_\_\_\_\_. *Gorazde: A Guerra Na Bósnia Oriental (1992-1995)*. 2ª edição, São Paulo: Conrad, 2000.

\_\_\_\_\_. *Sabatina Folha de São Paulo/UOL com Joe Sacco*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/942248-veja-integra-da-sabatina-com-o-quadrinista-joe-sacco.shtml> Acesso em 8/9/2011.

SAID, Edward. *Homenagem a Joe Sacco*. In *Palestina – edição especial*. São Paulo: Conrad, 2011.

SALES, Kleber. *A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em quadrinhos (JHQ)*. Entrevista concedida ao autor em 02/11/2011. Brasília: UnB, 2011.

SANTAELLA, Lucia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

SOUSA, Joaquim Pedro. *Elementos do Jornalismo impresso*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf> Acesso em 20/11/2011.

STAROBINAS, Marcelo. *Jornalista usa os quadrinhos para relatar a guerra*. Folha de S. Paulo, 29.4.2001, Ilustrada.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005, 2ª edição

UTARD, Jean-Michel. *O embaralhamento dos gêneros midiáticos. Gêneros de discurso como conceito interdisciplinar para o estudo das transformações da informação midiática*. In: Comunicação e Espaço Público, Universidade de Brasília, Ano VI, Nº 1 e 2, 2003, p. 65-82

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

## **Webgrafia:**

<http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc44/index2.asp?page=materia1>

<http://www.rlesh.110mb.com/>

<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11381>

<http://stoa.usp.br/mauriciokanno/files/1307/7388/tcc-mpk.pdf>

<http://universofantastico.wordpress.com/2011/03/13/jornalismo-em-quadrinhos-os-filhos-de-joe-sacco/>

<http://www.cartoonmovement.com/>



